INTRODUCÇAÕ

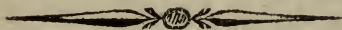
AO

MASTIGOFORO,

OU

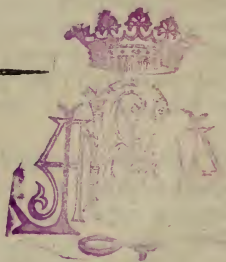
EXAME DO DISCURSO SOBRE AMNISTIAS, EMBUTIDO NA GAZETA DE LISBOA (N.° 25)

POR

O AUTHOR DO MAÇO FERREO ANTI-MAÇONICO.

LISBOA:

NA TYPOGRAFIA MAYGRENSE.

ANNO 1824.

Rua de Santo Antonio dos Capuchos, N.° 87.

Venenum aspidum sub labiis eorum.

Ninguem diga desta agoa não beberei. Tinha eu já bem adiantado o N.° 1.° do Mastigoforo, em que mostro o verdadeiro sentido das palavras, e frazes *tabalioas* do Maçonismo, e por ter já definido a palavra Amnistia em o N.° 29 do Punhal dos Corcundas, apenas dizia: = *He palavra grega, e bem grega, hade parecer a muitos, quando eu lha explicar. Amnistia he hum acto de clemencia da parte dos Reis, ou quaesquer outras authoridades superiores, concedido regularmente para suffocar odios, e partidos, e contemplar o verdadeiro arrependimento; mas depois que os Mações vierão, ou sahírão á luz, quer dizer outra cousa mui differente. Amnistia he huma carta de seguro para trabalhar desaffogadamente em novas conspirações, e huma licença para fazerem outra, em que se possão manter, e segurar melhor do que na primeira, de que forão perdoados.* Julgava-me pois desaffrontado para sempre da tal palavrinha, e neste comenos, fazem-me ler o Discurso embutido na Gazeta de Lisboa (N.° 25) que me desmancharia a igrejinha se eu me não resolvesse logo a bater o campo.

A' lerta, vamos-lhe ao folle. Que brilhante discurso sobre amnistias! Se eu escrevêra assim tão culta, e aprimoradamente outro gallo me cantaria! mas infelizmente privou-me a natureza desse dom *celeste* de abrilhantar os nadas, e de os fazer parecer cousas grandes! Se eu exordiasse na materia dos perdões, e dos esquecimentos, diria tudo aquillo com muita simplicidade, e não me esquecendo do *Ex fumo dare Lucem*, por certo, que não me arrogaria os plenos poderes do Maçonismo, que fazem acalmar as tempestades do Occeano pela serenidade do Ceo, *fruto da apparição do benigno Sol vernal*... Porém que mais vivo, armonioso, e retumbante não he o discurso *modelado* por outro gosto mais fino, e mais depurado. !!. Ainda me não farto de o ler, e se eu fosse homem rico de certo o faria abrir em laminas

de ouro, para servir de norma aos discursos infantinos; pois esta classe gosta muito de ouro pelle, de *boles boles*, e outras semelhantes quinquilharias. Vamos ao caso, e tomemo-lo serio, que bem me custa quando se trata da mais vil canalha, que Nosso Senhor deitou a este mundo.

Seria necessario compôr hum livro para refutar por inteiro hum Discurso, onde *formigão* os erros politicos, e religiosos, e os maiores desacertos, e falsidades. Por isso eu me restringirei ao que me pareceo mais digno de censura, a que devem estar sujeitos todos os escritos, quando são olhados como peças de eloquencia, ou de politica. Tratarei de combater o que me azedou mais, e que mostrarei ser digna producção do Seculo Maçonico.

Deixando agora de parte essas *Virtudes Romanas*, que forão muito menos do que o *atilado Escritor* pensa, ou finge pensar, e que por estatuto da *Maçonaria* se exaltão acinte, para serem deprimidas as virtudes christãs, que por isso nenhum papel destincto fazem em toda essa *perlenga* de felicidades para o genero humano; começarei por atacar, e forçar esse intrincheiramento de amnistias velhas, com que nos mata a paciencia, mas que felizmente hade hir a terra com hum sopro, não de *embravecidos aquilões*, mas de hum *placido Zefiretto*. Esses homens, a quem forão concedidas as *amnistias velhas*, erão homens de outra laia, as mais das vezes illudidos, e desencaminhados por intrigantes habeis, e ardilosos, que lhes pintavão o crime debaixo das seductoras apparencias de hum dever sagrado; erão homens capazes de ensino, e de arrependimento, o que não succede, nem póde succeder com os Revolucionarios Pedreiros Livres. Já o grande Burke os definio maravilhosamente, e os taxou de incorrigiveis. Com Atheos não ha nem póde haver capitulação; toda a que houver cederá em transtorno, e ruina total de sociedade, e por boas contas a sociedade vem a perder mais em hum só realista cobardamente assassinado pelos Mações, do que em milhares destes infames condemnados á morte por inimigos de toda a Religião, e de toda a Sociedade. Para que o elegante *discursador* procedesse de boa fé, ou com boa Logica, devia mostrar-nos primeiramente, que huma sociedade obrigada pelos mais terriveis juramentos a exterminar os Reis, e abolir o Catholicismo, possa abrir mão facilmente destes artigos capitaes, que são o movel, e o ultimo de potencia das suas tenebrosas reuniões. Olhando, como *de facto* olhão para Reis, como huns liberticidas, e inimigos dos póvos, e para os Sacerdotes, como propagadores do *fanatismo*; como poderão elles congraçar-se deveras com o throno que detestão, e com a Fé, que desejão ex-

terminada do universo? Huma seita que involve contradicção a tudo, e com tudo, o que nós mais respeitamos, nunca existirá sem urdir novas tramas, e novos meios de supplantar os seus inimigos, e prova de não a conhecer, ou de pertencer a ella, quem abona os seus futuros procedimentos, de leaes, religiosos, e irreprehensiveis. Hum erro parcial chega a emendar-se, a quinta essencia de todos os delirios, e de todos os erros, não dá esperanças de correcção, menos que esta se digne baixar do alto dos Ceos, onde existe a graça, que converteo os Saulos... Mas que digo eu? O proprio Saulo obrava por afferrado a sua lei, obrava com hum zelo mal entendido, mas sincero, e mais filho de ignorancia que de perversidade; e quem sustentará que os Maçóes peccão por ignorancia, e que por hum exaltado amor á justiça tem querido alliviar o genero humano, como elles dizem, dos insuportaveis ferros do despotismo... O erro dos Maçóes he de vontade, e não de entendimento, he só de pura malicia, e em todas as historias dos grandes crimes, que tem deshonrado o genero humano, eu não encontro hum só comparavel a este, e he necessario, que remontando-me a outra classe de seres, eu descubra no pertinaz, e affincado orgulho de Satanaz, e dos Anjos rebeldes, huns visos de semelhança com o peccado dos Maçóes... Observão estes o máo successo das theorias modernas, acabão de ver toda a Europa alagada em sangue, e nem por isso deixão de querer tentar em a sempre Leal, e affamada Lusitania, mais outro ensaio das suas doutrinas, e acarretão sobre nós esse diluvio de males, que a despeito das clemencias, e das amnistias, clamárão sempre vingança justa, e legal contra os seus authores, por ser este o unico expediente saudavel para empecer á continuação dos mesmos delirios, e para fazer cahir em si, os que são inaccessiveis á poderosa influencia dos remorsos. Todo o Soberano pois que cégamente perdoar aos Maçóes, levado simplesmente de idéas de clemencia, qual Deos não tem, (porque Deos castiga os máos) longe de cumprir os seus deveres, e de ser propicio a esses malvados, prejudica-se gravemente a si proprio, fazendo-se responsavel por todos os crimes, que elles perpetrarem para o futuro, e estanca-lhes as fontes do conhecimento proprio, da viva consideração de seus erros, e da abominação de seus crimes. Perdoar a hum réo de crimes atrocissimos, e deixa-lo vaguear a seu sabor pelo meio da sociedade, que elle perturbou com as suas intrigas, denuncias, e maldades, he mais hum acto de arbitriaridade, que de clemencia, e os que são chamados pela Providencia para dizerem aos Reis a pura verdade, e a desfigurão a ponto de fazerem consistir a imagem de Deos nos Soberanos,

em perdoarem a torto, e a direito, são bem pouco amigos do seu Rei, e da sua patria. Não merece tal censura o Duque de Sully, arrastrado pelo *discursador* para o indecente papel da *campainha* das amnistias. Já transcrevi em o N.° 29 do punhal dos Corcundas, as suas formaes palavras, que nem por isso favorecem a doutrina dos Mações, que he philantropica todas as vezes que se considerão, ou estão debaixo; assim como he tyrannica, e violenta, quando estão em cima... (*) *Vossa Magestade*, dizia aquelle grande homem de estado a Henrique 4.° de França, tem todas as razões para dar castigos exemplares, e era o meu voto, que se infligissem a essas almas ímpias, *que não podem ser mettidas na razão, e contidas no seu dever, nem pelo amor, e consideração á virtude, nem por se lhes fazerem beneficios, nem por se lhes perdoarem os crimes, nem pela apprehensão do castigo.* Parece que o Duque de Sully fazia anticipadamente o retrato dos Pedreiros Livres, e quem depois de ler o seu voto, ousa chama-lo para defensor das *amnistias liberaes*, e *indiscretas*, bem mostra ser hospede nos mesmissimos factos historicos, de que abusa para sustentar a sua causa... Não he porém de admirar, que o nosso *discursador* falhe, e claudique perpetuamente no que allega da historia dos reinos estrangeiros, quando parece não ter lido nunca a historia de Portugal, o que por certo aggrava o seu delito, pois não se contentando de ser o advogado dos Pedreiros Livres, corrompe, e adultera os factos de nossa historia, como quem diz para os seus botões. Escrevo para hum rancho de estupidos, que ficaráõ de bôca aberta para quanto eu disser, e ninguem ousará contrariar o privilegio da *inerrancia Maçonica.* O inclito restaurador da Monarquia Portugueza citado para exemplo dessas amnistias sempre fataes, e desairosas para os Soberanos! O Senhor D. João 1.° disfarçando, e perdoando aos que lhe faltárão a fé!!! He huma affronta mais pezada para elle do que foi a perpetrada pelos Francezes, quando em 1810 lhe despedaçárão o seu jazigo no Convento da Batalha; pois estes lhe espalhárão os ossos, e lhe perturbárão o repouso das suas frias, e desanimadas cinzas, e o *discursador* ataca-lhe a reputação, e faz quanto nelle he para que este Soberano deixe de ser entre nós *o da boa memoria*? Ainda mesmo que se concedesse a existencia desta *sonhada* amnistia, nem por isso ganhavão os Pedreiros Livres huma só pollegada de terreno. Era tão melindrosa, e sujei-

(*) Para lhe hirmos arrancar as entranhas, beber-lhe o sangue, e lançar aos córvos o immundo cadaver ainda palpitante!! Gazeta de Lisboa N.° 32 pag. 131.

ta a dúvidas, nesse tempo a questão sobre quem devia succeder na Coroa, se a Filha do ultimo Rei o Senhor D. Fernando, se os filhos do Senhor D. Pedro, e de D. Ignez de Castro, se o Mestre de Avís, quanto he líquida, e facil de decidir em nossos tempos já desassombrados daquellas turbulencias, e auxiliados do poder em taes lances irresistivel dos acontecimentos, que a final derão a Coroa ao que no principio da contenda, parecia o ultimo dos pertendentes. Os que seguião a voz, ou da Rainha de Castella, ou dos Infantes, filhos de D. Ignez de Castro, seguírão máo partido he certo, mas quem sabe a fundo o que se passou naquellas eras, quem compara o assentado nas Cortes de Leiria, anteriores á morte do Senhor D. Fernando, com os successos posteriores, necessariamente se inclina a favorecer os que deixárão a voz do Mestre de Avís, pelo menos em quanto ao crime de Leza Magestade, de que podem ser arguidos. Ora os Pedreiros Livres estão em hum caso mui differente; e em comparação destes podem aquelles ser tidos como outros tantos modelos de obediencia, e lealdade ao Throno Portuguez. Erravão sim os entendimentos, chamando para a Successão hum Rei que devia ser excluido, conforme as Leis fundamentaes do Reino, porém os corações erão Portuguezes, e caminhavão para onde assentárão que existia o direito á Coroa. Os Pedreiros Livres conhecião, e devião conhecer o direito com que reinava em Portugal, e suas conquistas o mui Alto, e Poderoso Rei o Senhor D. João 6.°, mas fiéis ao ímpio, e sacrilego juramento de exterminar os Soberanos, tiverão a sacrilega ousadia (ainda hoje me estremece o coração de quanto vi, e ouvi neste assumpto!) de o esbulharem do throno, e de o condemnarem a ser hum simples mandatario dos arestos do Maçonismo!! Tanto maior, e mais punivel he este crime, quanto menos razão havia para o commetterem, e para enxovalharem o credito nacional! Mas demoremos este quadro de infamias, e atrocidades, consultemos os Livros do primeiro anno do governo do Senhor D. João 1.°, e vejamos como elle tratou os que seguírão a voz de Castella. Estremeço de ser fastidioso, mas pede o caso que se patenteie, e desmascare a ignorancia do tal *discursador*. São factos extrahidos da Torre do Tombo, pelos Chronistas móres Brandões, em cuja authoridade eu me fio, como se estivera revolvendo os proprios originaes.

Por determinação de 4 de Março de 1385. — Dá a Vasco Lourenço, seu criado, os bens de Gonçalo Gil de Carvalho, em Béja, Alcacer, e Sant-Iago de Cacem, por andar em seu desserviço.

Lisboa 10 de Março. — Dá o Morgado de Mcedelo, que

trouxera Vaasco das Leis, e então Estevão Fernandes, Abbade de Bouças, que estava em Santarem com ElRei de Castella, a Gonçalo Rodrigues de Galafura, por ser da linha do instituidor.

Lisboa no mesmo dia. — Dá os bens de Vaasco Pires de Camões, por ser em seu desserviço, a Gil Affonso, seu criado.

Lisboa 23 de Abril. — Dá a João Rodrigues Pereira, a honra de Gallegos, como a trazia o Conde de Viana, que andava em seu desserviço, e destes Reinos.

Torres Vedras 13 de Fevereiro. — Dá a João Homem, seu vassallo, o Couto de Carvalho, confiscado a Alvaro Gil de Carvalho, que andava em seu desserviço.

Lisboa 1 de Fevereiro. — A Fernam Dalvares, Veedor da sua casa, os bens de Estevão Filippe, que andava em seu desserviço.

Lisboa 5 de Abril. — Os bens de D. Juda, Thesoureiro d'ElRei D. Fernando, fugido a Castella, a Gonçalo Rodrigues de Abreu.

Lisboa 10 de Maio. — Dá a Rui Vaasques de Elvas, os bens de Rodrigo Annes, morador em Campo Maior, porque andava com seu pai em desserviço d'ElRei.

Lisboa 30 de Maio. — Dá a Alvaro Pires do Avellar, seu Escudeiro, todos os bens, que Rui Lopes, filho de Lopo Simões, havia em Lisboa, e seu termo, por andar com ElRei de Castella.

Lisboa 14 de Junho. — Dá a Mem Rodrigues de Vasconcellos, os bens, que João de Couto, criado do Conde de Barcellos, e João Affonso, aio do filho do dito Conde, havião em Lisboa, por serem em ajuda d'ElRei de Castella.

Lisboa 17 de Junho. — A Martim Ribeiro, Escudeiro de João Lourenço da Cunha, os bens que Vaasco Gonsalves Ferro, tinha na Guarda, por ser em desserviço destes Reinos.

Lisboa 26 de Maio. — A Fernam d'Alvares Pereira, os bens de Paio Rodrigues Marinho, porque andava em desserviço destes Reinos.

Lisboa 18 de Junho. — Dá por termo a Anciães os Lugares de Alijó, e Favaios, que erão termo de Villa Real, que ora está por Castella.

Lisboa 15 de Junho. — Dá ao Conselho de Anciães, os bens de João Rodrigues Porto Carreiro, no termo da dita Villa pelas perdas desta guerra.

Lisboa 24 de Maio. — A João Homem, Escudeiro, os bens de Fernando Affonso de Mascarenhas, os quaes havia em Besteiros, por andar com ElRei de Castella.

Lisboa 26 de Junho. — A Vaasco Martins, seu Escudeiro, os bens de João da Mota, que erão em Obidos, por ser elle contra estes Reinos.

Lisboa 20 de Junho. — A João Lourenço da Cunha; Cavaleiro, os bens de Affonso Martins, Escrivão d'ElRei D. Fernando, que andava com ElRei de Castella.

Lisboa 1.º de Abril. — A Luis Henriques, seu Escudeiro, os bens que Pedro Esteves do Bombarral tinha em Obidos por ser em consentimento de darem a dita Villa.

Lisboa 3 de Maio. — A Fernam Lopes de Abreu, seu criado, morador em Elvas, os bens de Lourenço Annes, morador em Campo Maior, que tinha voz por Castella.

Lisboa 2 de Agosto. — A João Rodrigues de Sá, seu vassallo, os bens de Pedro Esteves, Prior de S. Pedro de Alemquer, que tomou voz por ElRei de Castella.

Lisboa 20 de Agosto. — A Martim Ferreira, Escudeiro, os bens que Gonçalo Romeu havia em Guimarães, porque aconselhou, que se désse a dita Villa a ElRei de Castella.

Escalhão 26 de Maio de 1386. — A Pedro Rodrigues de Vasconcellos, os bens, que tinha Entre Douro, e Minho, Fernan d'Esteves Cavallinho, que foi em consentimento de se venderem os castellos de Norverga, e Lanhoso aos inimigos.

Escalhão 6 de Julho. — A Luis Domingues, os bens de Leonor Rodrigues, mulher que foi de Paio Rodrigues Marinho, por morar em Castella.

Santarem 12 de Maio da era de 1407. — A Rui Vasques de Refoios, a Villa de Almeida, e os bens dos moradores da dita Villa, porque todos se passárão a Castella.

Eu seria infinito se quizesse apontar os exemplos de rigor, e severidade com que o Senhor D. João 1.º abrio o seu faustissimo reinado. Separei alguns que me parecêrão mais notaveis, e mais idoneos, para se conhecer a sua tendencia para as amnistias, ou perdões geraes. Bastava o pertencer á familia de hum traidor, bastava o ter dado consentimento para a entrega de praças ao inimigo, immediatamente se infligia a pena de confiscação, por certo a maior a que dava lugar a ausencia dos réos. Muito de proposito accrescentei o ultimo exemplo de data mais recente que os outros, para vermos, que até povoações inteiras forão condemnadas á justa pena de confisco dos seus bens, ainda que nestas demonstrações de rigor com a Villa de Almeida, reluzia eminentemente a discreta piedade deste Soberano. Quando alguns daquelles habitantes cahindo em si, e chorando amargamente o seu erro, voltárão a suas cazas, foi ElRei prompto em

lhas restituir, indemnizando em outra parte a Rui Vasques de Refoios, mas a isto he que se chama dar entrada á misericordia, sem gravame da justiça, e fizessem outro tanto os incorrigiveis Pedreiros, que só ficarião sendo objectos de lastima, assim como o tem sido, e continuão a ser da indignação geral, pela impudencia, e desaforo dos seus procedimentos.

Forte pena me acompanha agora de não transcrever a Lei contra todos os que se achárão na Batalha, ou encontro de Alfarrobeira por parte do desgraçado Infante D. Pedro! mas fique guardada para outro combate com os Pedreiros, e entremos hum pouco mais pelo campo da historia *moderna*, em que o infeliz *discursador* mostrou ainda ser mais hospede, que na antiga.

Ninguem definio melhor as amnistias do que hum Rei, que vinha sentar-se em hum throno, rubricado com o sangue de seu malfadado Pai. Quando propozerão a este Rei (Carlos 2.° de Inglaterra) *a amnistia*, *e o esquecimento*, disse para os circunstantes. = *Entendo*; *amnistia para os meus inimigos*, *e esquecimento para os meus amigos.* = Já notei em outra parte dos meus escritos, que esta amnistia pareceo tão excessiva, e desaresoada ao Parlamento, que exceptuou della os matadores de Carlos 1.°, para que a Europa não julgasse pelo esquecimento, ou perdão de tal crime, que a nação fora cumplice de Cromvvel, e seus sequazes. Muito mal trazidas forão pelo *discursador* as amnistias de Henrique 4.° de França, e de Filippe 5.° de Hespanha. Teve aquelle Rei muitos contradictores á sua elevação ao throno, por ser Protestante, logo que cessou este motivo, cessárão as maiores contradicções; e os que fugião de Henrique 4.° ainda hereje, vierão deitar-se aos pés de Henrique 4.° já catholico, e seria preciso nestas circuntancias, que o Rei desmentisse a profissão de catholico, para negar o perdão, aos já convertidos em seus amigos: Filippe 5.° sabia perfeitamente, que nem o odio á sua pessoa, nem o desprezo da ultima vontade de seu antecessor, erão o fundamento da viva opposição, que lhe fizerão algumas Cidades, e Fidalgos de Hespanha, e não mostraria ser proximo descendente de Henrique 4.° se punisse severamente qualquer adhesão ao seu competidor, e por ventura como dotado que era de alma nobre, teria sobejos motivos para admirar a constancia dos que intimamente persuadidos da justiça do Arquiduque, tinhão feito os maiores exforços para sustentarem o que lhes parecia direito; só o traidor que se vende a todos os partidos, merece o desprezo de todos, porque nenhum servirá de coração, e como importa... He pois audacia Maçonica levada aos ultimos apuros, o quererem taes homens comparar-se aos homens de outro

tempo, em cujas almas nunca fructificárão as venenosas sementes do mais descarado Atheismo. Se Henrique 4.°, e Filippe 5.° tivessem a desgraça de encontrar no seu Reino pessoas imbuidas de principios anti-sociaes, como são os Pedreiros Livres, teria mais que cortar a espada, que ferio o Marechal Biron, e muito mais que escrever a penna, que lavrou a sentença do Almirante de Castella... Em fim, se os Pedreiros querem amnistias *das novas*, que possão ter certa analogia com a que elles tão anciosamente demandão, e mettem á cara, limitem-se ao caso da revolução Franceza, e á triste necessidade, que obrigou Sua Magestade Christianissima, a olhar benignamente, e até contemplar com mercês, e favores, os proprios que cortárão ao ferro da guilhotina a cabeça de seu Augusto Irmão Luis 16. Mas que vantagens tirou elle desse generoso, e nunca visto esquecimento de injúrias feitas ao throno? A sua primeira amnistia aos Francezes, depois de restituido ao throno dos seus maiores, produzio o effeito de se trabalhár em París, á cara descuberta, no regresso do usurpador, e tal amnistia, que bem longe de o firmar no throno, o fez baixar delle, não he das que favorece o *discursador*. Se voltarmos para a segunda, he certo que os mais involvidos na segunda enthronização do usurpador, se evadírão pela fuga á severidade das Leis, que se elles tivessem ficado em París, ou em qualquer outra parte de França, teria o Marechal Ney mais companheiros na sua desgraça. Da segunda amnistia forão exceptuados os regecidas, pois ninguem dirá, que o ser arrojado para fóra da sua patria, seja hum galardão, e huma felicidade; no meio porém de tudo isto importa sabermos qual he a opinião dos homens sizudos da França em pontos de amnistia. Eu começaria agora pelo testemunho de Mr. de Chateaubriand, se o veridico, e eloquente Abbade de Villar (Luis Gaspar Alves Martins) (*) não tivesse já escolhido o melhor, e mais terminante de quanto diz a este proposito aquelle grande homem de Estado; e por isso deverei cingir-me a outras authoridades menos respeitaveis sim; mas nem por isso menos verdadeiras.

Ninguem a meu ver tem discorrido mais a proposito sobre as

(*) Na sua excellente Dedicatoria a ElRei Nosso Senhor, que vem á frente da traducção da Questão Nacional do Abbade Barruel, e onde a lingoagem do coração, arrebata, e faz extasiar os verdadeiros amigos da patria, por mais vezes que a leião, e meditem.

amnistias, do que hum anonymo Francez, o qual depois de se lastimar com toda a razão, de que a palavra *amnistia* tinha sido ha 25 annos como o sinal de novas desgraças, por tal modo, que proferida desde os primeiros ensaios da revolução Franceza, acarretou logo às mortandades de Avinhão, após esta os furores de Setembro, e immediatamente o regicidio de Luis 16, accrescenta o seguinte. » Se hum homem cuja habitação se tivesse alagado, querendo logo a toda a força viver debaixo de cuberto, edificasse outra com os proprios entulhos da primeira, dispostos quasi da mesma sorte, em que a sua quéda os deixára, o viajante que alli passára no tempo do desastre, voltando poucos dias depois, certamente se admiraria de ver ao longe o novo telhado, e da promptidão com que se fizera, mas chegando-se de perto, havia de trocar a sua admiração em lástima. He preciso, diria elle, que seja bem grande a cegueira do dono desta casa, pois não vê que ella hade cahir assim como a primeira. . . . Reflectindo sobre a nossa revolução, o povo Francez, edificando huma nova constituição, apenas outra, apezar de todas as suas diligencias, lhe tem escapado, e pondo o *esquecimento do passado*, e a conservação de todas as injustiças, como o principio fundamental de todas as constituições, parece-me aquelle homem de que ha pouco fallei, todo embebido em reconstruir a sua casa, e tomando cuidados inuteis para a livrar de outra quéda. » (1)

Ora aqui está o conceito em que os bons Francezes tem essas decantadas *amnistias*, e se parece ao *Discursador*, que a indulgencia de Luis 18 o tem consolidado no throno dos seus maiores; engana-se torpemente. Já observámos o que elle tirou da *amnistia*, concedida no ponto de reassumir o sceptro dos seus maiores. Tudo hia ás mil maravilhas, tudo erão incensos, e adorações ao vivo retrato da bondade de Henrique 4.°, e vai senão quando apparece o *homem da Ilha de Elba*, conquista a França sem dar hum tiro, e vai enxovalhar segunda vez o throno dos Borbons na França, convulsa, e atemorizada, porém quieta, e sem se mecher, quando o seu Rei fugia, ou se retirava. Não fosse o poder dos exercitos Alliados, não fossem os heroismos, obrados no campo de Vaterloo, e veriamos quem ainda hoje occupava o throno da França! Se Luis 18 já tem conseguido espezinhar o monstro, que insuflára o General *Breton*, e os Liberaes, ou Pedreiros, seus cumplices, deve-o muito menos ao amor dos France-

---

(1) Du Minist. par. Leopold de Massacré, pag. ultima.

zes, do que aos seus poderosos Alliados. Succedesse, o que Deos não permitta, que os magnanimos Alexandre, Francisco, e Frederico, entregavão a França ao seu destino, e protestavão abrir mão de sustentarem á força de armas *o principio da legitimidade*, e veriamos a que ponto chegava ainda a influencia revolucionaria, naquelles já sobremaneira escarmentados póvos. » Eu sou chamado invencivelmente (escrevia a este proposito hum Author Francez em 1815) para as idéas, que nunca me deixão, e que me perseguem em toda a parte; eu lhe accrescentarei novas explanações, pois nisto he que está o perigo todo, e só desta arte poderemos achar salvamento. Já pintei o mais vivamente que pude, essa inaudita armonia, que se dá em os numerosos agentes da revolução; eu os mostrei, formando no meio do estado, outro povo sujeito a Leis particulares, estabelecidos em huma jerarquia maravilhosa, para mandar, e obedecer, tão despotica em mandar, como servil em obedecer, e que tem por este modo a dobrada organização de huma sociedade secreta de Illuminados, e Pedreiros, que medra, e se fortifica no seio das trévas; e de huma potencia politica, que manobra com estampido, logo que he necessario, e quando he necessario. Nesta combinação a mais infernal, que nunca inventou a malicia humana, poderá a *Irmandade* fazer quanto quizer, em quanto o principio da sua existencia não for atacado, e toda a potencia, que enviarem contra ella, e que não trate senão de a combater por meio de concessões, e mudanças tímidas, e parciaes, não poderá ter senão huma existencia fragil, e passageira. Com effeito apenas derem a esta máquina politica, e mysteriosa, chefes que lhe sejão estranhos, logo os chefes verdadeiros *se acolhem á sombra*, e por meio de huma simples communicação, com alguns dos principaes subalternos, as relações directas achão-se immediatamente restabelecidas; se intentarem romper-lhe as fileiras, mettendo-lhe de permeio, alguns sujeitos, que obrem em sentido contrario; os seus agentes subalternos, habeis na dissimulação, procurão no mesmo instante entre os *irmãos Pedreiros*, e atrevo-me a dizer, quasi por instincto, o ponto de contacto mais proximo, para entrarem desta sorte no movimento commum, que leva tudo comsigo: Foi por este encadeamento habilmente combinado de tantas mólas, dirigidas todas ao mesmo fim, que durante o anno da primeira restauração, Savary pôde governar a policia, Maret, ou Carnot o interior, e cada Perfeito addido a Bonaparte, o departamento visinho daquelle, onde tinhão posto por escarneo hum Perfeito Realista. Assim a execravel aranha restaura com huma actividade incessante as minimas alterações, que experimenta o seu

mortífero tecido, e escondida no centro deste laço inextricavel, sente o mais pequeno abalo de seus fios os mais imperceptiveis, embrulha nelles a sua preza, e depois de a assassinar cobardemente, póde devorala sem perigo. » (1)

Daqui se vê claramente a indole dos Pedreiros na França, que he propriamente o centro da Maçonaria Europea, e bem sei que a tudo isto se chama terrorismo ou exaggeração de principios, mas nisso mesmo se descobre o espirito da seita, cujo fim he adormentar e illudir, para que ninguem presinta a bulha que fazem os seus trabalhos subterraneos, e o mais he que os mesmos da confraria lá de tempos a tempos deixão escorregar da penna algum dos seus melhores segrédos. Reparem os meus leitores neste que lhes vou metter pelos olhos dentro, e vejão que taes são, os *amigos de trolha.* »

» Todos os homens grandes forão intolerantes, e he necessario, que o sejão. Quando se encontre no caminho hum Principe benigno, he necessario prégar-lhe a tolerancia para elle cahir no laço, e para que o partido esmagado tenha tempo de se levantar pela tolerancia que se lhe concede, e de *esmagar o adversario pelo seu turno.* » (2)

Ora aqui temos descoberto e posto ao sol, o motivo porque os Mações querem *amnistias*; e por isso os Reis humanos, e indulgentes são os homens do nosso Discursador, e quando elles governão, he que não ha turbulencias nem desordens! Por isso Luiz 16 com a sua indulgencia e humanidade salvou a Monarquia Franceza das garras dos Pedreiros! Até estes concedem, que elle foi clemente e benigno por extremo, e que além dos mais beneficios derramados sobre o povo Francez, tambem foi tolerantissimo na admissão dos Protestantes aos lugares publicos sem fallarmos agora no seu perdão da pena ultima concedido ao impio Mirabeau, que em paga disto seria o principal agente da sua desenthronização. Quando prevalecem as manhosas idéas de tolerancia, e de impunidade, he que se augmenta o numero dos crimes, perde-se de todo a segurança individual, e vive-se no meio da sociedade como poderão viver os cordeiros no meio de huma alcatea de lobos. Não se envergonhe o nosso discursador de revolver os nossos historiadores, por certo mais atilados e mais filo-

---

(1) Des Revolutionaires, París 1815.

(2) Correspondance de Grimm 1. juin 1772 1. part. Tom. 2. pag. 242, et 243.

sofos, que os seus Rousseaus Voltaires, e Alamberts, e outros advogados da tolerancia. Ahi verá mui bem tratadas e expendidas as causas, que infelicitárão os reinados dos Senhores D. Sancho 2.° e D. Fernando, e que os rigores e extremos de justiça, nem por isso obstarão a que o reinado do Senhor D. Pedro 1.° fosse venturoso... creio porém que he estatuto da maçonaria, inverter os factos antigos como quem diz » o povo não averigua isto e o veneno assim propinado bebe-se a *longos tragos*, e vamos fazendo a nossa fortuna. Mostra-se que não he temerario este juizo, pela confiança que elle toma de nos propôr tambem o Senhor D. João 4.° por modelo das *amnistias*. Sim, o Duque de Caminha, o Marquez de Villa Real, o Conde de Armamar, e outros podem ser boas testemunhas de que elle foi *Sobre maneira indulgente e compassivo* com os que tentárão esbulha-lo da Coroa. Já que apertão comigo devem saber, que o crime daquelles fidalgos não foi tão abominavel como o dos Pedreiros Livres. Por certo que não tinhão elles experimentado a beneficencia d'ElRei D. João 4.° como estes nossos Pedreiros a experimentárão e bem larga da parte do Senhor D. João 6.° Assás clemencia tem elle mostrado..... e não se fartão nunca estes malvados, ainda querem mais!!

Ora que hum Senhor de sua caza expulse hum creado por ladrão, perdoe a injuria e não o leve á forca já he muita clemencia, porém que se trate de lhe pôr a obrigação de o tornar a admittir para o seu serviço, e de lhe confiar novamente a administração do mesmo, em que elle se houve como infiel a seu amo, he apertar muito ôs cordeis, hé afrontar as idéas mais vulgares até da propria decencia, e he em bom Portuguez onde leva a mira o tal discursador desde o principio até ao fim da sua estudada, e bem martelada arenga.

O Segredo de ter os Estados quietos sem castigar os facciosos, he *a pedra filosofal* descoberta pelos Mações, e por isso tratão de o persuadir e inculcar a todos os Soberanos, que assim lhe faz conta lá para os seus arranjos, e se he pasmoso que elles tenhão conseguido pôr huma venda nos olhos a muitos Principes não o he menos que ainda se lisonjeiem, de que este modo de vida lhes durará sempre! Assás tem feito das suas... Já basta... não há cão nem gato que lhes não conheça as boas manhas, e habilidades.

Com effeito, o mui Alto e Poderoso Senhor D. João 6.° deve estar muito contente dessa *quasi amnistia*, que se dignou conceder a milhares de cumplices da invasão Franceza. Estes perdoados, e agraciados forão os primeiros que arvorárão o estandar-

te da rebelião contra o seu bemfeitor, e se o grande Filosofo Seneca teve pela mais grave de todas as penas a que he infligida por homens brandos de seu natural, eu accrescento, e digo, que não há debaixo do sol ingratidão nem maior nem mais punivel, que a usada com o Senhor D. João 6.º; mas que hade ser? Estes malditos Pedreiros não tem nem remorsos, nem vergonha, e o caso está em dominar, e empolgar dinheiro, e por isso o corifeo da Seita dizia, e trovejava » Nimguem póde ser bom Constitucional, sem ter sido bom Jacobino » Ah! que males se terião poupado, se a decantada *Septembrizaida*, de que tanto ralhárão e blasfemárão os Pedreiros, fosse mais ao vivo! Infelizmente as medidas tomadas então pelos Governadores do Reino forão taxadas de rigor excessivo e desta arte a Maçonaria dáquem e dálem már foi trabalhando a seu salvo, e preparando a nossa ruina!!

De huma cousa me admiro eu, e vem a ser de que não appareça, em todo o discurso ao menos huma citação do historiador Filosofo (Tacito) que he o desperdiçado dos Pedreiros, e lá para elles cousa muito acima dos nossos Evangelistas . . . porém os taes heroes costumão fugir ás sete partidas de qualquer autoridade, que os possa incommodar, e para a seita he mais pezada, e mais custosa de levar, huma reprehenção de Tacito, do que seria huma reprehensão de S. Agostinho ou de S. João Chrysostomo, que os Mações quando visitão as livrarias dos Mosteiros ousão denominar *estupidos e materiaes* . . . . Pois hão de *Levar na bochecha* huma reprehensão do seu querido Tacito, o qual nos assegura de que nenhum proveito se tira do soffrimento, e dissimulação com os sediciosos, e que se consegue meramente o faze-los mais atrevidos, e que he huma especie de ordem para que o sejão » *Nihil proficit patientia, nisi ut graviora, tanquam ex facile tolerantibus, imperentur (In vita Agricolæ).*

Já entendo porque o Grão Tacito foi posto a hum canto, julgou o *discursador* que nos devia levar pelo *mistica*, e que fazia assim melhor o seu negocio. Já que nos chama para os textos da Sagrada Escritura, novo genero de fraude com que intenta deitar poeira nos olhos á simplicidade do vulgo, aprenda a conhecer, e interpretar melhor o texto Sagrado. Nenhum dos que elle aponta he a favor dessa amnistia ou perdão geral, que he o fim a que se endereção todos os seus capciosos argumentos. Repare que Deos Nosso Senhor perdoa sómente aos arrependidos, e castiga inexoravel os contumazes, e obdurados. Queremos todos, e quem deixará de o querer? que a paz e a justiça se abracem mutuamente, porém não queremos huma ausencia total da justiça, porque neste caso desapparece inteiramente a paz, que dimanara

da justiça, e tudo he confusão, perturbação, e anarquia, e temos o homem nesse estado de guerra chamado natural por Hobbes, e outros Politicos. Não sei que possa haver lembrança mais infeliz do que produzir lugares do testamento velho, quando se trata de inculcar *amnistias* e mansidões de tal jaez. Se o proprio Senhor dos ceos, e da terra se dignou ser o proprio Rei de huma nação escolhida, a pezar de que tinha em sua mão evitar os crimes com hum simples aceno da sua vontade Omnipotente, assim mesmo quiz deixar aos Reis huma norma, que podessem adoptar como base da administração de seus respectivos imperios. Fez hum Codigo penal (que até no sentir do Irmão Diderot he obra prima) e mandou castigar os delinquentes para exemplo de huns, estimulo de outros e segurança de todos. Ora vejão que argumento se tira deste facto contra as benignas e liberaes opiniões deste discursador. Quando o mesmo Deos he Rei de huma Nação pequena faz castigar e mui severamente os máos.... Logo que hãode fazer os Soberanos da terra, que devem ser imagens de Deos não só em misericordia, mas tambem na justiça?.. Se me replicarem que se tratava do povo Judaico, povo inquieto, e sedicioso, e por isso chamado *duræ cervicis*, eu lhes tornarei, que nunca houve no mundo hum povo mais assistido daquellas prendas que o *povo maçonico*... Nunca, nunca pizárão a terra maiores criminosos do que os Mações precursores do Anti-Christo, e se elles devem ficar isentos do rigor da justiça, então despejem-se immediatamente as cadeas todas, e sejão absolvidos todos os salteadores e homicidas... Tão longe está de ser este o caracter das Leis antiga e nova, que o Santo Rei David chega a dizer, *que o justo hade alegrar-se quando presencear o castigo dos máos, e que lavará as suas mãos no sangue do peccador.* Nosso Senhor Jesus Christo abençôa *os que tem fome e sede de justiça*; o Apostolo das Nações designa os Principes como vingadores do crime, porque de *outra sorte era inutil o cingirem huma espada*, e até no Ceo as ditosas almas dos Santos Martyres pedem com instancia ao Senhor, que lhes *vingue* as suas injurias, e *nomeadamente o sangue que derramárão pela palavra Divina.*

Os bons Christãos, e bons Portuguezes querem nos Reis huma Clemencia rasoavel, e temperada. Clemencia absoluta, e indefinida só querem os Pedreiros, para abusarem della, para ganharem tempo, e para se rirem depois e mofarem das victimas que cahírão no laço de enfeitados, porém mortíferos discursos.

Ora não seja tudo malhar no pobre homem e faça-se-lhe alguma justiça..... Confesso de plano, que do meio daquella espessa nuvem de falsidades sahio alguma cousa verdadeira.

A corrupção dos costumes he sempre a precursora das Revoluções.

E quem a introduzio na Europa, quem a fomentou por artes, e manhas que parecem ter escapado á *mesmissima* perspicacia de Satanaz, excedido nesta parte pelos Mações, seus principaes agentes neste mundo? Quem desencaminhou o mais pacifico, e leal de todos os povos para deslizar dos caminhos da honra e do apego aos seus Reis naturaes, que lhes abrirão os seus maiores, e que elle proprio havia trilhado com esse lustre, que reflectio nas margens do Niemen e do vistula e de lá mesmo foi atrahir novos defensores da melhor de todas as causas? Quem illúdio os Portuguezes com fantasticas promessas, abusando sacrilegamente do proprio amor, que elles tem do fundo da alma ao Senhor Dom João 6.° para os fazer instrumentos do vilipendio, ou antes mudas ê lastimosas testemunhas do aviltamento das Sagradas Pessoas dos nossos Reis? Quem tratou huma Soberana digna dos respeitos e homenagens do mundo inteiro pela sua heroica opposição aos systemas impios e revolucionarios, de hum modo com que não ousarião trata-la os despotas de Argel, e de Marrocos, pois já hum destes mandou tratar como Pessoa Real o Duque de Barcellos, que cahira em seu poder depois da calamitosa jornada de Alcacer? Quem se atreveo a despedaçar o vinculo sagrado que prendia o Eminentissimo Cardeal Patriarcha á Santa Igreja de Lisboa sua Esposa que elle abrilhantou com a sua resistencia aos mandados das insolentes *pestiferas e facciosas* Cortes? Quem excitou á força de máos tratamentos, e de estupidas ameaças os nossos Irmãos do Brasil para se desligarem da *Mãi Patria*, e quem brindou aquelles remotos climas com o presente da Liberdade sempre funesto aos povos, e mormente aos que mal acabão de sahir de infancia do estado social, e que se huma especial providencia não attentar pela conservação da integridade dos dominios da Coroa de Portugal, em ambos os emisferios, não tardará a offerecer as lastimosas scenas de furor, e de carnagem, que hum igual presente da revolução Franceza produzio na Ilha de São Domingos? Quem fez assoalhar as más doutrinas que ha cincoenta annos a esta parte começárão de espalhar-se neste reino ainda em subterraneos, e com a capa das trevas, mas que em todo aquelle periodo não fizerão tantos, e tão graves damnos, como fez desgraçadamente o primeiro Semestre do regime constitucional? Quem concedeo huma inteira liberdade de pensar, de escrever, e de imprimir, que inadmissiveis em hum Reino Catholico, devem trazer necessariamente comsigo a irrisão das cousas sagradas, o menoscabo do sacerdocio, e a

maior devassidão de costumes? Quem protegeo abertamente a publicação do *Catecismo de Volney*, *as superstições descobertas*, o *Retracto de Venus*, o *Compadre Matheos*, *a Venus Maçona*, *as cartas de José Anastacio*, o *Cidadão Lusitano* e copia de mais escritos licenciosos, impios, e tendentes á corrupção geral da mocidade Portugueza? Quem fez ensinar pelos Mestres de primeiras letras, que a nossa alma deve morrer com o corpo; que não ha outra vida depois desta, que Nosso Senhor Jesus Christo era apenas hum heroe, hum homem grande, como forão Zoroastro, Confucio, e Mafoma? Quem foi causa de se metterem a bulha todos os preceitos da Igreja, de se ir quasi abolindo em muitas partes do Reino, a Confissão Sacramental, e de se escarnecer o Mysterio do Corpo e Sangue de Jesus Christo, por modos e palavras, que fazem arripiar os cabellos, e gelar o sangue? Quem applaudio, e folgou de ver impressas as Ladainhas Constitucionaes, em que os seus authores devassos e estragados substituião outros como elles, aos Santos do Paraizo, rematando-as com huma oração talvez a mais insultadora que se póde fazer á Magestade Divina, e que só ficaria bem nas sacrilegas pennas de hum Voltaire, de hum Parny, ou de hum Pigault de Brun?

Quem tomou a peito obstar por todos os modos a que se imprimissem os escritos, onde se declaravão as manobras da Seita, e fez persegir os authores dos já impressos, como réos de sedição, por chamarem os povos á doutrina dos seus maiores? Quem animou com elogios, e com promessas de honras, dignidades e mitras, essas nodoas do Sacerdocio, que se prostituirão, e deshonrárão a ponto de chamarem Santa, Divina e cahida do Ceo, huma obra que desde 1791 fóra denunciada como pestilente e vomitada dos Infernos? Quem expulsou dos seus Mosteiros os pacificos Cenobitas, quem arrancou as virgens, dedicadas ao Senhor, dos proprios asilos, que tinhão escapado á invasão Franceza? Quem inventariou as pratas, e alfaias das Cazas de Deos, sem exceptuar os proprios calices já tidos, e havidos como bens Nacionaes, e que se trocarião cedo em moeda, que pagasse aos novos *Heliodoros* o trabalho de desmantelarem e saquearem as nossas Igrejas? Quem se abalançou a sondar os arcanos do Tribunal da Penitencia requerendo dos fieis que se erigissem em denunciantes dos seus Confessores? Ah! que a minha penna desfalece não por cansada, mas porque tantos desvarios, impiedades, e blasfemias não cabem no estreito ambito da refutação a que me propuz! Ora quem fez tudo isto e espera ainda hoje fazer mais, quem não terá socego, em quanto não se verificarem os intentos de converter por exemplo a Igreja de S. Domingos em *Templo da razão*, onde algu-

ma prostituta occupando os altares do Deos vivo seja adorada como foi outra que tal no melhor templo da Cidade de Pariz, quem afronta os raios do Ceo, que ditosamente hão fulminado *a obra das trévas*, e se lisonjêa ainda como o cégo, e obstinado Lucifer, de collocar sobre os astros o seu throno, e de esmagar todos os adversarios do Systema Constitucional? Que merece? E confundido agora com as turbas, quer fazer como nacional o crime dos Pedreiros, lamentando o necessario effeito da corrupção dos nossos costumes! Nunca os Portuguezes terião accedido á Liga Maçonica, se lhe penetrassem logo os seus intentos, quando ella se jactava de curar as feridas da patria, de melhorar a educação, e remediar todos os nossos males . . . . e agora que nos deixão a patria nos ultimos parocismos, a educação viciada até ás raizes, os nossos males aggravados a hum ponto, que assusta, e horroriza, vem muito fagueiros em tom de Demonios feitos prégadores, e clamando. » Forão os nossos peccados, que fizerão tudo isto, haja virtudes (já se sabe as republicanas como as dos Manlios, e Regulos, e outras que taes citadas no Discurso, pois Santo que esteja no Ceo, nem a páo o tirão, ou da lingoa, ou da boca dos Pedreiros) . . . e por fim *amnistia*, *e mais amnistia*, perdões, e mais perdões, e não se olhe para o passado » como se do passado não se tirassem as melhores lições para acertar no futuro!!

E que dirão os Pedreiros a tudo isto? O que costumão dizer os seus irmãos em toda a parte do mundo. Espirito de intolerancia, e de perseguição, ou como se exprime o *Discursador*, espirito ambicioso de quem deseja pescar em agoas turvas!!! Alto lá meu amigo, que nessa parte ha muito que dizer, e insta-me a obrigação de huma justa defeza, a que eu justifique a minha vocação para tratar estes assumptos, e me livre da nodoa que se lança gratuitamente no meu proceder.

Faço viagem embarcado nesta grande náo do Estado, e como tenho direito para acautellar, e evitar quanto em mim for, os seus riscos, e naufragios, estou vendo ao pé de mim huns loucos, e desatinados, que forcejão por arrombar a náo, e levarem-na a pique. Ora nestes lances deverei eu ficar muito socegado sobre a cuberta da náo, e por mais que ouça trabucar os *Pedreiros*, e arrombadores, fazer que não ouço, e deitar-me a dormir? Eis-ahi o que eu não posso conseguir de mim, hei de fallar sempre, hei de gritar contra os Pedreiros, que tentão arrombar a náo . . . e succeda o que succeder. Não digo, nem disse nunca, que os tolinhos *serventes de pedreiro*, sejão incluidos nas penas que os Mestres, como acinte desafião, porém não levo á pa-

ciencia, que os réos dos maiores crimes, que o Ceo tem soffrido escapem á vara da Justiça, e andem por ahi muito inchados, e senhores do seu nariz, insultando os Realistas, e por ventura pedindo remuneração dos serviços feitos á náo, que elles só tratavão de escangalhar, e de arruinar, e que por milagre de Deos, e de Nossa Senhora da Rocha, não se afundio no pélago constitucional. Expuz-me como todos sabem ao pezo das vinganças constitucionaes, porque o meu grito foi sempre: Antes morte do que tal constituição. . . . . Não desconheço a estrada que levou Fernando de Magalhães á Corte dos Reis Catholicos, e tenho para mim, que não he vedado a qualquer Portuguez o expatriar-se, e desnaturalizar-se. . . . Entre tanto eu sempre quizera fazer alguma differença nos motivos que impellírão aquelle nosso coterraneo a hum passo tão violento, e desesperado. Pedio elle mercês ao seu Soberano, e indisposto de huma negativa, ou repulsa, que julgava não merecer, levou a sua espada, e os seus talentos a hum Soberano estrangeiro. . . Eu não peço nada senão o meu repouso, depois de tantas lidas, e peregrinações, a que me condemnou o infausto, e execrando Systema Constitucional. Desafio a todos os Portuguezes, incluso o Ministerio d'ElRei Nosso Senhor, que mostrem algum papel em que eu requeresse mercês, ou galardões. . . . Nem o fiz, nem o espero fazer, e se a minha desgraça subir a tal ponto, que ainda eu chegue a contrahir a manha dos pedreiros, que não querem outra cousa senão mandar, e governar, para terem mais occasiões de irem solapando as instituições politicas, e religiosas, já peço com instancia aos Ministros d'ElRei, que desprezem, e rasguem sem dó o meu requerimento, e me tratem de louco, e de insensato. Poucos haverá, (deixem-me ter huma pequena vaidade) que conheção os pedreiros melhor do que eu, e ninguem receia menos do que eu as suas vinganças, pois não temo os que matão os corpos, só temo os que podem matar a alma. . . . Quem professar como eu a Divina Religião de Jesus Christo, necessariamente hade pedir o castigo destas viboras, e pestes das duas Sociedades Religiosa, e Civil. Quem for tolerante com elles deixa-os trilhar á sua vontade o caminho da perdição, e corta-lhe pela raiz todos os meios de se conhecerem, e emendarem, sem o que vivem e morrem impenitentes, e não sei que isto seja querer-lhes bem, e desejar-lhes grandes venturas. Outro fora eu que desde o principio das minhas investigações, e Lucubrações Anti-Maçonicas, tivesse seguido differente rumo. Outro fora eu, que cingindo-me ao conselho de hum Frade Bento, que perguntado por certo Monarca Aragonez sobre o que devia fazer a huns rebeldes, como

estudioso que era do silencio, levou o emissario a huma orta, e puxando de sua fouce, cortou o que não estava ao nivel das outras plantas, arbitrio este, que segundo nos conta Aristoteles, (*) já fora dado a Trasybulo, em hum caso semelhante! Outro fora eu, que expendendo bem os casos em que as penas se devem, ou temperar, ou executar, ou ainda aggravar, mostrasse com evidencia, que os Pedreiros Livre, em materia de crimes, *levão as alampadas* aos incendiarios, aos ladrões de estrada, aos fabricantes de moeda falsa, e a outros com quem nunca se deve usar de condescendencia, ou piedade; mas que tenho eu feito?

Em o N.º 8 do Punhal dos Corcundas fiz imprimir estas palavras. » Portuguezes, huma só gota de sangue, que se derrame illegalmente, hum só Pedreiro, que vós assassinaseis contra a vontade d'ElRei, e a determinação das Leis, que felizmente nos governão, seria hum deslustre irremediavel de toda a gloria, que sob os auspicios do Ceo temos adquirido para nós, e para os nossos vindouros. » Eis-aqui o modo porque eu sou intolerante, e me proponho accender odios, e vinganças. Desde o N.º 1.º daquelle Periodico bradei a esses infelizes, que nos deixassem por huma vez, que nos livrassem para sempre da sua odiosissima presença, que fossem derramar luzes *Maçonicas* ás Ilhas desertas, e só habitadas de animaes parecidos com elles, como serpentes, ursos, e tigres. Por vezes (e já não são poucas) os tenho avisado, que homens tão grandes não cabem neste Reino, que elles fizerão tão pequeno, e que seria melhor sahirem, retirarem-se todos *em massa* para outra parte do *globo*, em que lhes seja permittido fazer em ponto grande essas primorosas observações *geologicas*, para melhor combaterem a *historia da creação do mundo*! essas experiencias *regeneradoras*, de que talvez surdisse alguma casta *de homens* novos, perfeitos, e *gigantes*, que nem os recommendados pela *Migalantropogenesia*, e que só hum delles bastasse daqui a 50 annos para vir á Europa, e alagar com hum pontapé todos os *Fanatismos*, *Superstições*, e *Corcundagens*... Ora meus amigos seria mais facil acontecer tudo isto, do que levantardes cabeça.

Apezar de toda a minha moderação, accrescentarei mais duas palavras, em obsequio dos verdadeiros realistas, aos quaes parecerá estranho, que sendo eu como sou, e me prézo de o ser, Theologo de profição, nem se quer aponte alguma cousa mais

(*) Politic. L. 3. cap. 9.

forte sobre a imprescritivel obrigação dos Principes em materia de justiça. Toquei de passagem, o que me pareceo bastar para o meu intento, e se por ventura me não cancei em apurar quanto em mim fosse, os extremos da rigorosa conta que espera no Tribunal Divino os Reis, que deixão de castigar severamente os grandes crimes, que perturbão, e transtornão a sociedades; foi em mim hum excesso de respeito á Magestade, e não querer que nem por sombras hajão de imputar-se ao mui Alto, e mui Poderoso Senhor D. João 6.°, as *ommissões, e culpas alheias.* Instado porém do meu espirito de independencia christã, e para que não se diga, que temi, e contemporizei, devo ajuntar em conclusão, as idéas dos maiores engenhos da Peninsula das Hespanhas sobre este particular, quando ou nem se conhecia, ou mal principiava a conhecer-se na Europa, o infausto nome de Pedreiro Livre. . . . Começarei pelo insigne Politico Sávedra, que na sua Empreza Politica N.° 73, debaixo do emblema a que se refere a letra. = *Compressa quiescunt*, escreveo assim:

» Com pretexto de *Liberdade*, *e conservação de privilegios* costuma o povo atrever-se contra a authoridade de seu Principe, no que importa não dissimular taes desacatos: para que não criem brios para outros maiores; e sendo possivel, se disporá de tal maneira o castigo, que amanheção tiradas as cabeças dos *authores da sedição*, e postas em público antes que o povo o entenda; porque nenhuma cousa o amedronta, e socega mais, e não se atreve a passar a diante nos desacatos, quando lhe faltão *os que o movem, e guião.* »

Segue-se o eruditissimo Padre Feijó, que nas suas Paradoxas Politicas, e Moraes, que vem no principio do Tomo 6.° do seu Theatro Critico lançou esta debaixo do N.° 3.°

A que se chama clemencia dos Principes, e Magistrados, perniciosa aos Póvos.

Chegando ao N.° 23, explica-se deste modo. » He clemente na opinião do vulgo (*e dos Pedreiros quando lhes faz conta*) o Principe, ou Magistrado, a quem dobrão os rogos dos amigos, as lagrimas dos réos, os clamores de suas familias orfãs, e a brandura do proprio genio, para mitigar a pena correspondente, segundo as Leis. Porém na realidade isto não he ser clemente, senão injusto, etc. » Peço aos meus Leitores, que leião esta paradoxa por inteiro, que pinta, e descreve a materia, de que vou tratando: e oxalá que todos os que governão a tivessem sempre em sua memoria.

Tambem deve sahir a campo o nosso Demostenes, que foi tão grande homem de Estado, como abalizado Theologo. Peço

aos defensores das *amnistias, ou perdões geraes*, que leião, e ponderem o seguinte.

„ Toda esta falta de castigo, toda esta remissão de culpas, nasceo de huma razão de estado, que cá se praticou quasi sempre: que se não hão de matar os homens em tempo, que os havemos tanto mister: que não he bem que se perca em huma hora hum soldado, que se não faz, senão em muitos annos: que justiçar hum homem porque matou outro, he curar huma chaga com outra chága, e que se não remedeão bem as perdas accrescentando-as: que a primeira maxima do governo he saber permittir, e que se hade dissimular hum damno, por não o evitar com outro maior: como se não fôra maior damno a destruição de toda a Republica, que a morte de hum particular, como se não fôra grande expediente resgatar com huma vida as vidas de todos: *Expedit ut unus moriatur homo, ne tota gens pereat!* Ah triste, e miseravel Brazil, que porque esta razão de estado se praticou em ti, por isso hes triste, e miseravel! Não he miseravel a Republica onde ha delitos, senão onde falta o castigo delles: que os Reinos, e os Imperios não os arruinão os peccados por commettidos, se não por dissimulados. Dissimular com os máos, he mandar-lhe que o sejão, disse Seneca, e mais era Gentio: *Qui non vetat peccare, cum possit, jubet.* A conquistar dilatadissimas Provincias caminhava Moysés, General dos Israelitas, e não duvidou degollar de huma vez vinte e quatro mil homens, como se lê na Escriptura, porque entendia como experimentado Capitão, que mais lhe importava no seu exercito a observancia da justiça, que o numero dos soldados. „ (Tom. 6.°, Sermão da Vesitação, §. 3.)

Limpa-te meu *discursador* aos tres *Guardanapos* que te envio de presente, e continúa a prégar amnistias, até arrebentares pelas ilhargas; que nós os Realistas, e bons Portuguezes faremos outro tanto, por causas bem differentes, *id est*, para impugnar os sofismas, e paralogismos, aliàs mentiras, e sandices, de que vem recheado o teu opusculo, que creio não tardará, pois o amor proprio offendido ha de esporearte, (perdoa a sem ceremonia) para sustentares ainda os teus agonizantes paradoxos, dou-te porém hum conselho amigavel, e he, que faças huma nova edição da tua *arenga* mais correcta, e accrescentada, pois agora mesmo, que eu concluia o meu ensaio de refutação, entra-me pela porta dentro hum *rapazinho* da escola, que tem sua viveza, e que puchando da fatal Gazeta, me faz ver o que eu não advertíra ao principio, e não he nada! huma *contradicção de palmatoria.* „ Diz o amigo a pag. 105, columna segunda, linhas 69,

seguintes: » *Que em 1585 os Chefes Calvinistas queriáo fazer da França Protestante hum estado Republicano*, e não se lembra de ter dito na columna precedente, linha 12, e seguintes: » *Que a revogação do Edicto de Nantes surprehendido áquelle grande Rei, fez desapparecer daquelle Paiz varios centos de milhares de excellentes vassallos.*

Sem dúvida que erão bons, e *excellentes vassallos* do Rei de França, os que tentavão faze-la republica!! Assim gritava o rapazinho mui contente pela sua descuberta, e eu para o socegar lhe tornei. Isso he cousa muito facil, pois não sabes que os Pedreiros Livres são huns *excellentes vassallos*, por tomarem aos hombros a caritativa empreza de livrarem todos os Reis dos cuidados inseparaveis da Realeza, atando-lhe as mãos para que não fação mal a ninguem, repartição esta que fica toda a cargo da Seita!! Rio-se, percebendo a ironia; e deixou-me vacillando entre dous sentimentos, hum de lastima, ao ver que taes sandices escapão aos *homens grandes*, e outro de vergonha, que se o rapazinho me apparece mais cedo, eu mudava de plano, e rasgava tudo quanto escrevêra neste melindroso sujeito. . . . Em tudo, e de todos se aprende mais ou menos, e como eu estou insaciavel da completa ruina das fraudelentas, e capciosas maximas do tal discurso, tomára, que por ahi algum *Cura de Aldea* o tomasse á sua conta para o *encomendar*, e assistir-lhe ao enterro.

APPENDICE.

Não desagradará aos Leitores ler hum retalho do grande Edmund Burke, extrahido dos seus Pensamentos, sobre a proposta de paz entre a Inglaterra, e França, que elle intitulou Paz Regicida em 1796, a fol. 75 do opusculo já traduzido em portuguez, e impresso em Lisboa em 1822 (obra na verdade digna de todo o bom, e fiel vassallo a ler, e decorar, pela sua sã doutrina, profunda politica, e encantadora eloquencia, e muito mais discorrendo tão profundamente sobre as causas, progressos, e consequencias da impia Revolução Franceza, e seus remedios, e até mesmo pelo diminuto preço de 360 reis porque se vende huma obra, que em outro typo custa 1$920 reis) diz elle o seguinte:

A obra Franceza não he huma má obra velha, cuberta com prescripção; he nova demolição, e decomposição de todo o Edificio da sociedade civil, e infame architectura de covil de ladrões, assasinos, e atheos: obras de rapina, matança, e impiedade, longe de serem titulos a cousa alguma, são por isso só públicas declarações de guerra ao Genero Humano.

Esta guerra porém não he feita á França, mas á cafila dos salteadores, que exterminárão de suas casas os respectivos proprietarios; pois as *Nações* são *Essenciaes moraes*, e não *Superficies geograficas.*

Supponha-se, (o que Deos não permitta) que o nosso amado Soberano fosse sacrilegamente morto; a sua exemplar Rainha, a Cabeça das matronas da Terra, tivesse o mesmo fado; as suas Princezas, que pela sua belleza, e modesta elegancia, são as flores do paiz, e os modelos das virtudes do seu sexo, soffressem igualmente cruel, e ignominiosa traição, com cem outras mãis, filhas, e senhoras da primeira distincção; os Principes de Galles, e York, esperanças, e timbres da Nação, com todos os seus Irmãos, fossem obrigados a fugir dos punhaes de assasinos; todo o corpo do nosso excellente Clero fosse assassinado, roubado, e desterrado; a Religião Christã, em todas as suas communhões, prohibida, e perseguida; a Lei da Terra, fundamental, e total-

mente abrogada; os Juizes conduzidos ao cadafalso por Tribunaes revolucionarios; os nobres, e plebeos esbulhados de suas possessões até á ultima geira de terra, e em cima empobrecidos, e aviltados; todos os Officiaes do Serviço Civil, Militar, e de Marinha sujeitos aos mesmos desterros, confiscos, e perigos; os principaes Banqueiros, e Commerciantes arrastados ao patibulo, para o matadouro geral dos que não tinhão outra culpa senão o ter dinheiro, e fazer Commercio; os Cidadãos das Cidades mais populosas, e florentes encadeados, e juntos em huma Praça, e ahi destruidos a milhares com metralha de artilheria, e descargas de canhonada, por não se acharem patibulos, machinas, e algozes sufficientes para expeditas execuções capitaes; trezentos mil outros sentenciados a huma situação peior que a morte, prezos em pestilentes, e infernaes calabouços; (*) em taes circunstancias calamitosas chamariamos por ventura Inglezes a *Facção dos malvados*, que praticassem taes desordens, e horrores? Sería o paiz, onde se vissem taes tragedias, a Inglaterra, tão admirada, honrada, amada, e querida? Não reputariamos antes por unicos compatriotas os fugitivos leaes deste paiz! A terra de seu temporario asylo não se deveria considerar a *verdadeira Gram-Bretanha*? Poderia eu ser considerado como traidor a meu paiz, e digno de perder a vida com infamia, se andasse por todas as Nações da Europa batendo a todos os Paços, e Corações dos Principes da Christandade, para soccorrer os meus amigos, e vingallos dos seus inimigos? Podia nunca mostrar-me melhor Patriota? Que se devia pensar dos Principes, que insultassem a seus Irmãos perseguidos pelos rebeldes, e que os tratassem de vagabundos, e mendigantes! Que generosos sentimentos se poderião considerar nos que

---

(*) Burke neste exemplo descreve o que fizerão os Jacobinos, e Pedreiros Livres na Revolução da França, e como Profeta politico prognosticou, o que ha pouco praticárão, e intentárão fazer na Hespanha, Napoles, Piamonte e Portugal, e a quanto elles se propõem em toda a parte do Mundo, em que poderem exercitar os seus execraveis, e mortíferos planos. Pela continuada guerra contra os Pedreiros acabou, e só podia acabar o seu governo, e influencia, e parárão, e só podião parar os seus dolorosos estragos. Todo o Governo pois, que não seguir este exemplo, e não desalojar até o ultimo Pedreiro, que existir, virá a ser por elles espezinhado, e desgraçado, com todos os seus vassallos. (*De hum Anonymo.*)

mostrando-se Geographos, em lugar de Reis, reconhecessem como os identicos paizes nacionaes as cidades assoladas, os campos dezertos, e os rios manchados de sangue, só por terem a mesma medida geometrica, depois de taes cruezas, para continuarem com os usurpadores, e malvados as mesmas antecedentes relações politicas? Que juizo fariamos da barbara protecção dos que, attendendo ás cabalas, e intrigas, e *declarações dos levantados*, lhes entregassem as victimas da Lealdade de seu paiz, que lhe tinhão hido supplicar refugio no *Altar da Compaixão*, para serem sem misericordia abandonados aos Tribunaes dos bebedores de sangue, e parricidas de seu Soberano?

A oppressão, e sensibilidade fazem loucos os homens sabios; mas, ainda assim mesmo, a sua loucura he melhor do que o juizo dos neseios. O seu brado he a voz sagrada da humanidade, e miseria, exaltada no santificado frenezí da inspiração, e profecia. Na amargura da alma, na indignação da virtude soffredora, no parocismo da desesperação, no espirito da lealdade Britanica, não clamaria eu por cem bocas, e denunciaria a imminente destruição, que espera os Monarchas, que considerão a fidelidade do Vassallo como torpe vicio, e que tolerão, que ella seja punida como delicto abominavel, e que só se tenha veneração aos rebeldes, traidores, regicidas, e furiosos escravos, que quebrárão os grilhões, e correm á rédea solta a devastarem a terra, deixando-nos adormentar por dormideiras de aduladores, que nos allicião a descançar nos braços da morte!

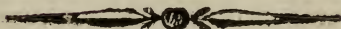
O MASTIGOFORO,

PERIODICO MENSAL.

PELO AUTHOR

DO

MAÇO FERREO ANTI-MAÇONICO.

NUM. 1.º

LISBOA:

NA TYPOGRAFIA MAYGRENSE.

ANNO 1824.

Rua de Santo Antonio dos Capuchos, N.º 87.

Incedo per ignes Suppositos Cineri doloso.

Satisfação prévia aos Realistas, aos Maçães, e aos atravessados *de purpura*, *e trolha*.

Quando o Maçonismo era despotico, e regulava a seu modo, e bel prazer a Monarquia, fundada nas victorias do Senhor D. Affonso Henriques, ou antes no favor, e promessas do Deos dos Portuguezes, não faltou neste reino hum coro de esforçados athletas mais escolhido, que numeroso, o qual nem por isso andava a gritar pelas ruas, que sustentaria até ao fim, a mais nobre, e a mais santa de todas as causas, mas por acções nada equivocas assás mostrou, que os gritos *Monarquia absoluta, ou desterro, Religião, ou morte*, erão como a divisa, que os animava, e reunia. Mal posso recordar-me sem huma especie de ufania, que fui a mais rouca, e desentoada voz desse coro, e o certo he, que dahi tirei azos para nunca mais soçobrar, ou emudecer! Não era com effeito de presumir, que tendo eu arrostado a maior sanha, e raiva dos Maçães, no seu requinte, ou no zenith das suas furias, me acobardasse agora de pôr em toda a luz os meus sentimentos. Só algum desses Maçães contradictorios por essencia, he que poderá estranhar-me de que eu declame ainda contra a peior de todas as seitas. Mais lhes convinha que pasmassem, e se confundissem da moderação com que os trato, demorando-me, e insistindo mais nas cousas, que nas pessoas, e seguindo o rumo contrario ao que seguião ha pouco os Astros da Lusitania, os Por-

tuguezes Constitucionaes, *antes e depois de regenerados*, os Censores de Lisboa, e seus reforços, os Censores *Coimbrões*, as Minervas, e os Publicolas da nossa Athenas!!

» Mas para que he tanto escrever, e dissertar contra os Pedreiros Livres? Anoja-se o público de tantas refutações, e invectivas, e os taes amigos que só dão alguma cousa pela *sensibilidade fysica*, e tem perdido inteiramente o *senso moral*, vão-se rindo ás claras, e minando á *surrelfa*, até plantarem outra vez, ainda que seja *de estaca*, a majestosa arvore da liberdade, para o que já tem as figuras promptas, e marcadas as primicias do sangue impuro, que ha de rega-la!! »

Por isso he que eu escrevo, por isso mesmo he que não largo facilmente a penna. Se elles já nos tivessem despejado o bairro (Almas santas, hoje fôra o dia que tal succedesse!) ou o traste do cães do tojo lhes tivesse curado a mania, que segundo os melhores facultativos, não tem outro remedio, senão este heroico, e decisivo = *forca*, *e mais forca* = então de certo me callava eu, que naturalmente afrouxo nestes lances . . . mas em quanto os contemplar vangloriosos, e como triunfantes, e respirando, (que a taes extremos chega a sua inaudita loucura) no seu ar, nos seus géstos, e nas suas palavras, o íntimo desejo de verem outra vez acclamada, e enthronizada a infernal Constituição *Gallica* em 1791 — *Gaditana* em 1812 — *Lisboeta* em 1822 . . . não lhes dou quartel, nem elles o merecem: hei de cahir-lhes em cima com todas as armas, que me possa ministrar o justo furor, que de contínuo me accendem as suas odiosas tentativas, e estontadas maquinações

Servi-me bons oito mezes de armas curtas, e descarregados 33 golpes, vejo que os taes ainda bolem, e cuidão ser, ou valer alguma cousa neste mundo!!

Bem quererião elles, que eu para lhes dar importancia, e consideração, denominasse este Periodico, a Lança, a Espada, ou hum Dardo para elles. Não esperem de mim hum tal desacerto. Hum bando de cégos, e de mentecatos, cuja teima he persuadirem-se, que são filhos *da Luz*, que são todos huns linces, e que ninguem vê como elles, por certo não merece que se empreguem outras armas, senão aquellas com que ordinariamente se enxota hum rancho de rapazes travessos, e gritadores . . . . Mastigoforo sobre elles, ou em Portuguez = chicote, zorrague sobre estes pedantissimos seguidores do novo alcorão, sobre esta seita desprezivel, que o menos que merece he o tratamento, que se dá na casa dos orates aos que lá existem por menos razões.

» Mas que será feito da gravidade, e sizudeza de hum escri-

tor público? Onde estará aquelle espirito de união, e caridade, que por certo deve animar todos os discipulos do Evangelho? Chufas não são argumentos, e satyras nunca forão objecções attendiveis. »

Forte novidade! Eu sou o primeiro, que o digo, e confesso, mas que se ha de fazer ao Seculo dos Mações, que elles fizerão *eminentemente frivolo*, para melhor o desencaminharem... Rediculo, e mais rediculo entornado sobre elles, para se lhes abaterem as cristas, que se assim não for presistirá elle nos seus delirios, e núnca se poderá convencer, que he mais pequeno que huma pulga. No que toca ás mansidões Evangelicas (que a dizermos a verdade ficão muito airosas na boca de quem trata o Evangelho de fabula, e de impostura) em quanto eu usar com os Pedreiros Livres, o mesmo que usárão os Santos com os maiores inimigos do Christianismo hirei pelo bom caminho, sem receio de me extraviar, ou perder. Basta que eu faça aos Pedreiros os mesmos encomios, que Santo Athanasio fez a Ario, que Santo Agostinho fez a Pelagio, e S. Jeronymo a Vigilancio, para que ninguem possa criminar-me de excessivo.

» Porém a seita (agora entrão os medrosos, que vão dizer bocadinhos de ouro!) he poderosissima, e desde os *alvos*, ou *alvares* Carbonarios do Paiz das musas, até aos negros mais retintos de Guiné, tem feito rápidas, e maravilhosas conquistas... e he bem, bem para temer, que doendo-lhe as chicotadas faça por ahi alguma das suas proezas .... e a sorte de Kotzebue he para abrir os olhos a quantos pozerem o peito á bala *por Deos, e pelo Rei.* »

Conheço os poderes da seita no genero de vinganças, ou estupidas, ou cobardes; as primeiras são por escrito, e as segundas por obra da loje, *id est*, por veneno, ou punhalada ás occultas, e á falsa fé.... Em quanto ao mais nego-lhe todos os seus poderes, que *infelizmente* imperrárão, e claudicárão nesses dias de eterno opprobrio para a seita, em que o grito de *constituição ou morte*, lhe morria nos beiços, caso triste! sem lhe passar ás mãos se quer huma pequenina doze daquelle furibundo entusiasmo, com que se repetião aquellas palavrinhas, que já forão a sanha dos Jacobinos Francezes!!

Eu não pessuo, nem os talentos, nem a influencia de Kotzebue, que se me assistissem as prendas deste corajoso, porém malfadado escritor, eu antes quizera morrer, combatendo pela causa do meu Deos, e do meu Principe, do que viver socegado entre a *matilha dos cães mudos*, que ficão immoveis, e nem se quer ladrão, quando estão vendo saquear, e assolar a fazenda de seus

donos!! Por outra parte os effeitos da morte de Kotzebue forão taes, que muito melhor teria hido aos Pedreiros, e Illuminados, se o estudantinho Sand não tomasse o freio nos dentes, e deixasse fallar á sua vontade o author da *Misantropia*, que mais fundadamente que hum Strozi, poderia nos ultimos parocismos applicar a si o

Exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor.

Sería vergonha para os defensores do Throno, e do Altar, se consentissem ver-se excedidos pelos sabios indagadores da natureza, que sem embargo de todos os dissabores, contingencias, e perigos, nem por isso fogem de examinar os volcões, as cataratas, e outros fenomenos espantosos; muito embora eu caminhe sobre dolosas cinzas, debaixo das quaes dorme o fogo prestes a accender-se; muito embora eu sacrafique o meu socego, e as minhas *felicidades temporaes* á melhor de todas as causas; muito embora eu ouça a cada instante o ranger de viperinos dentes, que me faz lembrar outro já destinado para supplicio das infelices, e desacordadas victimas do Maçonismo; antes quero ser o ultimo em a caza do meu Deos, que o primeiro nos tabernaculos do vicio, e da maldade. Ainda há pouco dizia o mais eloquente dos nossos Oradores Christãos na augusta presença d'ElRei Nosso Senhor, *que já tinha o lençol prompto para se enterrar com elle*; eu nem esse tenho proprio, e mais de huma vez o intruzo, e nefando governo Constitucional me quiz arrancar, e fazer em pedaços essa mortalha em que me lisonjeava de ser entregue á sepultura!! Escreverei pois como he justo que escreva hum homem despido de temores, e de pretenções, forcejarei por ser entendido, não tanto das sabias gentes de mais alta esteira! como desse povo o mais leal do Universo, que a todo o custo deve ser instruido, e avisado para que se previna, e arme contra tudo o que cheirar a *empreza Maçonica*.

Por bem pouco não ficou elle, sem Rei, sem Altar, sem Victima, e Sacerdocio!! a lição foi terrivel, e merece que todos a aproveitem sob pena de desafiarem outra vez a cólera do Ceo.. O Systema Constitucional desappareceo da face da terra; porém as suas raizes ainda existem, e ainda brotão pestilenciaes ramificações. He necessario corta-las, e corta-las sem dó... mãos trémulas, e convulsas não podem ser bem succedidas neste genero de operações..... já que os Maçoes tudo corrompêrão, e adulterárão começarei por instruir os despercebidos, e ignorantes, para que nunca mais se deixem embair das falcissimas pro-

messas do Maçonismo. Verei se posso achar algum fio que me conduza nesse laberinto de incertezas, e contradicções, em que laborão, e se perdem quasi todos os historiadores do começo desta mortifera contangião das Sociedades Christã, e Civil. Penetrarei até ao mais recondito das suas manobras para ultimarem a completa ruina do catholicismo. *Projectistas de reforma do Clero Secular e Regular*, *Prégadores Constitucionaes*, *Theologia*, e *Jurisprudencia Liberal*, apparecerá tudo debaixo do seu verdadeiro ponto de vista, e para que assim o escriptor, como os seus leitores ganhem alento, e se refação para contemplarem novos horrores, darei entrada a seu tempo aos mofinos, e hediondos partos de litteratura Constitucional, theatro este onde com mais desaforo e sem apertos de coração poderemos calcular até onde chegou a inepcia dos que tratavão de ineptos a João das Regras, e ao Marquez de Pombal.

PROSPECTO
DE HUM DICCIONARIO
DAS PALAVRAS, E FRAZES MAÇONICAS.

Venenum aspidum sub labiis eorum.

Hum dos maiores serviços, que actualmente se podem fazer ao genero humano, assás cançado de padecer os effeitos das manias *regeneradoras* e *Constitucionaes*, he sem dúvida huma succinta, mas verdadeira explicação das palavras, e frazes, com que o Maçonismo tem conseguido embair, não só o povo ignorante, mas ainda hum consideravel numero de seus adeptos... O abuso das palavras tem sido constantemente huma das mais poderosas, e triunfantes armas, com que elles tem querido subjugar a opinião; e he necessario confessar de plano, que os seus intentos nessa parte não forão inuteis, e malogrados... Se os crimes, que elles tem perpetrado á face do Universo, justamente horrorizado da sua audacia, e sua perfidia, tem sido atrocissimos, e quaes se devião temer do mais ímpio de todos os seculos; não o forão menos essas palavras astutamente desviadas da significação natural, e conhecida, para serem capa dos mais façanhosos, e abominaveis designios. Assim como a sua tenção he arruinar os

fundamentos da Sociedade, e não consentir, que presista; ou fique em pé huma só das instituições antigas, assim forcejão por destruir a linguagem, que os seculos tinhão, para assim dizer, consagrado, para que nem essa mesma chegue a jactar-se, e applaudir-se, de que felizmente escapou ao naufragio total da Sociedade... Por este modo fazem crer aos ignorantes, que se trata de huma cousa, quando elles premeditão fazer o contrario, e em quanto não se desfaz o engano, e se dessipa de todo a illusão, já os seus planos destruidores, tem conseguido fazer proselytos, e ganhar hum partido consideravel. Não he preciso recorrermos ao espirito da Revolução Franceza manifestada em hum sem conto de palavras, ou novas ou envertidas do seu sentido, para outro mui alheio, e mui differente, já por desgraça abundamos em exemplos inumeraveis para tudo em que se queira mostrar até onde chegão os attentados da Seita Maçonica... Desde o começo da nefanda rebellião do Porto, soárão palavras, e frazes não só as mais innocentes, porém as mais capazes de inflammarem os corações Portuguezes. — *Religião Catholica Romana* = *Dinastia da Caza de Bragança* = *reformas uteis* — *estrada aberta ao merecimento* — *beneficios á lavoura*, etc., etc., etc. tudo isto devia fazer grande abalo, e assim o calculárão esses novos Maniqueos, que parecião agitados em quanto fazião do espirito do mal. Porque alto preço não ficárão a este reino essas palavras encantadoras, essas frazes pomposas, e feiticeiras, esse annúncio de se renovar quanto antes a saudosa gloria, que rodeára o nome Portuguez em os seculos 15, e 16? As feridas gravissimas que recebeo a nossa antiga crença, e que só mediando o auxilio Divino, se poderá curar de todo os laços dessa antiga, e aprimorada obediencia dos Portuguezes ao seu Rei, quebrados, e esmigalhados por espaço de tres annos, e acarretando sobre nós hum Labéo, que nos era desconhecido, a mais impia de todas as Seitas corrompendo a seu salvo gerações inteiras, ameaçando-nos de hum futuro o mais negro, e pavoroso; o braço direito do Imperio Lusitano, o Brazil, separado da Mãi Patria, por effeito das lições, que deste reino lhe fôrão transmettidas, eis-aqui muito em grosso os deploraveis effeitos dos nomes. — *Liberdade* — *igualdade* — *Contituição*, *e regeneração*, e outros mil que cahindo, qual Saraiva destruidora sobre os fertelissimos campos da Lusitania, envilicêrão humas cousas, alterárão outras, enfraquecêrão estas, destruírão aquellas, sem haver huma só a que não fizessem gravissimos, e irreparaveis damnos. He pois de reconhecida utilidade, que o *Povo* (classe mais numerosa do que vulgarmente se cuida) chegue a ter diante dos olhos,

huma chave do Maçonismo, com que possa abrir facilmente o verdadeiro sentido das frazes e palavras, que tem sido os instrumentos da elevação da Seita, mas, que atiladamente decifradas, podem ser huma das cousas principaes da sua ruina. Já o Quintiliano Francez (Mr. de Laharpe) intentou hum trabalho similhante, e delle tirarei copia de subsidios para o meu, visto que as duas revoluções Franceza, e Portugueza (como já por vezes tenho advertido) sahírão do mesmo *foco*, e apenas se extremão huma da outra pelas suas datas.... Escuso advertir, que hum ensaio, ou prospecto, não he nem costuma ser hum trabalho seguido, e por isso não he de esperar nos lemites deste Periodico hum Deccionario completo das Frazes, e Palavras maçonicas. Separei hum bom cento dellas para que se faça juizo do que elles alterárão, e corrompêrão, e não me despensarei de tratar em artigo separado algumas das que encerrão maior copia de veneno, e que muito importa sejão analyzadas, e declaradas, para o mesmo fim que levo neste apontoado, que vou começar.

A — F

Absoluto, e *Absolutismo*. — A primeira destas palavras he antiga, porém a outra he de novo cunho, e foi trazida, para subsidio da primeira tanto que lhe fexárão o seu novo sentido. Vem de longe a transformação do sentido innocente da expressão — Rei absoluto — Já houve, quem arguisse os Publicistas Inglezes de terem feito o absoluto Synonimo de Despotico, e os Mações encorrem na mesma Censura — Rei absoluto quer dizer — hum Rei como sempre forão os nossos, que fundárão, restaurárão, e ampliárão a monarquia... Foi Rei absoluto o Senhor D. Affonso Henriques.... Foi Rei absoluto o Senhor D. João 1°., foi Rei absoluto o Senhor D. Manoel, e foi Rei absoluto o Senhor D. João 3.° Rei absoluto he hum Rei, que governa o seu Reino sem conhecer por seu superior se não o mesmo Deos.... O poder dos Reis he absoluto, porque não he responsavel a nenhuma jurisdicção humana, do que fizer, ou determinar, porque se houvesse jurisdicção de inquirir do seu procedimento, seguia-se que este se devia chamar propriamente Soberano, e o Soberano seria ao mesmo tempo inferior, e dependente, o que repugna segundo a hypothese! De mais nestas idéas de Soberania, ou se estabelece hum progresso até infinito, porque á medida, que formos subindo apparecerá sempre hum Soberano, que esteja nas mesmas circunstancias do Rei, e que seja necessario fazer responsavel á hum superior, ou se introduz appellação

para o — Povo — e se vem a degenerar (pelo menos nos grandes Estados) em huma perpetua confusão, e anarquia. Devo aqui notar o que forão de sensatas, e ajustadas com o bem commum as idéas dos jurisconsultos antigos sobre a authoridade Real. Ulpiano diz por formaes palavras = *Princeps legibus solutus est* = e a famosa *lei Real*, que era o fundamento da authoridade de Augusto, e seus successores, não denota outra cousa se não hum Rei Absoluto. Não me fogem as interpetrações *populares* ou *democraticas* de Noodts; e Gronovio, sobre estes dous fundamentos de authoridade Imperial entre os Romanos, porém he lastima, que huns graves Jurisconsultos estremeção de que por aquellas palavras se conceda aos Reis o poder absoluto com independencia das proprias leis da natureza!! Póde hum Rei alterar, despensar, ou derogar as leis civis, porém não tira que deixando elle de attender ao publico, seja responsavel diante de Deos, e he quanto basta para que os póvos Christãos se desfação por huma vez desse terror panico que lhes mette a expressão — Rei absoluto. — Em fim para concluir já este pequeno artigo, que parecerá mais longo do que fora annunciado juntarei as palavras de Bossuet, que no meu fraco entender levão a palma a tudo quanto se tem escrito sobre taes assumptos. » As monarquias mais absolutas não deixão de ter barreiras inabalaveis, em certas Leis fundamentaes, contra as quaes nada se póde fazer, que não seja nullo por si mesmo. Roubar os bens de hum vassallo, para os dar a outro he hum acto dessa natureza. Não ha necessidade de armar o opprimido contra o oppressor; o tempo combate a seu favor, e a violencia está gritando com si propria; nem ha homem tão insensato, que pense ter segura a fortuna da sua familia por meio de semelhantes actos. » (*)

Abusos. . . . A propria noção etymologica da palavra assás os condemna, porém no Diccionario Maçonico tem huma segnificação amplissima, e nós podemos estar lembrados de que o melhor da nossa legislação parecia abuso, e *musgo* aos nossos Pseudo-reformadores. He certo, que na pratica dos deveres Christãos, se podem introduzir facilmente abusos, que he necessario corrigir; porém os abusos por este lado estendem-se no Diccionario dos Pedreiros até ás cousas mais santas, e obrigatorias que segundo elles devem entrar neste numero, e por isso elles tratão de abuso, por exemplo, a obrigação de nos confessar-mos ao menos huma vez cada

---

(*) Cinquieme avertissement aux Protestants.

anno, e para elles hum homem desabusado, he hum homem, que despreza todas as leis da Igreja, e vive isento do *perjuisos*, *e fanatismo*, que hão de explicar-se nos respectivos lugares.

Anarquistas. — São todos aquelles, que ensinando o pestilencial dogma da *Soberania do Povo*, abrem necessariamente a porta ao mais desenfreado, e petulante Despotismo, porém no sentido dos Revolucionarios Peninsulares, são todos aquelles, que pertendem mostrar ao povo, que nunca elle he mais escravo do que nesse tempo, em que lhe chamão *Soberano*; palavrinha esta, que tem sido em todas as Revoloções o valha-couto de quantos querem furtar, *e metter o braço até ao cotovelo* nos teres e haveres do povo. He necessario confessar em obsequio da verdade, que os nossos Mações, proclamando em huma Sociedade Patriotica hum mez de *Anarquia* voltárão para o sentido genuino da palavra, annunciando a quem os quiz ouvir o pio desejo de que nos matassemos huns aos outros; quando he mil vezes melhor aturar as loucuras, e paixões de hum Heliogabalo, e de hum Commodo, que soffrer outo dias que seja aquelle monstro de Anarquia desaçaimado, e furioso.

Artes. — Que não só as Liberaes, porém igualmente as Mecanicas são de absoluta necessidade em hum Reino he hum axioma; e que muito convem anima-las e faze-las chegar á maior perfeição possivel, mas toda essa *frandulagem* de promessas feitas pelos Mações, de que animarião as artes, e a industria derão em droga. Se não, que o digão os Artistas, e officiaes Mecanicos da Capital do Reino, que o diga a Cidade de Braga se o extenso Commercio, que fazia com as nossas possessões ultramarinas cresceo, ou se definhou inteiramente pelo Systema Constitucional. De artes só valia nesse tempo a de *extorquir* e *empolgar*, dinheiro, de officio sómente o de *Pedreiro.* (*)

B.

Bem publico. — Já notei em alguma parte de outro Periodico, que hum sabio Academico de Berlin (Mr. Ancillon) definio exactamente o bem publico dos Mações. » Eu tremo (diz elle)

(*) A palavra, Amnistia, já foi sobejamente definida em a Introducção a este Periodico, e os Adiados, e Apoiados dessa Assemblea de Vinagristas serão appensos ao termo *Urgencia.*

quando se falla tanto no bem publico, he quazi sempre o mal publico o que se faz nesse tempo. »

Não devo ampliar esta definição, que os successos desde 24 de Agosto de 1820, ate 31 de Maio de 1823 pozerão em toda a luz, de que elle he susceptivel.

Bens Nacionaes. — São em fraze Pedreiral todos os que pertencem ao Rei, e á Rainha, aos Infantes, aos Fidalgos, e ao Clero, e depois que todos estes ficassem sumidos pelas mãos dos *seus fieis administradores*, seguia-se declarar nacionaes todos os bens dos Negociantes, e Proprietarios, e davão-se cartas patentes aos *Sans-cullotes Lusitanos*, para darem hum saque geral, como se praticou no Filosofico, e illustrado *reino da França.* Quem folgar de ver decifrada esta maranha Pedreiral consulte os Numeros 14 e 17 do Punhal dos Corcundas, onde poderá saciar a sua curiosidade.

Beneficios Ecclesiasticos. — São fundados na palavra de Deos, que affirmou serem dignos de paga todos os que trabalhão no Ministerio Ecclesiastico — Em fraze antiga suppõem huma verdadeira, e rigorosa propriedade da Igreja. — Em fraze Pedreiral suppõem huns encargos pezadissimos á Nação, que a torto, e a direito se deve exonerar desta, que parecia aos nossos maiores, divida Sagrada! — Como porém lá he perigoso destruir logo no principio todas essas cousas, que o vulgo respeita, convertem-se os beneficios em pensões sabidas, que havião de sahir do Erario para os Empregados Ecclesiasticos, da mesma sorte, que sahírão de lá *pontualmente* os meios ordenados para os empregados da Santa Inquisição... Vá de historia para melhor illustração do ponto :... Hum venerando extranhou a Fernandes Thomáz, que fosse tão mesquinho na taxa das Congruas para os Bispos, e accrescentou — *assim como assim, não se lhe ha de pagar nada, e tanto valia arbitrar-lhes quatro, como doze mil cruzados!* E houve hum grande numero de Parochos, que se alvoraçárão com as taes Congruas pagas do Erario! *Destes papalvos, e mamotes* he que muito gostão os Pedreiros para fazerem a sua.... E o povo a quem não chegaria nem hum real dos bens da Nação, e o *povo Soberano* teria de pagar cedo á sua custa a quem lhe administrasse os sacramentos, o que no sentir dos chapadissimos *Theologos* do Congresso era huma *simonia*!

C.

Cargos públicos. — Annunciou-se, que se darião só ao merecimento, e por vezes se forcejou nas Cortes, para se obter a

declaração, de que fosse abolido o *grotesco* direito da antiguidade — *Latebat anguis* — e vinha isto a dizer, que os mais antigos, não sendo Pedreiros, fossem removidos, e que desta maneira se abrisse e desempeçasse o caminho, a fim de que os Pedreiros, ainda que fossem mais novos, lhes tomassem a dianteira. Respeita-se há muitos seculos o direito da antiguidade, e he necessario estar á lerta, que se alguma vez chega a ser abolido, entrará necessariamente o predominio dos juizos governados pela paixão, e conseguintemente hum mal peior, e muito peior do que todos esses, que por accidente resultárão ás vezes de se adoptar aquella fórma de prover certos empregos e lugares públicos.

Causa da Nação. — He outro aranzel dos *Pedreiros*, que huma vez arvorados em nação, tudo referem a si, e parecendo cuidar no bem alheio tratão sómente do proprio, e dos interesses da *Maçonaria*, cujo primeiro principio he » *que se devem quebrar todos os laços religiosos, e sociaes, para se attentar sómente pela honra, e propagação da Seita* » — Foi algum dia — Causa da nação — a de sustentarem á custa de suas fazendas, e vidas os seus Reis naturaes no throno dos seus maiores. Foi em 1820 — Causa da Nação — esbulhar o Rei do throno, e cubrirem-se com o seu augusto nome, sem elle ser ouvido, nem consultado!!!. Causa da nação, quer dizer a causa dos Pedreiros, o que se ha de pôr em toda a luz quando chegarmos á palavra Nação.

Cazas de educação. — Nada ha mais santo e justo do que fundarem-se estas cazas, onde se abriguem da seducção do seculo, nomeadamente as pessoas do sexo feminino, e sejão instruidas nos elementos da Fé, e nas prendas do seu sexo; mas esse infernal maçonismo tambem aqui derramou a sua peste, e entende por cazas de educação huns padastros levantados contra a existencia das cazas Religiosas ou Mosteiros, e nunca se ouvirá hum Pedreiro, ou *apedreirado* que não se lastime, de que as grossas rendas dos Mosteiros não sejão applicadas para cazas de Educação = que isso he que se chama cousa util, pois tudo o mais he ociosidade e fanatismo. = Perdoe-me o seculo 19 que ao fallar-lhe nas *barbas* não estremeço de lhe chamar ímpio dos quatro costados, sem receio de que elle me leve por ahi alguma injuria. Algum dia houve huns Clerigos reunidos em Communidade, que educavão os mancebos, e ha que tempos ha Freiras Urselinas que eduquem as pessoas do seu sexo! Cabião todos estes diversos institutos em Portugal, e o mais he que ninguem se queixava... Eis-aqui apparece a Seita dos *Economistas*, e já tudo, quanto chei-

ra ás praticas religiosas, e ao Culto Divino he para *metter nojo*, e as cazas, que se destinão para estes fins são cazas *inuteis*, que se fossem *cazas de educação* isso era outro cantar, e ninguem teria que dizer . . . . Eu tenho observado a marcha filosofica, ou *pedreiral* do Grão Sultão chamado o *Espirito do Seculo*, a quem tudo abaixa a cabeça, e põem os joelhos no chão. Tratou por exemplo huma boa mulher de Villa Pouca da Beira, chamada Genoveva Maria, de fundar hum Convento do Instituto do Louriçal, que tem por seu fim primario desaggravar quanto he possivel a Justiça Divina de tantas injurias, que diariamente lhe faz este mundo de peccadores chamado Portugal, e suas conquistas. Levantão-se aquellas pobres Freiras a cantar matinas pela meia noute, onde gastão boas duas horas, tornão a apparecer no coro ás seis, e ás nove da manhã, e ás duas ou tres, e ás cinco da tarde, sem recensear agora outros muitos exercicios, que mal deixão em todo dia hum só instante livre de occupações religiosas. No seu refeitorio, eu o sei, he manjar exquisito e delicado hum prato de sardinhas salgadas, e daqui se poderá vêr até onde chegaráõ os estremos de penitencia, que ellas praticão a fim de que Nosso Senhor olhe com piedade para este Reino, fortaleça os justos, e converta os peccadores. De tudo isto ou desdenhão, ou se põem a rir os Pedreiros, e he tal a força do contagio de estolidas opiniões, que por ventura se tem deixado iscar do seu predominio, e desastrosa influencia, que certas pessoas devião estar á lerta, e precaver-se das traições da *pedreirada*. Ainda o Mosteiro não estava em meio, faltava-lhe Igreja, Noviciado, Commungatorio, Cerca, e aqueducto sufficiente para a conducção das agoas, que vem de muito longe; e de improviso esmorece Genoveva Maria, e começa de gritar por huma caza de educação em Villa Pouca da Beira, para a qual se applicão todos os seus esforços, e deligencias, e o mosteiro ainda hoje está incompleto . . . . mas *por faz ou por nefas* o espirito do Seculo triunfou, apoderando-se de quem mais deveria resistir-lhe, e as pobres Freiras para mais ajuda estão em termos de perderem o que he seu, visto que Genoveva Maria distrahio para a *caza de educação* muitos bens pertencentes ao mosteiro, e ainda que ella para socego da sua consciencia o declarou á hora da morte, lá vem a Jurisprudencia amada do espirito do seculo, que reprova esta ultima declaração como effeito de loucura, e de mais a mais influe alguns Magistrados para que *in limine* e sem mais exame prefirão a *Caza de educação* ao Mosteiro das Religiosas; e o cazo he, que o Mosteiro das Religiosas foi huma das principaes columnas deste reino em quanto durou o Systema Constitucional,

esmerando-se em rogos ao Senhor de dia e de noute por El-Rei, pela Rainha, e por todos os seus vassalos... Não se me estranhe esta pequena disgressão, e para outra vez eu recahirei mais largamente no assumpto predilecto dos Mações, revelando as artes e manhas, com que tem querido envenenar todas as gerações humanas, *gloriosa tarefa* com que muito sobresahírão algumas *cazas de educação* em Lisboa, onde já se passavão duas quaresmas sem que os adultos fossem mandados confessar-se, e hum destes alumnos encontrei eu no Seminario de Rilhafoles, onde se hia confessar ás escondidas, e com medo de que seus mestres e directores o soubessem!!

Celibato. — Lei Santissima de que Nosso Senhor Jesus Christo, e os seus Apostolos nos derão exemplo, Lei conservadora da consideração e magestade do Sacerdocio, Lei sustentada pelos Decretos de muitos Romanos Pontifices, a quem só os Pedreiros e *Canonistas Liberaes* negão o poder e auctoridade de pastorear todo o rebanho de Jesus Christo, Lei de que essencialmente depende a gloria do Catholicismo, e a sua propagação, que assim o dizem e confessão em altas vozes os seus maiores inimigos: foi necessario que viesse o tempo constitucional para se ouvir no Salão das *Necessidades* que o matrimonio era mais santo, e respeitavel, que o celibato religioso, e para se imprimir em Coimbra huma Dissertação, ou rapsodia de varios A.A. só a fim de se combater e destruir!!! Destas obras he que os Mações querião aos centos, e no meio de tudo isto ousavão com descaramento inaudito dar vivas á Santa Religião Catholica Apostolica Romana!! O Mastigoforo tem muito que açoitar sobre este objecto *da moda* que fez alvoraçar, e perder a cabeça, a muitos Clerigos, que ou nunca a tiverão, ou que por ignorantes sempre costumárão traze-la á razão de juro.

Clero. — A prepotencia do Clero, as *usurpações do Clero* feitas *ao Estado*, e aos Soberanos, a necessidade de abater hum corpo que só elle faz outra monarquia separada, tem sido os Clamores da Seita ha mais de 50 annos, e triste cousa foi, que muitos Reis cahissem neste laço, e que cingindo-se aos principios *Maçonicos*, se desligassem de primeira ordem do Estado, ficando assim com todo o corpo descuberto aos tiros da *Pedreirada!!* Sobre a idéa que os Pedreiros tem do Clero Catholico, temos agora cousa mui recente, e mui decisiva... He o conceito, que Napoleão Bonaparte fazia dos Pedreiros!.. No seu Quartel de Santa Helena hum pouco melhor do que muitos, que elle tivera na Russia, perguntou-lhe o Cirurgião O' Meara, que conceito fazia elle dos Pedreiros Livres » He hum monte de

imbecis (respondeo elle), que se juntão para comerem á regalada, e fazerem algumas Loucuras rediculas. Todavia, accrescentou, elles fazem de tempos a tempos algumas *acções boas*. Tiverão seu prestimo na revolução, e ainda ha pouco o tiverão para se deminuirem o poder do Papa, e a *influencia do Clero.* „ Perguntou-lhe mais se elle tinha protegido os Mações. Respondeo que assim o fizera, *mais por elles serem contra o Papa*, do que por outro qualquer motivo (V. Complement du Memorial de S. Helene Napoleon en exil. &c. par Barry E. O' Meara — 2. edição T. 1.° pag. 133 — 3.ª edição T. 1.° pag. 151.). Ora este conceito do Ir. Bonaparte não he dos mais airosos para a confraria, mas por outro lado nos serve de muito para conhecermos o espirito da maçonaria que insistindo neste proposito desmascararei de todo no artigo = Papa =

Conegos. — Boca que tal disseste, ou penna que tal escreveste!! He nome dos que fazem cuspir fóra os Mações, que no seu *Lexicon* já herdado dos Irmãos, Frederico, Voltaire, e Alambert, põem os conegos de rastos, arguindo-os de serem gente ociosa e huns zangãos, que se devem exterminar do cortiço, em que só devem *amezendar-se* os Pedreirinhos para chuparem todo o mel, ou toda a substancia do Estado. As Cathedraes, e os Mosteiros de mãos dadas salvárão o genero humano da barbaridade dos seculos escuros, e nos guardárão sem quebra ou mingoa hum deposito de conhecimentos, ou *verdadeiras Luzes*, sem as quaes não seriamos nada, e ficariamos todos sepultados nas trévas da ignorancia. Quantas cathedraes forão as primeiras Universidades da Europa? Ainda hoje esses titulos de Magestral, Doutoral, e Mestre Escola assás provão, qual foi o seu primeiro destino. Cessando este por se terem multiplicado os sabios, e os gráos Academicos, permaneceo todavia a celebração diaria dos Officios Divinos com pompa, e megestade.... Porém tudo isto, que tiver o minimo resaibo de adoração a Nosso Senhor Jesus Christo, he cousa nulla, e perdida em frase Maçonica, e he bem digno de lastima que certos Portuguezes, ainda não inficionados do Maçonismo, se abalancem a condemnar, e reprovar, o que só deverião querer melhorado, ou reformado, e que tenhão para si, que os Louvores de Deos a certas horas do dia são cousas indifferentes, que não se devem perpetuar, e que hum Conego assiduo frequentador do seu Coro não he hum homem, que trabalha, e merece hum bocado de pão!!!

Confissão e Confessores. — Já depois da nossa Restauração de 1823 se tem *desforrado* alguns Pedreiros, vociferando, e protestando, que a confissão auricular he opposta diametralmente

ao Systema! Tem-lhe huma raiva de morte, e já hum Irmão da Seita (Fevre) de Meaux (Lettre sur le celibat des Pietre — in 8.° 1789 pag. 61 = 77) declarou e imprimio, que toda a ancia de proscrever o celibato, he para se abolir deste modo a confissão... e o mais he que os *bichaços* da seita bailavão as tripecinhas, quando se lisonjeárão de que darião cabo do Sacramento da Penitencia! Aquelle segredo impenetravel guardado pelos confessores, e cuja inviolabilidade, e segurança he certamente hum prodigio continuado, parece mui duro aos *Senhores* Pedreiros, que em fim querem ser monopolistas do segredo, e que só elles o tenhão, e ninguem lho penetre! He incoherencia de marca maior, porém que se hade esperar desta *gentinha?* Vamos nós andando com a nossa vida, apreciemos o Sangue de Nosso Senhor Jesus Christo, que se nos applica em o Sagrado Tribunal da Penitencia, e deixemos *grunhir* á sua vontade os malditos Pedreiros, que necessariamente hão de aborrecer tudo quanto possa levar o homem para o Ceo, e desmanchar os perversos intentos de huma seita, que não admitte Ceo, nem inferno. Já por vezes toquei a especie dos Penitentes interrogados judicialmente do que lhes dizião os seus confessores, acontecimento bem sabido em Lisboa, de que podem ser boas testemunhas as Cazas do Espirito Santo, e a de Varatojo. As *insipientes*, *delirantes e extraordinarias* Cortes de 1823, ou por outra frase = o Monstro Constitucional *personalizado* quiz ainda entre as agonias da morte, varejar com a Longa cauda os pobres Confessores, porém não lhe chegou o tempo e deixou a obra incompleta.... e não perde as esperanças de a consummar!!!

Conspirador. — Era algum dia o que tramava ou a ruina da sua patría, ou a expulsão do seu legitimo Soberano para lhe fazer passar o throno a mãos estranhas, porém agora *Conspirador* he todo aquelle que ousa escrever duas regras, que seja, contra o Maçonismo, e contra a prepotencia, e intoleravel despotismo de seus principaes agentes. A famigerada Conspiração da Rua Formoza, patenteou *ad tedium usque* o verdadeiro sentido desta palavra. Ora Mr. de Laharpe bom conhecedor de taes assumptos deixou-nos huma excellente definição desta palavra, que seria pena omittir-se neste prospecto, e o mais he que teve o cuidado de a enfeitar com huma authoridade *classica* » *Honras e premios a quem denunciar seu Pai, sua mãi, seu Irmão, sua Irmã, seu bemfeitor, seu amigo. e que por sua propria mão os levar ao cadafalso. Pobre de quem mostrar compaixão, de quem fallar em ordem, e justiça... HE HUM CONSPIRADOR, NÃO LHE POUPEIS NEM MULHER NEM FILHOS...* são viboras são lob os.

(Cours de Litteratura — Ed. in 12 — Paris 1813 — T. 13 pag. 422) Portuguezes honrados e tementes a Deos, arripião-se-vos os cabellos ao ler estas monstruosidades!! Pois vivesse mais seis mezes a Constituição de 1822, e verieis dentro daquelle espaço tudo isto, e cousas ainda peiores...

Constituição. — Este vocabulo assim como outro igualmente desventurado a saber = Filosofia = muito queixosos devem estar destes ultimos tempos, que fizerão aborrecivel, o que de sua natureza se devia respeitar, e acatar. Por ventura os Soldados de Affonso Henriques, esses varões de mão chea, que assistírão ás Cortes de Lamego, esses Ricos Homens, que tanto luzírão nas Cortes seguintes erão por ahi alguns miseraveis *anarquistas?* Esses Reis Legisladores Affonsos, Denizes e Joões, erão por ahi alguns *mantenedores* da escravidão dos povos?. Por ventura esse Portugal velho, que estendeo o seu nome, e as suas conquistas *até ao berço da aurora*, que descubrio novos mundos, que sobre sahio nas armas, e nas letras quando muitos povos Europeos, ou jazião na infancia social, ou na barbaridade, fez todos estes prodigios sem ter huma Constituição? Se isto fora possivel, teriamos neste prodigio o maior de todos. Logo para que *berravão* os Pedreiros que não tinhamos Constituição? Sim faltava o que elles entendem por *Constituição* e vem a ser o predominio, ou enthronização da seita, que nasceo (ou foi vomitada dos quintos dos infernos) para atropellar usos, costumes, leis, e direitos ou sociaes, ou da propria natureza!!! Quem não jurasse a Constituição era desnaturalizado, exterminado, e acabava de ser Cidadão Portuguez, e quem insistia pela observancia da Constituição era *suspeito*, era hum *Realista*, hum *corcunda!* Não sei como se podia ser juiz com taes mordomos; só o poderia ser quem estivesse inteirado de que a Constituição se fizera só para enganar o povo, e assegurar a esta boa sombra todos os negocios, que se tratavão *nas sombras da noute.* Cumpre assignarmos a differença de sentido em que os Pedreiros tomão esta palavra. Os Peninsulares, ainda hum pouco temerosos de avançarem longe... fazem semblante de quererem — Monarquia Hereditaria = como fundamento principal de suas *Constituições*, já se sabe com a propria malicia da Constituição Franceza de 1791, que declarou o Rei inviolavel, e que dahi á bem poucos annos lhe separou a cabeça do corpo: os Allemães, como ainda farei ver miudamente na minha = Introducção á Historia do Maçonismo Portuguez = são nesta parte melhores *arquitetos* = nada de Rei senão electivo, já se sabe, para que esta altissima dignidade, venha a recahir em algum *Pedreirão*,

e tudo lhe fique em caza.... Ai e mil vezes ai dos Soberanos, que se fiarem nestas Constituições modernas talhadas pelo espirito maçonico, e *andejas* com as *Luzes* do seculo!! Tudo velho he hum principio decisivo e certissimo em Moral, e tambem o he em politica. As novas theorias aviltão os Reis, empobrecem as Nações, e cedo ou tarde roubão ao homem o melhor presente da Divindade á Religião! E ainda querem fazer mais ensaios mais tentativas! Triste da geração, que he obrigada a soffrer os *Optimistas*. Vamos indo com os nossos usos *goticos* e rançosos, e deixemos gritar a Maçonaria. Nada de Camaras á Franceza, ou á Ingleza, nada de macaquices. Tudo á Portugueza. Quem se não póde amoldar ás nossas instituições velhas, e carcomidas, vá por esse mundo fóra atraz das novas, e fique certo de que não deixa saudades.

Constitucional. — Veja-se na palavra *Jacobino*, que he *Synonima*.

Corcunda, *ou Carcunda*, designou sempre huma deformidade corporal, porém os Mações lhe *derão alta*, passando este vocabulo para o sentido moral. Corcunda no Diccionario da facção, he todo aquelle, que não he escravo, ou cumplice do maçonismo, e quem tal diria, que sendo ainda hontem este nome desprezado, já hoje seja tido por honorifico, de tal modo, que appareça hum excessivo numero dessas *Corcovas*, que eu chamo *invisiveis*, as quaes durante o Systema Constitucional estavão *alapardadas* no coração, e rebentando por fazerem serviços ao throno!! Ah homens, homens do Seculo 19, que pequenos, e despreziveis sois, e tendes a insania de querer alterar, e reformar o que sahio de melhores cabeças do que são, ou podem vir a ser as vossas!!! De huma terra sei eu, e das notaveis destes reinos, cujo nome eu calo por decencia, em que faz hoje hum anno que o nome de Realista era o *maximum* das injurias!! E anda agora tão repassada de amor ao Throno do seu adorado Monarca o Senhor D. João 6.°, que he huma consolação, e hum pasmo!!

Corporações. — Por qualquer lado, que se considerem, e apezar de toda a innocencia, e conhecida utilidade dos seus respectivos institutos, são gravemente *suspeitas* ao Maçonismo. Devem ser condemnadas á morte, para deixarem livre o campo á *illuminada corporação dos homens da luz*, *ou racionaes perilampos*, que dando com os Portuguezes todos ás escuras, logo firmárão o grandioso projecto de mudarem, e *regenerarem* tudo, e até de converterem a mais tenebrosa noute em dia claro! a beneficio desse Candieiro triangular, que sacrilegamente roubado a outros usos, e sublimes applicações, preside ás suas funções de tréves.

Corporações Religiosas são huma peste inimiga da Sociedade, porque são addidas ao Catholicismo!! As Corporações Litterarias carecião de *fundidas* para se tornarem soffriveis, pois era de recear, que bafejadas, e protejidas pelos Reis, nunca chegassem a perder o affecto aos seus instituidores, e bemfeitores. (Vejão-se os artigos — Frades — Sciencias — Universidade.)

Cortes. — Definidas pelo P. Bluteau, são hum *Ajuntamento geral dos que tem voto nas materias concernentes ao bem commum do Reino, e particular do Rei.* O seu compendiador, e addicionador Moraes, sem contrahir o *defluxo que lhe podião trazer facilmente os ares da America Ingleza*, juntou a devida explicação de que era voto *consultivo*, e não decisivo, de maneira, que as Cortes forão instituidas para aconselhar e propor, e não para governar, e decidir. Assim o provão huma infinidade de documentos historicos, desde as primeiras Cortes em Lamego, no Seculo 12 até ás ultimas em Lisboa, no Seculo 17. Muito boa cousa erão taes ajuntamentos, em quanto a funesta revolução, produzida pelos erros de Luthero, não alienou os espiritos, e fez caminhar o genero humano atrás das suppostas delicias de huma independencia toda fantastica, que o constitue mais infeliz, e mais escravo, que de antes era. A França como habitada *por esses excellentes vassallos, que em* 1585 *a quizerão fazer hum estado republicano*, e que no Seculo seguinte fizerão guerra formal ao seu Principe, que se vio obrigado a leva-los por força de armas, forçando-lhes o seu baluarte de Rochella, desistio das suas Cortes, que chamava Estados Geraes, muito mais cedo do que nós, que ainda as tivemos no fim do Seculo 17. Ora quando os homens são bons, tudo se faz bem.... Logo, que se lhes volta a cabeça, e o mais insignificante advogado, começando de repetir com enfase os nomes de Vatel, Mabli, e Rousseau, tem lá para si, que he hum consummado Legislador ... que se deve esperar de taes ajuntamentos? O que temos visto ha poucos mezes neste *rancho* de homens *Luzentes*, ou illustrados, que se reunião em huma grande Sala, para darem cabo de todas as nossas instituições, *e ainda em cima dá cá esses* 4$800 *reis diarios, que te faço grande favor, em te levar tão pouco!* He pena que estejamos condemnados a aturar hum Seculo, que não admitte senão *luzes*, e *talentos*, e já ninguem faz caso de virtudes!! pois trabalhem quanto quizerem, que sem estas não se podem fazer, nem Cortes, nem mudanças uteis, nem reformas saudaveis. Nunca se me tirará huma espinha que eu conservo, e que só por morte me poderá sahir. Que muita gente cahisse ... esperançada em Cortes não admira, mas que sendo ellas convocadas pelo go-

verno, que nos deixára ElRei Nosso Senhor, não fossem queridas, nem approvadas, he caso bem triste!! E que lindas Cortes não surdírão das forjas Maçonicas! Que inaudita serie de vilezas de toda a marca! Que horrendas profanações dos lugares santos, quando se fazião as taes eleições!! Houve descomposturas, houve *murros*, houve facas arrancadas, e por bem pouco, não houve mais alguma cousa!! No meio porém da intensa mágoa que nesse tempo me opprimia, e acabrunhava, deo-me vontade de rir, quando vi que tinhamos reproduzido o Convite de Mr. de Brienne aos homens sabios, para fazerem *mais vivas as luzes* desses *choradores* pelas desgraças publicas!!! Tambem cá me chegou esta sinalada honra, que logo me fez entrar na honrosa classe dos *Suspeitos. Cortes velhas* foi o meu voto, e o da maioria dos consultados . . . porém o GRANDE ORIENTE quiz outra cousa, e não houve remedio senão fazer-lhe a vontade. . . . De Cortes Portuguezas, nem fumos tiverão essas que tão despejadamente se alcunhárão deste modo! Eu tenho lido as copias fieis de muitas em differentes reinados, e agora mesmo eu tenho sobre a meza onde escrevo, os transumptos das celebradas pelos Senhores D. Affonso 4.º e D. Pedro 1.º, e examinando o que se passou nellas desde o principio até ao fim, nenhuns visos encontro de outra soberania, que não seja a d'ElRei. Queixão-se os póvos de Lisboa, do Porto, de Evora, e de outras Cidades, ou Villas notaveis, e ElRei defere como lhe parece melhor, e tudo se acaba na paz do Senhor, sem gritarias, nem usurpações da authoridade real. Tomára eu que os nossos Jurisconsultos se incumbissem do exame de todas as Cortes antigas, pois talvez descubrissem, ou na imperfeição do andamento dos negocios judiciaes naquellas eras, ou antes na falta de muitos Tribunaes, que depois se instituírão, huma das causas principaes da frequencia daquellas reuniões em tempos mais antigos, pois olhando eu para os trabalhos, e competencias da maioria dessas Cortes, parece-me que ainda hoje estou vendo nas Relações do Porto, e de Lisboa, humas *Cortes permanentes*, sem muita differença das antigas. Parece-me, não he decidir, e antes que me enxotem com o *Ne sutor ultra crepidas*, tornemos á vaca fria. . . . Tenho observado que os Maçóes trazem muito na boca as primeiras Cortes, e as primeiras do reinado do Senhor D. João 4.º, e he necessario, que eu não pareça estranho, e hospede nestes dous memoraveis acontecimentos. Muito se comprazem os taes heroes daquelle — Não queremos, ou *queremos que este ou aquelle reine sobre nós*, e guizando isto a seu modo, empurrão-nos hum *pacto social*, da fabrica de Rousseau, e assentão que ficou demonstra-

da a soberania do *Povo Lusitano.* Ora pois vamos por partes — Que era o Senhor D. Affonso Henriques antes da batalha do Campo de Ourique? Hum Principe Soberano, e absoluto do que então se chamou o Condado de Portugal; e hum cento de monumentos daquellas eras assim o mostrão clarissimamente. . . Ora pois o Exercito acclamando-o Rei, não lhe deo a Soberania, que já era de seu Pai, e lhe foi transmittida por herança. Logo o Exercito nem se quer sonhou, que lhe tirava as suas prerogativas, antes lhas engrandeceria se necessario fosse. . . . Porém os grandes, os Prelados, e os *Representantes* da nação, parecem coartar-lhe os seus poderes com aquelle — *Queremos, ou não queremos* — Ah pobre gente, Maçonica, que pelo que eu vejo tens de andar sempre ás escuras! Quem chamou estas Cortes foi ElRei, quem as presidio foi ElRei, e tudo quanto nellas se tratou de mais importante, foi em pró de ElRei. Tratou elle de segurar a Coroa nos seus descendentes, de impedir que ella passasse nunca a hum Principe Estrangeiro; e de obstar aos desejos ambiciosos de algum Principe natural destes reinos, onde facilmente se podia renovar as scenas lastimosas, em que fôra involvido hum D. Garcia, Rei de Portugal, e fez adoptar por aquelle Congresso todas as medidas que elle traçára de antemão, e que ora fazia executar em a Cidade de Lamego.

Passando ás *Cortes* do Senhor D. João 4.°, he nescessario destinguir o ajuntamento de 1641, da obra do Doutor Valasco de Gouvea. Não se encontra naquelle huma só expressão, que favoreça os Pedreiros, mas he forçoso confessar de plano, que o Doutor Valasco he o seu escudo, o *seu author e o seu desperdiçado.* Tem elles sobeja razão para se applaudirem; de que hum Jurisconsulto dos nossos roubasse as *alviçaras* ao cidadão genebrino, porém commettendo a fraude de chamarem *nacional* a doutrinas de hum livro mais filho das circunstancias, que das verdadeiras e solidas doutrinas, que devem seguir todos os defensores da realeza, dão a entender, que será essa a doutrina corrente daquelles dias, e por isso ousárão escrever prégar e imprimir não só que a *Soberania* he *attributo essencial* do povo, mas tambem, que. —

O Senhor D. João 6.° perdeu o direito de governar immediatamente em Portugal, durante a sua residencia no Rio de Janeiro, depois da paz geral. . . . E sahio em *letras gordas*, e não faltou, quem dissesse já nesses tempos que erão irmãs gemeas das *letras* do Auctor em materias politicas! Foi esta obrinha como o segundo filho do Doutor Valasco, que o primeiro alcunhou-se *manifesto da Officialidade dos regimentos* que vinhão do Por-

to, sahio dos prélos da nossa Athenas, muito airoso, vestido e calçado pelo homem, que tantas vezes me faz lembrar da arvore em que Judas se enforcou! Não tardou a vir e apparecer o terceiro filho, que foi hum sermão *estupendo*, que bebeo os principios do Doutor Valasco até os esgotar, e doendo-se da sua consciencia lá diz no fim quem he o pai da creança. » *Os Portuguezes (ita legitur* no seu *esclarecimento* ultimo) *que tinhão lido o Livro* = Justa Acclamação do Serenissimo Rei de Portugal D. João 4.° = *por Francisco Valasco de Gouvea (nome illustre que era crime citar, como experimentei antes do dia 24 de Agosto) sabião os principios fundamentaes do nosso direito publico, isto he, que a Nação pode depor hum Rei, e entregar o Sceptro a quem julgar mais capaz de bem o reger.* »

Ora já se vê claramente, que nenhum destes abominaveis principios se estriba em outra authoridade, que não seja a de hum Jurisconsulto, que levado de hum imprudentissimo zelo, tanto quiz apurar a justiça com que tinhamos sacudido o jugo Castelhano, que veio a prejudicar gravissimamente a boa causa, que elle defendia.... quanto mais nobre, e mais louvavel foi o procedimento das Cortes, que insistindo no direito da Senhora D. Catarina Duqueza de Bragança á Coroa de Portugal por morte do Cardeal Rei, firmão nesta base todos os seus trabalhos para conservarem o Sceptro na Augustissima Caza de Bragança!! Tanto credito merece para mim o Doutor Valasco parecendo hum éco das obras incendiarias de Buchanan, e Milton, como esses Prégadores do tempo da Acclamação do Senhor D. João 4.° que não ha mal nem doenças, que não attribuão aos Castelhanos, e tal houve, que declamou terrivelmente contra o uso das *meias*, porque os Castelhanos nos trouxerão com ellas muitas e gravissimas enfermidades.... Basta de *Cortes*, que se ellas tornarem a ser algum dia, como essas que nos *estafárão*, sumidas sejão ellas no inferno, lugar proprio de tão *hediondas* assembleas. (*)

Culto Divino — Só os Atheos receião prestar os devidos rendimentos ao Creador dos Ceos, e da terra, cuja bondade, e munificencia se podem lêr em toda a natureza, que desde os astros do firmamento, até ás mais humildes, e rasteiras plantas, annuncia o poder e magestade do seu Author.

(*) Haverá quem repute defeituoso este artigo por falto de citações... A seu tempo satisfarei esta duvida... que por ora não convem.

Nada ha mais frequente nos Pedreiros, que o metterem á cara a decencia do culto, mormente quando se trata de roubar aos homens, o que elles desde tempo immemorial souberão applicar para o Culto Divino. Fingem sempre deixar em salvo esta applicação, promettendo mundos, e fundos para que elle se mantenha em todo o explendor, mas pouco tardará que zombem de taes promessas, e faltem como huns *negros* a tudo o que mais solemnemente havião afiançado. O Culto Divino para elles, he huma *comedia Religiosa* e não faz outra differença dos Cultos de Céres, e *Baco*, senão em o nome dos objectos a que os nossos se dedicão. A guerra, que os nossos Pedreiros fizerão ao Sagrado Laùsperenne, á Senhora da Conceição da Rocha, e aos Santos Protectores deste Reino, assás prova, o quanto elles tratavão de simplificar, o que havia de maior pompa, e devoção no *Culto externo*; e por isso hum dos nossos Reis, que sobresahio nesta parte, consagrando os *seus thesouros* e *muito seus*, á magestade do Culto externo, he chamado irrisoriamente por elles o *Rei Sacristão*, e custou a evitar palavras em extremo injuriosas á sua memoria e ao proprio catholicismo, que elle professava, nesse memorando, e gigantesco aresto da extincção da Patriarchal!!! Quem assentar que sou exaggerado, e tiver devoção de remecher no *armazem das Sandices* e *impiedades*, que já me tarda ver queimado por mão do algoz, procure a pag. 1821, (1.ª legislatura) e achará o seguinte.

„ Ora que esta adoração seja no templo, ou nos bosques, com as mãos na cabeça, ou sobre o peito, em pé, ou de joelhos, são cousas variaveis, segundo os differentes costumes das nações, são cousas *filhas da invenção humana*, mas o essencial he que a adoração seja verdadeira, *id est*, em espirito e verdade „ . . . .

Não se podia recopilar melhor a substancia dos argumentos contra a necessidade e santidade do culto externo; e o mais he que destes Rousseaus *pequenos* tivemos grande fartura *no Congresso*, e por ora ainda não resolvi o problema se foi maior a sua ignorancia, ou a sua maldade.

D.

Despotismo. — Nos bons Diccionarios importa o abuso da authoridade Real, e neste sentido he que chamamos Déspota esse que governa em Constantinopla . . . . porém no diccionario dos homens pedras ou *doudos* de *pedras* tem outro sentido. Despotismo he todo o acto judicial ou administrativo, que não tem o cu-

nho da influencia Maçonica.... Por exemplo hum Rei que manda prender, e executar meia duzia de vassallos revoltosos he hum Déspota, hum tyranno insoffrivel; porém hum governo, que inquieta, desterra, e prende centos de pessoas, sem lhes dizer porque he hum governo suavissimo, he o unico que póde felicitar as Nações!!! No Diccionario Maçonico, todos os Reis são Déspotas, e ninguem se queira illudir mais com esses Pedreiros, figadaes inimigos do poder e authoridade dos Soberanos. Para elles tão Déspota he o Senhor D. Affonso Henriques, como o Senhor D. João 6.º ainda que o primeiro tenha venerações de Santo, e o segundo tenha usado com elles huma inaudita clemencia. Desenganem-se de huma vez os Reis da Europa, que tudo he perdido com esta *boa gente*, que lançou por terra a Monarquia Franceza, quando era regida pelo soberano mais alheo dos minimos vislumbres de tyrannia, e despotismo, e que ainda hoje reinaria, se assim como soube perdoar, tambem soubesse castigar.

Direitos do homem e Direitos do Cidadão. — Eis-aqui huma das *perlengas* com que nos aturde a confraria Maçonica, e julgando erradamente, que não sabiamos dos maravilhosos effeitos deste remedio ou *elixir Constitucional*, que nos erão desconhecidas as prendas do seu Irmão Carissimo Thomaz Payne, e que não tinhamos se quer bons olhos para vermos, e chorarmos as nunca vistas maldades, e abominações, que se perpetrárão nos ultimos vinte annos do seculo 18 debaixo do pretexto daquelles sonhados, e arbitrarios direitos, ainda agora os nossos Pedreiros ousárão repetir solemnemente aquelle *bota-fogo* de discordias, ruinas, desolações, e mortandades!! O esfarrapado Sans-cullote, que invadia, e saqueava os que tinhão ou possuião mais que elle, não trazia na bôca para se animar em o progresso de suas continuas maldades, senão os *direitos do homem*, e por estes se dizia authorizado para commetter todo o genero de extorsões. Desde o berço da nossa Monarquia nós gozamos em toda a sua plenitude os *legitimos* direitos do homem, e do Cidadão, e importa que amaldiçoemos quaesquer outros, que huma seita manhosa e pérfida nos queira conceder, pois tudo são inventos da sciencia inimiga de Deos, e dos homens, que se empenha em allucinar, e fazer desvairar estes, para que se convertão em hum rebanho de feras indomaveis, que, disputando entre si o melhor quinhão da preza, acabem por se despedaçarem huns aos outros.... *Direitos do homem* são em frase Maçonica, os que armão o ser finito, o homem contra o seu Deos, e Creador, e os Direitos do Cidadão produzem igual effeito contra os Soberanos. Por exemplo he direito do homem, (segundo os Macções) chamar a contas a Di-

vindade, e regeitar tudo aquillo que o nosso entendimento não chega a comprehender, por exemplo he direito do Cidadão julgar-se incluido no *pacto social primitivo*, e conservar dentro em si hum germe de resistencia ás authoridades, que lhe faz ter por legitimo qualquer acto de insubordinação e rebeldia; menos que se trate dos *arestos* das lojas, pois em quanto a estes admittem e jurão obediencia céga e exclusiva do minimo reparo, ou exame.

Oh pectora cæca!

Direitos banaes. Parece hoje huma cousa intoleravel, e destructiva dos progressos da industria, o mesmo que outra hora foi hum esteio, que animou, e sustentou esses mesmos progressos. Hum Cabido, hum Mosteiro, hum Fidalgo, fez taes serviços que alcançou a posse de hum grande territorio ermo, e inculto. Desembolsou o seu dinheiro para o cultivar, chamou de longe varios colonos para o habitarem, e como o tráfego era mui laborioso, nem o primeiro senhor podia com tanta cousa, cedeo huma parte debaixo de certas condições, que os avoengos dos actuaes possuidores, tanto não achárão duras, que antes levantárão as mãos ao Ceo, por se verem proprietarios. Entre tanto carecia-se de certas obras maiores, e indispensaveis para o bem commum, quaes erão moinhos, lagares, etc, etc, etc. Obrigou-se o Senhor das terras a fazer estas obras, e a traze-las sempre bem reparadas, com tanto que os vesinhos alli viessem fazer o vinho, o azeite, moer o pão, etc. Vem os *tempos da luz*.... amanhece-lhes a sempre agradavel esperança de não pagarem.... eilos todos levantados *com o Santo, e com a esmolla*..... e ABAIXO DIREITOS BANAES, que se erão furtos, por si mesmos ensinão o Lavrador ignorante, a que se considere roubado em tudo o mais, e desta arte fenecem de golpe os rendimentos dos Cabidos, dos Frades, e dos Fidalgos, que era o ponto a que se queria chegar!.... He direito banal ter o moinho e lagar prompto para quem era obrigado a servir-se delle... e aqui de ElRei, furto, violencia e usurpação!!! E que direito será passar tres horas por dia a asnear, delirar, e blasfemar... e venhão sem falta os 4$800 reis diarios em bom metal!! E ainda haverá quem deseje sustentar a *obra das luzes*... e se praticar hum tão horroroso crime poderá levar injúria, a quem justamente lhe chamar *ímpio e nefando Mação?*

Dizimos. Para perto me mudei, e aqui estou mettido em outra mil vezes peior, que a antecedente! Dizimos em fraze Pedreira, são hum dos grandes sustentaculos, que ainda restão ao *fanatismo*. Houve no Congresso *nesciente* ou das *necessidades* quem

accusasse Moysés de author dos Dizimos, e que nisto não influia a Divindade!!! Tal era a noticia *vasta e profunda*, que os Sabichões tinhão de cousas sagradas! Mandou positivamente o Senhor, que se pagassem os dizimos na lei antiga, e sem nos mettermos agora em questões, se esta vontade se amplia e se estende á *lei nova*, questão que só parecerá ociosa, e digna de riso a quem nunca tiver consultado os monumentos da historia da Igreja Christã, limito-me a huma simples reflexão. Forão respeitados os Dizimos por espaço de muitos Seculos, e já dezoito contava a Igreja Christã, quando os *Filhos da Luz* vem annunciar aos Reis e aos povos huma doutrina, que cedo ou tarde os infelicitaria, e deitaria a perder. Enganão os Soberanos deste modo... *Enche os teus cofres dos bens da Igreja, e da-lhe hum equivalente, que não hes obrigado a mais nada por direito Divino, e por mais que clame a Igreja, e queira tomar á sua conta esses bens tu hes mais forte, e he quanto basta para teres mais razão.* Enganão os póvos dizendo-lhes. *Isto de Dizimos he huma invenção humana, sómente fundada na liberalidade dos Reis, que lhos podem tirar quando muito lhes parecer, nem a Igreja tem a mais leve sombra de authoridade em cousas temporaes, excedeo-se quando vos mandou pagar dizimos, o seu reino não he deste mundo.* Ah! pérfidos, e malvados, (direi eu que já me não posso conter) o Reino da Igreja he deste mundo, em que tambem milita e governa; o reino da Igreja que he do outro mundo, não vos inveja o poder que tendes, ou vos arrogais no primeiro, e lastíma com verdadeiros sentimentos de Mãi carinhosa o triste papel que fareis, no que vos não entimida, porque nem o conheceis nem acreditaes...

Rasgue-se por huma vez o denso e bem tapado véo, que a Maçonaria tem posto diante dos olhos dos soberanos da terra. Armão os Reis contra o seu melhor apoio, enchem-os de prevenções contra essa chamada usurpadora dos seus direitos, para desbaratarem o principal exercito que defende os thronos, e acharem depois menos, que destruir! Abusão da credulidade dos povos para os eximirem das suas obrigações, e apenas huma, como esta dos Dizimos, fique de parte, não tardará outra mais essencial, a quem succeda o mesmo, e assim gradualmente se poderá chegar á destruição completa do edificio Religioso, que he o alvo de todas estas maquinações! Entre tanto o Erario Real, onde os dizimos bem pagos fazião despejar sommas avultadas, vai-se esgotando, pois ninguem dá o que não tem, e por outra parte esse inferno de que os Mações se costumão rir, vai-se enchendo de almas, que a troco de não pagarem os Dizimos, e os mais encargos a que erão obrigados, se expozerão a arder eternamente!! Se eu

respirasse vinganças contra estes possuidores de ma fé, por certo, que não os avizaria tão claramente, pois que maior castigo lhes queria eu, se tal animo tivesse, do que *cahirem elles nas mãos do Deos vivo* por terem insultado á sua Igreja debaixo dos auspicios da Maçonaria? Porém os Mações, dirá algum zeloso da verdade Historica, não prohibírão os Dizimos.. oh se prohibírão, e por sinal escrevendo debaixo de capa aos seus *emissarios* para que induzissem os povos a *levantarem de todo a cesta* aos Cabidos, e Mosteiros! Tão poucas feridas causou á propriedade esse Congresso Despotico (só alli ficou esta palavrinha no seu lugar) que lhe faça eu grande injúria se o accusar de que fomentou por todas as artes e manhas, o que tem succedido com os Dizimos, em quasi todo este Reino, e que foi desconhecido em 600 annos de nossa existencia politica?

E.

Energia. — Mal sabem os Portuguezes, não lidos em obras modernas, onde vai dar com os ossos esta palavrinha? Ora para que não se enjoem do meu *tom declamatorio* e de minha *acrimonia excessiva*, *e descompassada* hei de suavizar ou adoçar a pilula, com *assucar maçonico* e ahi vai o que diz hum Piorry ou *Piorro* emissario da seita *Jacobinico Maçona* que devastou a França. » A calumnia he hum dever, o assassinato he huma virtude, tudo o que os aristocratas (Fidalgos) e os moderados ainda peiores que elles, chamão crime, ladroeira, maldade he com effeito patriotismo, exaltação, e *energia.* » Tomára eu achar todas as palavras Maçonicas assim defenidas. (*)

Ente Supremo. — He titulo que assás exprime para nós os Christãos, quem he o Ente de que se trata, porém os Mações seguem *outro Norte.* O seu *Ente Supremo* não he o Deos dos Christãos, he outra cousa que elles sabem, e por isso he que fogem *a toda a brida* do nome de Deos, que custa muito a apparecer em seus labios, e em seus escritos. Não he invenção, ou descuberta que eu fizesse, pertence *in solidum* a Mr. de Laharpe, o qual nos refere (pag. 58 do seu Fanatismo em Lingoagem Revolucionaria) que hum *Sans-cullote*, dizia a hum seu camarada que lhe fallava em Deos = Cala-te *já não ha Deos*, *não ha agora senão hum Ente Supremo*, = e este homem fallava de boa fé, como tem

(*) Laharpe Lycee ou Cours de Litteratura T. 13 pag 422.

fallado por aqui alguns *Sapateiros*, que dando com a lingoa nos dentes, confessão que nos ajuntamentos nocturnos da pedreirada, lhes mandárão pizar, que horror!! hum Santo Christo!!!.

Espiões. — Magistratura de *novo cunho*, porém muito desperdiçada do Maçonismo, que lhes commette as por extremo honrosas funções de espreitarem os gestos, *mencios*, e acções do homem sisudo, e religioso, para acharem pé de o deitarem a perder, ainda que não seja em outra cousa, senão em o *proprio silencio*, que a *Seitazinha* arvora em crime de *Leza Maçonaria*!!! Deo na fina de prender por ter cão, e prender por não ter cão . . . Ora vejão o que he de misero, e apoucado o espirito humano. Depois de tantas *filipicas* virulentas, contra as *Denuncias* occultas do Santo Officio, contra as *espionagens* da Intendencia Geral da Policia, vem estes *homens-zarrões*, *e Almotacés da Limpeza das bolças*, *das Igrejas*, *dos abusos*, *etc.*, *etc.* e dando com o pé na pêa, fazem mil vezes peior, fazem o que nunca se fez, lançando em conta á pobre nação, já sobre modo envelecida, e roubada, mais este *petisco* dos tantos mil cruzados, para os taes *figurões*, que devião assassinar a sua parte mais sisuda e virtuosa. Portugal velho, dá parabens á tua fortuna, por teres já representado na scena de hum modo tão conspicuo, e decoroso, se te chegarem por lá noticias do *Portugal novo*, por certo que has de benzer-te do que nós experimentámos, e soffremos.

Exercito. — He huma associação de homens, obrigados a defenderem o Throno, que os reunio, que os alimenta, que os enobrece, e condecora, e desde que principiárão com a Monarquia os nossos fastos militares, não havia huma nação Europêa, que levasse a palma aos naturaes deste reino, em firmeza, e lealdade! Foi necessario que viessem os Pedreiros a este reino para escurecerem aquelle antigo, e até 24 de Agosto de 1820, nunca deslustrado esplendor. . . . Vi desarmar huma parte do Exercito Portuguez na Invasão Franceza, e admirei os ingenitos sentimentos de lealdade dos Portuguezes, desde os Officiaes Superiores até ao mais infimo soldado. Mal haja esse infausto dia, que ha feito desapparecer tamanha, e tão bem sustentada gloria. Queixe-se o nosso Exercito da Maçonaria, que penetrando as suas fileiras chegou a esbulha-lo dos seus antigos brazões, e para seu maior escarmento lembre-se de que os Mações tão fagueiros para com a força armada, em quanto necessitão della, são os primeiros que a detestão figadalmente, e não sou encarecido, se affirmar que os Mações não aborrecem mais os Clerigos, e Frades, do que os Soldados. Forão estes huns *anjos em carne*, *huns generosos defensores da patria*, em quanto *apoiárão* o Systema, porém logo

que, acordando á voz da honra, e da justiça, quebrárão as algemas, que a Seita lhes havia deitado, forão *GUARDAS PRETORIANAS*, e sustentaculos do Despotismo! Não socegárão os rebeldes Francezes, em quanto o infeliz, e despervenido Luis 16 não mandou retirar as tropas, que havião sido chamadas a París, e tambem cá os nossos levantados não socegarião em quanto não vissem o nosso Exercito desmantellado, e absolutamente nullo. Tirou-se o privilegio do foro aos Clerigos em odio á Religião, tirou-se o foro aos soldados em odio á Monarquia, de que elles são os naturaes defensores. Lisonjeo-me de que todo o Soldado Portuguez que ler estas poucas linhas, se convencerá, que forão dictadas pela mais alta estima da sua profissão, e pelo mais vivo desejo de que não tornem a cahir nos laços do Maçonismo, nem a deturpar, e manchar o seu credito, e a sua gloria. (*)

F.

Fanatismo. — Que palavrão este para me encher longas paginas, se eu pertendesse recensear as cousas, e os objectos a que os Maçães tem posto o Sobre-escrito = *Fanatismo*! = Ora o fanatismo denota hum zelo de religião, porém cégo, e desmarcado, e tambem se diz figuradamente de todo o excésso, ou demazia em algum sentimento bom e louvavel, como por exemplo, o Senhor da Trofa, que se precipitou da ponte de Coimbra abaixo para se livrar dos rendimentos, que lhe seria necessario fazer ao Rei Castelhano, que alli passava, foi rigorosamente hum *Fanatico* de *Realismo*. O Regimento Transmontano, que se deixou cortar até ao ultimo soldado na guerra da Grande Alliança, foi hum fanatico de brio, e coragem militar; porém agora já se não trata desses fanatismos, appareceo outro de maior monta, que os Pedreiros, como inimigos de todas as crenças religiosas, definem assim.

(*) Já se restituio o privilegio do foro aos Soldados, porém a devida restituição do foro aos Clerigos . . . vem com pés de chumbo!! Ora he tempo de cessarem inteiramente essas Leis offensivas do Christianismo, e que confundião nas cadêas publicas o Ministro dos Altares do Deos Vivo, com os matadores, e ladrões de estrada! Nunca he máo cingir huma espada . . . . Não sei porque fado, os negocios da Igreja são reputados quasi sempre os ultimos!!!

» Fanatismo he a crença de qualquer religião que seja, he o apego á crença de seus pais, he a convicção da necessidade de hum culto publico, he a observancia dos seus ritos, e cerimonias, he o respeito aos seus Symbolos. Tudo isto he fanatismo. Quem estiver iscado delle he hum inimigo da patria, e deve ser exterminado. »

Ora esta definição traçada por quem pertenceo quarenta annos á Seita Filosofico-Pedreiral, não he para desprezar, nem para ficar no tinteiro; (*) porém deve-se accrescentar, que por fanatismo entendem os Maçōes com muita especialidade a Santa Religião de Jesus Christo. Desde o tempo que a Maçonaria se enthronizou neste Reino (que já vai ha hum par de annos) era fanatismo ouvir Missa todos os dias, quando a Igreja nossa Mãi quizera que fizessemos ainda cousas melhores durante o Sacrificio! era fanatismo rezar estações com os braços em cruz, não obstante ser esta a prática dos fieis dos primeiros Seculos, segundo nos consta dos escritos de Tertuliano; era fanatismo confessar-se a miudo, como se os fiéis assás cuidadosos de remediarem logo as feridas do corpo, não devessem mostrar ainda maior empenho por acudirem ás feridas da alma; era fanatismo rezar cada hum as suas contas, e fazer hum bocado de oração, ou vocal, ou mental, como se hum homem, dias e dias esquecido de hum Deos, que o creou, e o enche de beneficios, não fôra huma especie de monstro!! E se ha 20 ou 30 annos já havia tantos *fanatismos*, vejão lá o que subiria a conta de 24 de Agosto de 1820 por dian-

---

(*) Não ha remedio senão conformar-se o homem á lingoagem recebida. (São palavras de Mr. de Labarpe T. 13. pag. 379.). » Sabe-se que ha muito tempo a palavra Religião foi riscada da Lingoa Franceza. Todos os póvos do mundo que até agora tinhão huma religião, já não tem senão *fanatismo*. He para notar, o que não escapará aos historiadores, que quando os *Filosofos sem calções* trazião diariamente á *Barra* da Convenção os vasos sagrados, e os ornamentos do culto, não se lembrávão nunca de dizer, os *despojos da Religião*, os *despojos do Culto*, guardavão-se de o dizer; erão sempre os *despojos do fanatismo*. Que cousas vão mettidas nesta expressão para quem estiver em circunstancias de reflectir . . . Eu escrevia em 1791. Que homem honrado se esquivará de pertencer á Religião de Fenelon? Conto pôr agora em huma nova edição. = Que homem honrado se esquivará de ser fanatico como era Fenelon? =

te!! O Sacramento do Corpo, e Sangue de Nosso Senhor Jesus Christo já era villipendiado de tal maneira, que dentro em pouços mezes não seria possivel leva-lo aos enfermos, sem que vissemos apedrejado o Sacerdote! O Sacramento da Extrema-Unção foi ultrajado a ponto de que o seu Ministro era chamado, e por quem ensinava meninos. = O Azamel, ou Almocreve das almotolias! = Em fim tudo era fanatismo, e pouco tardaria, que o Sacerdote pelos exercicios da confissão, e prégação fosse arguido de *fanatizar* os póvos, e como tal, ou espingardeado, ou posto pela barra fóra, como praticárão os Mestres Francezes.

Fanatismo. — E cuidavão os Mações que eu tinha acabado. Não senhor, ainda falta o *eminentemente* rediculo *Fanatismo Pedreiral.* São huns maníacos de nova especie, que deitando-se de huma ponte abaixo, todos se affligem, e se enraivão de que lhes não façamos a destincta honra de os acompanhar-mos nos seus saltos (para o inferno). Ainda não houve seita mais *fanatica* de momices, de *toleimas* e de ritos os mais provocantes de riso e mófa . . . Que he senão hum fanatico *de pedra e cal*, e hum tresloucado, quem estima o seu *Candieiro triangular* acima dos que se fabricárão para o Templo de Salomão, que prefere as mitras de latão ás proprias tiaras pontificias, huma trolha a hum sceptro, e huma espada do Irmão vigilante a hum diadema Imperial!!

Festas Nacionaes. — Erão por exemplo as que os bons Portuguezes celebrárão por se verem livres da invasão Franceza, porém Festas nacionaes em sentido Maçonico, são os applausos á seita no proprio recinto dos Templos Christãos para melhor os deprimirem; e envilecerem! Que linda festa Nacional não foi o anniversario dos Pseudo Martyres do Campo de Santa Anna!! E foi condemnada a Santa Religião de nossos Pais a ver huma execranda prostituição de suas augustas ceremonias a ponto de serem reputados como varões illustres, e *benemeritos da patria*, huns refinados Sans-cullotes, huns Pedreiros, alguns dos quaes só tiverão de bom, o confessarem á hora da morte, que o erão, e que não querião sahir de *avental* para o outro mundo! E tantos solemnissimos Te Deum, pelas bases, e pela Constituição!! . . . Ainda bem que nos livramos do Te Deum pelo restabelecimento do Patrão da lancha! Que grossa nuvem de ultrajes á Divindade, e que mal empregado dinheiro para ser pomposamente celebrado o anniversario de 24 de Agosto!! Que *bocadinhos de ouro* não sahírão das bocas Sacerdotaes nesse dia memorando! Taes houve, que por não quererem deixar o seu crédito por mãos alheias, deixárão na contextura, ou *arquitetura* dos seus Sermões, huma

prova certa de que erão obra *da loja*!.. Esperai meus ricos Prégadores, que a vossa hora está chegando... e não me faltará com que zunir-vos a pelle.

Fidalgos. — Sem cavarmos agora nos Hijos de algo, e nas várias etymologias, e accepções da palavra, tocaremos o que mais importa. Houve fidalgos ou nobres, em as mais famigeradas republicas dos tempos antigos, e já os Persas, e Assirios conhecêrão gráos de nobreza, que até foi conhecida, e admittida pelos ferozes Garilezes, vencidos por Cezar... Chega o maldito Seculo 18 enoja-se de palavras, nausea-se, e vomita huma cafila de Salteadores ou Marselhezes, vagueão por toda a França, para a destruição dos *Castellos* e incendio geral dos pregaminhos... E os taes promotores, ou instigadores de semelhantes desordens, se lhe cheira hum titulo, ainda que seja concedido por Bruto Bonaparte (era o seu nome de *vilão ruim*, quando tremia como varas verdes de ser fidalgo) agarrão-no com unhas, e dentes, ainda que venha escrito e lançado em papel pardo!!. Ora que nós entendamos por huma vez... Fidalgo, entre os seus maiores encargos tem hum principal, que consiste no mais puro, e mais vivo interesse pela conservação da Monarquia, devendo seguir pontualmente os seus fados, e alternativas, como fez por exemplo a nossa Fidalguia, quando foi morrer nos Campos Afrianos por obediencia a ElRei D. Sebastião. Ora tudo isto he hum páo por hum olho, he de sobejo para azedar o Maçonismo, que de fidalgos nem a sombra querem.... Os *gráos da fidalguia maçonica esses sim que calção mais alto*, *e são o non plus ultra das grandezas humanas!* Ponhão-se *a hum canto as dragonas*, *os Crachás*, *os Capellos e borlas doutoraes*, *que são cousas insipidas e grotescas* nenhuma vale tanto como esses destinctivos de graduação Pedreira, os quaes dão jus a hum quadrupede para se collocar á frente dos negocios publicos, e *a hum pateta para regular o destino dos reinos e dos imperios!!* Para tudo ficão habeis, promptos, e expeditos, logo que recebem a pomposa investidura de

FILHOS DA LUZ!!! — E assim por modo de graça, e como quem não quer a cousa, escorreguei para huma das mais descaradas blasfemias, que sahem das pestilenciaes bocas dos Pedreiros! Tem furtado ao Christianismo, os *templos*, os *sagrados recintos*, o *Santuario* (*da lei*) *os Martyres*, *o Divino Codigo*, *a regeneração* e até querem esbulhar o Christão do honroso nome, que só a elles quadra, e fica airoso. Manda-nos o Redemptor, que fujamos ás trévas, e ás obras de trévas (em que directa, e formalmente se incluem as obras do Maçonismo) que aspi-

remos todos a sermos filhos da Luz, visto que elle mesmo *he a Luz verdadeira que allumea a todo o homem, que chega a este mundo*; e que fazem os Pedreiros? Abusão de palavras tão santas, e adoraveis, para se apellidarem, o que lhes he tão improprio, menos que sejão filhos *dos murrões do Candieiro Triangular*, que isso já são outros quinhentos... He tão certo o desprezo com que elles tratão a Luz verdadeira, que eu tenho em meu poder Cartas da Loja Coimbram, datadas em o anno da verdadeira Luz 5823.... Estes de cá a taes horas querem descender *de Cain*, e por isso he que sobem tão alto, e creio que ninguem lhes invejará este *rutilante* berço das suas Luzes! Ora vejão estes homens, que não fazem nada senão muito *embiucados* no manto das trévas, irem buscar o sobrenome de Filhos da Luz,!!. Bem sei eu o que he verdadeira Luz para estes imbecis — he a luz da razão despida inteiramente de auxilio superior, tudo que he *luz* para os Christãos, he escuro, he tenebroso para elles, que se nos chamão agora *profanos* cedo nos chamarão *Filhos das trévas!!* Desgraçada gente que vivendo sempre occulta nas trévas, nunca assiste a huma *Loja*, que não reforce os seus antigos direitos de ser arrojada ás *trévas exteriores!*

Filozofia. — A sua definição obvia — Amor da sabedoria, encerra o seu maior elogio, e neste sentido até o Christianismo se póde chamar a verdadeira filosofia. Que arma esta, quando tem a fortuna de ser manejada pelos Filosofos S. Justino Martyr, São Clemente de Alexandria, Origenes e Athenagosas, ou chegando-me para os nossos dias, quando apparece hum de Luc examinando as montanhas do Universo, e pulverizando as absurdas hypotheses dos modernos sobre a formação do globo terraqueo!! Porém que triste e apoucada he a Filosofia no sentido Maçonico! Tem sido a mola real de todas as conspirações e rebelliões dos seculos 18 e 19, e a comitiva do *homem de Ferney*, em todos os seus tiros ao Christianismo, teve sempre como devisa a Filosofia — e não he por ahi hum punhado de escritores, he huma nuvem delles pouco menor que o exercito de Xerxes, que defende a These = A FILOZOFIA FOI A PRINCIPAL AUTHORA DA REVOLUÇÃO FRANCEZA. = Quem não quer ser lobo não lhe vista a pelle. Ser Filosofo no sentido que lhe impingem os Maçoes seus camaradas, he ter huma carta patente para zombar dos Mysterios Divinos, e propagar o funesto principio de que a nossa razão, he o Juiz Supremo e unico a quem devemos attender, e respeitar! Ser filosofo á moda de Alfieri, que para isso foi citado *cum laude nas conferencias das necessidades*, he ver em todos os reis huns despotas, e huns tyrannos,

e em todos os povos, huns infelizes manietados ao carro da servidão, e da arbitriaridade! Nunca me admirei que taes Filosofos, tendo como sempre tem, pessimos costumes (senão haja vista ao que o citado Alfieri escreve de si, e dos ultimos annos do *bebado* Thomez Paine) *mordão o freio* e queirão sacudir o pezo de todas as obrigações Christãs, e sociaes o que me admira, he que taes homens contém ainda neste reino sequazes, e defensores! Estejão porém certos e descansados, que por mais que trabalhem, e forcejem tudo será perdido. Vierão ao mundo filosofos de primeira ordem quaes forão Pythagoras, Socrates, Platão, e Aristoteles, formárão seitas fizerão seus proselitos, porém não consta que chegassem a attrahir para o seu partido, huma Cidade, huma povoação notavel! Sahem por esse mundo fóra doze pescadores, sem valias, sem destinctivos honorificos, sem dinheiros, ou qualquer outro dos meios humanos, prégão, e convertem o mundo! A filosofia oppõem-se de dia, e de noite aos seus progressos, e auxiliada com o poderio dos Cezares não depõem as armas por espaço de 400 annos, porém cede a final, e não conta senão perdas, e derrotas. Se torna a levantar cabeça no seculo 16, e a apparecer em nossos dias tão medonha como se ostentára nos primeiros seculos, ha de ser igualmente rechaçada, e agora no ponto em que escrevo, eu posso affirmar sem temeridade, que já perdeo os seus ultimos entrincheiramentos, e que tarde recobrará forças para segundar este derradeiro ataque.... He hum rizo ve-la agora descançar ora nos Sarcasmos e facecias do monstro Pigault Le Brun, ora nos delirios de Volney, ora nas visões Astronomicas de Dupuis, e por outra parte he cousa bem de lastimar, que vendo-se acossada de todas às nações da Europa, e querendo ter abrigo neste reino, achasse hum grande numero de *papalvos e sandeos* que se alegrárão da sua vesita, e já se congratulavão dos seus triunfos!! Depois que a Filosofia está convencida de perturbadora da ordem social, de ser o inverso da Cynica desprezadora dos bens e riquezas do mundo, e de ser inimiga do Christianismo, he loucura embutirem-nos ainda as *suas prendas* e quererem persuadir-nos que toda a pessoa, que conhecer os gafanhotos, e as borboletas, as plantas *Diganias ou Eryptogamias e as pedras calcarias* está habilitada para governar o mundo! Recahirei para outra vez nos *planos conservadores* ou mantenedores da Filosofia *no throno* das sciencias; que vinhão com pés de lã para se introduzirem neste reino como se lhe ignorassemos as suas habilidades na revolução Franceza!

Finanças. — Rendas publicas, ou rendas do Estado lhe chamámos algum dia quando eramos a primeira Nação *Commer-*

ciante, *militar*, *e sabia* da Europa, o que por mal de nossos peccados nunca mais tornaremos a ser. Quem nega, ou póde negar que da boa, ou má arrecadação das rendas publicas depende essencialmente a ventura, ou a desgraça dos imperios? Entre tanto he *palavrinha afrancezada* que os Mações trazem sempre na boca.... e a experiencia tem assás mostrado que a sua *significação* lhes agrada muito mais lá dentro das suas *bolsas*, que nunca he máo encherem-se de dinheiro para o que dér e vier... Finanças tem sido a maior capa de velhacos, que se tem visto no mundo!! Nenhuma das revoluções modernas principia de outro modo senão a clamar, que a *divida publica* vai subindo, que o credito *nacional* vai perdido, e que por isso não ha mais remedio senão que os homens habeis, sejão quem forem (já se sabe Pedreirinhos em todo o caso) movidos de huma intranhavel *filantropia*, e do mais encendido ou *afogueado* desejo da *felicidade* dos povos, deitem *mãos violentas* ás redeas do governo, para que este dirigido por tão excellentes *bolieiros* não tombe por ahi, e venha a cahir em algum boqueirão de desastres, donde nunca mais se possa levantar!! Já os projectos do Escocez Lacy na França (então sobejamente iniciada nos segredos Maçonicos) forão o ensaio de grandes, e espantosas mudanças... Veio depois a seita dos Economistas, que foi o *braço direito* dos Pedreiros, e tudo se foi applanando para a execução das *obras da Luz*. Andavão pelas ruas com as mãos na cabeça a gritar = vai tudo perdido — só Neker poderá ter mão nas *finanças* venha Neker que a pezar de caixeiro de huma casa de negocio, e de ser Protestante será o restaurador do credito, e o verdadeiro santelmo da patria. = Em quanto se derramavão estas vozes no publico, fazião elles no segredo das suas cavernas, quanto lhes era possivel para augmentarem as desgraças publicas, e fazerem odiado e aborrecido o throno de São Luiz. O Irmão *Filippe Igualdade* (Orleans) comprou com o seu dinheiro, e com o da seita o pão, que fazia logo exportar da França! (maldade esta, que só podia entrar no coração de hum Pedreiro) para ter o gosto de produzir a fome, descontentar o povo e accelerar a desenthronização de seu Primo!!

Tambem cá os do Porto fizerão de antemão hum quadro lastimoso das miserias e desgraças públicas, ameaçárão o triste Portugal de huma irremidiavel *banca-rota* e quando pulárão a 24 de Agosto não lhes esquecêrão as *amadas finanças*, e bem claro disserão que nos vinhão ahi trazer a idade de ouro, e que apezar de todos os seus *incommodos*, para inteiro descargo de suas *timoratas consciencias* se dignavão sacrificar-se ao bem da patria,

condemnando-se ás penosas vigilias, que necessariamente lhes deveria trazer o maldito cuidado das *finanças* = *Fieis por extremo a quanto annunciárão e promettérão*, só com o artigo essencial — finanças = nem por isso forão bem succedidos... E quem os via tão bizarros do que não era seu, e chupando irremissivelmente a bemdita esmola dos 4$800 reis por dia, e fazendo-as bem largas aos Irmãos perseguidos, que só o Irmão Pepe levou dez mil cruzados de huma assentada! ficaria julgando que nadavamos em dinheiro, e que o mar *das finanças* rompendo os seus diques, brevemente inundaria todo este reino, sem ficar aldea, chossa, ou cabana, em que não gyrassem centos de mil cruzado!!! Basta de ironia. Os *curões* da chaga, pozerão-na de peior catadura, e os taes *vinte milhões de cruzados* que subio a *Divida Nacional* nem por isso dão muitos creditos á Medecina Pedreira, que para curar taes enfermos he inhabil, e inteiramente decepada, e o demo das unhas mui crescidas, mui espalhadas, pois dizem graves authores, que costumão nascer aos Pedreiros *na palma da mão*, grande estorvo fazem a humas tão importantes, e delicadas operações!! Tantos beneficios vagos! Tantas contribuições! Parece que devião fazer seu vulto no *Thesouro Nacional*, mas que havia de ser? Se o dinheiro Portuguez, se as nossas *Louras* forão remettidas para os *Irmãos Propagandistas* accenderem na França outra revolução que fizesse a Luiz 18 e a todas as Pessoas de sua Real Familia o mesmo, que se praticára com seu Irmão Luiz 16!!! E nós que paguemos tudo! E elles que ainda em cima se estejão rindo de nós, e nos insultem a cada passo!!

Foraes. — Actos de justiça distributiva, e effeitos necessarios do direito de propriedade forão tidos e havidos como taes ha muitos Janeiros, e nem por isso fizerão morrer a agricultura. Havia foraes, e Portugal abundava em trigo, e como paiz que he sem duvida o melhor da Europa, até gengibre e assucar produzio já em quantidade! Quem se desgostará de que a classe agricultora a meu vêr (pois não me metto agora em questões Colbertinas) a mais essencial para a subsistencia, e opulencia de hum reino seja cumulada de honras, e privilegios, e animada por todos os modos conducentes para o seu augmento, e prosperidade? Mas que se furte a hum Grande, a hum Mosteiro, a hum Cabido, o que há 300 ou 400 ou 600 annos era seu, e que não escape ás unhas dos Pedreiros, o que felizmente escapou ás dos seguidores de Mafoma, que erão bem compridas... aqui está o que eu não levo á paciencia. Huma cousa he reformar os Foraes, como determinou o Senhor D. Manoel, outra cousa he furtar á

escancara a fim de ter os povos da sua mão, e Leva-los pelo beiço para onde seja necessario, como fizeião os Pedreiros!! Arreda de taes homens de capa em collo, sem telha, nem beira, mettidos a cortar para a direita, e para a esquerda, como quem não se dôe das perdas, que faz sentir aos grandes proprietarios, e que já entra a forro, e partido nessas operações donde julga tirar grandes proveitos. Já tinhamos *Arithemeticas politicas*, porém desta vez surdio a *anatomia politica*, e o certo he que fez maravilhas... Não ha cousa mais jocosa e mais digna de riso que o vermos hum discipulo de Hypocrates feito novo Licurgo ou Solon (perdão que me equivoquei) feito hum Rienzi amotinador dos povos, que se o Portuguez não fosse naturalmente pacifico, e soffredor já teriamos visto huma *pintura viva* do saque dos Mosteiros e Cazas nobres, que em França foi huma das primeiras consequencias do Livrinho do Sr. Paine — os Direitos do Homem = Nessa parte dos Foraes a Maçonaria Portugueza procedeo como quem he, e por certo que a fez como os seus narizes — *Foraes por metade* — Operação bem simples!! e por debaixo de capa instrucções aos povos, que não dessem nem real aos mosteiros!!! E os Mosteiros ainda hoje esbulhados do que he seu, bradando justiça que lhes tarda, e por outro lado sequestros, e mais sequestros, pois quando ninguem lhes paga, devem contribuir com o mesmo, que pagavão, nesses melhores tempos em que recebião por inteiro o estipulado nos Foraes!! E por cima de tudo novamente multados os Ecclesiasticos com outra e mais decimas, e applicadas para o pagamento da divida pública!!! Esta determinação foi huma horrorosa perseguição á Igreja, e seus Ministros: foi querer acabar de todo com a Religião; porque sem Ministros ella não póde subsistir, e estes sem sustento não vivem; com quanto direito pois não devem requerer, e instar os Ecclesiasticos pela sua manutenção que está ligada com a da Igreja Lusitana? (*)

(*) Os Ecclesiasticos, cumprindo com o seu rigoroso dever, já requerêrão: e supposto não forão logo attendidos, esperão com tudo de o ser; porque o seu requerimento o merece, e he o seguinte:

Senhor. = Os Prelados, ou seus Representantes abaixo assignados, sendo avisados, por ordem de Vossa Magestade, para apresentarem, e remetterem Mappas dos seus rendimentos, a fim de se fazer o lançamento da segunda, e extraordinaria decima, relativa ao anno findo no proximo passado S. João, julgão do

No meio de tudo isto os bons *Sacerdotes* em campo a gritarem aos seus freguezes que não paguem a Frades! E sacerdotes que se alistárão na guarda civica, Sacerdotes que tiverão no prélo obras satiricas, e infamatorias das mais altas personagens deste reino vivem muito socegados e contentes da sua vida!!! Ah! pobre

---

seu rigoroso dever levar aos pés do Throno Augusto, com o mais profundo respeito, e humilde acatamento, esta succinta exposição dos justos motivos, que podem interessar a incomparavel Piedade, e indefectivel Justiça de Vossa Magestade, para ordenar, que fique cessando, e sem effeito algum esta Contribuição, demaziada para seus rendimentos, e talvez oppressiva para o Estado Ecclesiastico: e em odio do qual, debaixo do especioso pretexto de amortizar a divida publica, foi decretada por aquelle ajuntamento illegitimo, tumultuoso, e revolucionario, que com o nome de Cortes da Nação, a roubou, desmoralizou, e escravizou.

Talvez, Senhor, esta unica consideração da illegitimidade dessas subversivas Cortes bastasse para declarar nulla, e sem effeito aquella Contribuição, pela contradição, que envolve o considerar-se valioso, e subsistente, o que provêm de principios nullos; parecendo até indecoroso, que se dê importancia, e execução ao que foi mandado por hum Congresso, que se fez Réo de Leza Magestade Divina, e humana, pelo mesmo facto de decretar, sem ter poderes, ou antes com positiva, e deliberada usurpação da inalienavel Soberania, e poder de Vossa Magestade; mas além deste solido argumento, que he huma consequencia necessaria daquella Soberana resolução de Vossa Magestade, pela qual as Cortes forão declaradas tumultuosas, ha huma tão evidente discordancia entre os principios da razão, da justiça, e do direito, e aquella extraordinaria, incompetente, e lesiva Contribuição, que parece sér repugnante com a mesma razão, justiça, e todo o direito.

Trata-se de pagar huma divida, que se diz ser contrahida pelo Estado; e o Estado, que he o devedor, e a quem compete a obrigação de pagar, quiz remover de si, e fazer recahir este gravissimo onus sómente sobre os rendimentos, e legitimas propriedades dos Ecclesiasticos. Parece que não póde ser mais evidente a sem razão porque se impoz ao Estado Ecclesiastico semelhante Contribuição: e para que de alguma sorte a colorassem, recorrêrão ao errado, e falsissimo principio, de que os bens Ecclesias-

Mosteiro de ceita que depois de seres enxovalhado nos tempos Constitucionaes pelo seu *exaltado realismo* ainda pareces ignorar, que houve huma restauração! Ah! pobres de mil outras corporações, que devendo ter já levantado cabeça parecem condemnadas a viverem perpetuamente na indigencia, e na ignominia! Ah

---

ticos erão bens Nacionaes, e todos pertencião á Nação (idéa inventada pela demagogica Revolução Franceza, e propagada pela Europa, e desgraçadamente seguida passo a passo pela Facção revolucionaria, que por felicidade nossa, acaba de ser banida de Portugal, e da qual, para ventura de Vossa Magestade, e nossa os Ceos permittão, que nem as sombras nos restem) como se a Igreja não fosse verdadeira, e legitima proprietaria dos bens, que tem adquerido, segundo as leis do Estado, e segundo os Canones, e constante pratica universal, conservada, e mantida por todos os Soberanos, e Governos legitimos: ou como se as Doações, feitas á Igreja pelos nossos Soberanos lhes não transmittissem propriedade, dominio, e posse, como as que elles fizerão a pessoas particulares, para se conservarem estas illézas, e se invalidarem aquellas arbitrariamente: ou como se a Igreja não possuisse outros bens mais do que os doados pelos Soberanos.

A Igreja, Senhor, nunca duvidou, nem duvida contribuir para as despezas, e necessidades do Estado, com as rendas que possue, e está prompta a dar até o ultimo real, se necessario for; mas quando se queira considerar, que a presente necessidade sojeita ao dominio eminente de Vossa Magestade todas as propriedades individuaes de seus vassallos, a justiça pede, que seja igual o sacrificio, e que todos concorrão, em rigorosa proporção, para o pagamento, que se precisar. He por isso, que se torna odiosa, e excede a igualdade da justiça esta privativa applicação das rendas Ecclesiasticas para o pagamento da denominada divida publica; pois além de não recahir a solução sobre a massa da Nação em geral, como he de justiça, o Estado Ecclesiastico fica desta sorte singularmente obrigado a paga-la, como se elle fosse o fiadôr, e principal pagador do mesmo Estado, quando a poder haver alguma excepção, a piedade de Vossa Magestade se inclinaria a favor dos Ecclesiasticos.

Assim o tem praticado, e reconhecido todos os Governos do Mundo (não exceptuando os Scismaticos, Hereticos, ou Pagões) que sempre isemptárão os Ministros da Religião de pagar tributos, e muito principalmente os Augustos Predecessores de Vossa

Lei dos Foraes, Lei dos Foraes que nenhum outro bem fizeste aos povos, senão faze-los retêr injustamente o alheio! Se os pódes livrar dos assaltos da justiça Divina! Se os poderes dos *con palradores das Necessidades* forão legitimos, acabemos com isso, que talvez eu acabe immediatamente de ser Portuguez, mas se

---

Magestade, que ainda mesmo no berço da Monarchia, e quando precisavão de avultadas sommas para a guerra, não julgárão que se empobrecião, nem deixavão de ser felizes pelas amplissimas Doações, que fizerão á Igreja, e isempções, com que a privilegiárão, quando do Systema contrario se não tem seguido mui prosperos resultados: e assim mesmo tem por muitas vezes a Igreja Lusitana devido á Piedade, e Religião de Vossa Magestade, o ser defendida em sua propriedade. Mas além da razão de decencia, e decoro, que se deve ao Estado Ecclesiastico, ha presentemente outra não menos attendivel, para que ella mereça particular contemplação de Vossa Magestade, e he a gravissima deminuição, que os Ecclesiasticos tem soffrido em seus rendimentos, já pelo que tem havido sobre Banaes, e Foraes, já pelo desfalque nos Dizimos, e primissias; porque os povos desmoralizados pelas Cortes não fazem maior escrupulo em se subtrahirem, quanto podem, ao seu pagamento.

E será possivel, que nos momentos, em que exultão de prazer todas as mais classes do Estado, por se verem já restituidas á posse, e fruição de suas propriedades, jaza no luto, e na amargura da pobreza, e indigencia a principal classe delle, os Ecclesiasticos!! Será póssivel, que o preço dos peccados, o prestimonio dos pobres, os votos dos fieis, e o alimento dos que servem o Altar, sejão a unica hypotheca da divida publica, que se não sabe quando acabará? Será possivel que . . . . Mas a Vossa Magestade já submissamente pedem perdão os Supplicantes, que pela sua mágoa hião insensivelmente offendendo a Piedade, e Religião de Vossa Magestade, prevenindo huma hypotesis, que não póde ter lugar no recto, e suave governo de Vossa Magestade, que tem por titulo, e por timbre o ser Protector da Igreja: e os Supplicantes tem muito em lembrança, que quando em 1796 as necessidades do Estado exigírão soccorros extraordinarios, Vossa Magestade lembrou a Decima Ecclesiastica aos Prelados do Reino, como hum subsidio voluntario, e moderado, o que elles promptamente offerecêrão: mas que já este se tornou insoluvel, por causa do arbitrario accrescentamento, que se lhes fez em 1801,

de facto, e direito forão usurpados, que jurisdicção houve para eximir os povos da satisfação a encargos livremente acceitos de seus maiores? Tudo isto será em mim falta de jurisprudencia *moderna*, que se eu entrasse nos arcanos desta prodigiosa sciencia, acharia promptamente sahida a estes meus reparos.

---

sem ordem positiva de Vossa Magestade: e em que triste, e lamentavel situação se poderáõ elles agora considerar, se forem ainda demais, collectados com huma segunda Decima? Pelo que os Supplicantes, confiados tanto na Piedade, rectidão, e bem conhecida Religião de Vossa Magestade, como na justiça da sua causa, e no amor, e serviços, que sempre prestárão a Vossa Magestade, e á Nação, já na manutenção do Throno, ja no augmento da Agricultura, e das Artes, e Sciencias, já no ensino, e civilização dos povos, já em fim no constante serviço da Igreja, e do Deos dos exercitos, e dos Imperantes esperão, e

Pedem a Vossa Magestade a graça de mandar suspender aquella determinação do pagamento da segunda Decima Ecclesiastica (de 1822) applicada para amortização da divida publica, ficando os Supplicantes muito promptos a contribuirem proporcionadamente com todas as mais classes, para tudo o que for a bem do Estado, de que são huma parte a mais attendivel.

E. R. M.

Seguião-se as assignaturas de muitos Arcebispos, Bispos, e Prelados Regulares, e Procuradores.

(De hum Anonymo.)

O MASTIGOFORO,

PROSPECTO

DE HUM DICCIONARIO DAS PALAVRAS, E FRAZES MAÇONICAS.

NUM. 2.º

Venenum aspidum sub labiis eorum.

F.

Frades. — QUem não lê a sua historia pelo Atheo Gibbon, e por outros da mesma laia, conhece perfeitamente, que a Igreja de Deos não he encarecida, quando ao tocar na instituição de differentes Ordens Religiosas, lhes chama os Subsidios com que a Providencia *sustentou*, *e roborou* a Igreja militante, e o mais he, que nestas idéas esteve a Europa durante muitos Seculos, e o nosso Portugal foi o ultimo Reino

que as perdeo. He tão liquido o ser a perseguição dos frades no Seculo 18 obra da pseuodo-filosofia, e do Maçonismo, como he dous, e dous serem quatro, e todo aquelle, que se põe a desdenhar em publico de frades, e a clamar, de que servem os frades? . . . he dos taes — *Fenum habet in cornu.* Guardar delle, que he emissario das Lojas para seduzir o povo. Abençoado povo, que lhe deo pelas ventas, chegando a pedir ao *infimo Congresso*, que se conservassem alguns Mosteiros; para cuja extinção já se tinhão concedido Bullas á instancia dos mesmos frades!!! O povo nesta parte mais atilado, e providente, que muitos *Sabichões*, quando vio a *Quaresma* destruida, e o Patriarcha de Lisboa desterrado, começou logo a dizer mal da festa, e no segredo de suas habitações começou a jurar pela pelle aos taes heroes do Maçonismo. Forte honra tem dado estes Senhores, sem o quererem, ou pensarem, ao Estado Religioso! Já não era pequena o fazermos companhia ao Mestre dos Christãos, Nosso Senhor JESUS CHRISTO, que de antemão nos confortou com a certeza das perseguições, e promessa dos seus auxilios; mas eis-outra de nos fazerem, ou supporem *essenciaes* ao Christianismo, por sahir de *taes* bocas, he das que mais nos exaltão aos olhos da Sabedoria humana, se ella deixando a sua habitual cegueira, quizer ponderar, e reflectir hum só instante nos pasmosos acontecimentos do Seculo 18. Que huma Encyclopedia viva, e ambulante, que o *oraculo de Ferney* tivesse medo dos frades, e que reputasse a sua extinção como o seguro, e unico meio para destruir o Catholicismo!!! Por huma parte a gritarem não havia frades no primeiro Seculo da Igreja, que era o tempo do maior luzimento da Esposa de JESUS CHRISTO, donde se vê que são trastes inuteis, e superfluos, de que se deve prescindir, todas as vezes, que seja necessario acudir ás precisões do Estado; e por outra parte morrão, acabem os frades, *pois mostra* a experiencia, que onde os houver, terá o povo maior afferro ás verdades Christãs!!! Não he nada, se a *escura Seita das Luzes* quiz medrar, ou deitar de si o proprio *clarão* das lavaredas infernaes, começou por minar tudo, e assestar quantas baterias houvesse, a fim de conseguir, e levar ao cabo a Suppressão da *Companhia de Jesus*, que foi a primeira victima dos ensaios Maçonicos. E que mal farião esses Padres? Tenho ouvido dizer muitas, e muitas vezes aos homens antigos, e ditosos restos do nosso Portugal velho. = Ai! *que a expulsão dos Frades da Companhia foi a destruição deste Reino! Prégavão, ensinavão, confessavão, e tudo fazião pelo amor de Deos,*

até sahião pelas ruas a catequizar os meninos, que andavão tão contentes . . . e sahião tão bons Christãos! Desde que elles se forão tudo desandou, e foi de mal em peior; quem os dera cá outra vez!! = O certo he que não tenho achado hum só ancião probo, e religioso, que não tenha estes sentimentos, donde se vê, que Jesuita quer dizer hum frade, que se obriga a ser util ás Sociedades, Civil, e Christã, que anda milhares de legoas para converter almas, e que não tem outro intento mais, que propagar o Evangelho . . . . Ora tudo isto no *Calepino* dos Maçôes, he crime imperdoavel, e de Lesas-Idéas *liberaes*, que onde entrarem os Jesuitas não progredem, e he certo, e inevitavel o triunfo do *Servilismo*. Querem dizer, que onde houver Christãos haverá sentimentos de verdadeira Lealdade ao Throno . . . e eis-aqui o mal, que os Pedreiros querem destruir com todas as suas forças. Eu benzi-me quando vi, que o Ex-Arcebispo das *Malinas* em os seus ultimos escritos deplora a infelicidade dos Reinos, onde entrarem os Jesuitas, porque necessariamente hão de enterrar as *Idéas Liberaes*. Coitadinhas he pena! deixão *vivissimas saudades* em toda a parte onde chegão a entrar, ou dominar!! E o peior he, que ainda ha *tolinhos Portuguezes*, que de boa fé não querem os Jesuitas! Pois fazem huma grande Africa, em darem as mãos ao *frenetico* Voltaire, que enrouquecia de gritar á quadrilha. = *Frades abaixo, e primeiro os Jesuitas, que são os mais zelosos propagadores da Superstição Christicola.* Ah! soceguem os proprietarios dos bens que forão dos Jesuitas, que de certo ninguem se lembrará de lhes querer tirar o que possuem. . . Se voltassem para nós esses dignos filhos de Santo Ignacio, vinhão mais atrás dos bens espirituaes, que de outros quaesquer, e como já mostrou a experiencia, que onde houver Jesuitas, hirão indefectivelmente de *pernas ao ar os malditos pedreiros*, o Throno se firmará cada vez mais, e os Altares ficarão seguros das invasões, e profanações Constitucionaes. . . .

Pouco se me dá que fossem extinctos em Portugal, ou quem fosse o primeiro movel da sua extinção; o caso he, que os *Proprios Irmãos* da Seita, congratulando-se da boa obra, que tinhão feito, deixão cahir a seguinte protestação = *C'est proprement la Philosophie qui, par la bouche des Magistrats, a porté l'arret contre les Jesuites. He propriamente a Filosofia, que pela boca dos Magistrados deo a Sentença contra os Jesuitas.* = (Alambert Destruition des Jesuites, pag. 192.) Se me instarem, que eu perturbo os *gloriosos manes* dos que

figurárão nestes assumptos, e dou a entender, que os authores da extinção neste Reino erão *Pedreiros Livres*: respondo que não he agora occasião de se apurar essa verdade; e que me contento de *esbarrar* os meus arguentes com outra authoridade classica do mesmo Geometra. *As classes do Parlamento, diz elle, julgão servir a Religião, porém servem a razão* (isto he a impiedade, e a maçonaria) *sem o pensarem. São os executores da alta justiça em pró da Filosofia, de quem cumprem as ordens sem o saberem.* (*) Tenhão pois os nossos Ministros carta de *innocentes*, e passemos a outra cousa, visto que ainda terei muito que dizer sobre hum sujeito, em que os nossos *desperdiçadores* tanto fallárão, e *asneárão*. A velha, porém muito bem arraigada arvore do Monachismo *vio-se*, e *desejou-se*, da primeira vez usárão de *machados velhos* para a cortarem, e da segunda appareceo sim em campo huma *falange Macedonica*, porém tanto abaixo da commandada pelo filho do Macedo, ou Filippe de Macedonia, quanto vai das trévas á Luz. . . . . Por ora tudo são graças, mas o negocio tomará ainda hum aspecto serio, e terrivel, que faça esmorecer os *Juizes Leigos*, que presumírão acabar de todo com as Ordens Religiosas. . . . .

Freira. — Ainda que esta a *mais bella metade do genero humano*, que pôz em *giro* a mais *apurada eloquencia*, ha de ser tratada em numero especial do *Mastigoforo*, lá para depois das *Tolerancias do Celibato*, e *do Summo Pontifice*, importa que confrontemos por agora a definição verdadeira com a definição apedreirada. Segundo a primeira são humas virgens dedicadas ao Senhor, e o merecimento desta oblação já reconhecido, e exaltado pelo Apostolo S. Paulo, tem feito como as delicias da Igreja, que se apraz de tecer a sua coroa das rozas do martyrio, e dos lyrios da virgindade! Porém os Maçoes, gente sobre modo compassiva, e filantropica, não podem levar a bem, que Donzellas *guapas e formosas*, *sejão victimas do despotismo Paternal*, *e gemão entre ferros*, *quando podião ser o encanto da sociedade.* Ora os taes Pedreiros dissêrão bocadinhos de ouro a este proposito, e muito obrigadas lhes devem estar as *Religiosas* de as quererem fazer mundanas, ou para me servir da frase Constitucional, de as quererem fazer passar pelo *noviciado do mundo*, para estudarem nelle as

---

(*) Correspondance de Voltaire et de d'Alambert lettre 100.

virtudes, que depois cultivarião no claustro com mais ancia e fervor! Que elles proferissem tantas heresias, e blasfemias não me admira a mim, que nunca esperei delles outra cousa, mas que os soffressemos por tanto tempo, he cousa, que ainda hoje me faz dar volta ao miolo! Tornando ao nosso caso, foi bem grande surra para elles, que vissem quasi geralmente regeitados pelos Mosteiros de Freiras os seus *generosos annuncios* de liberdade! Forão bem poucas as Freiras Constitucionaes! Eu já tive a pachorra de fazer hum bosquejo de pintura do que he hum *Frade Constitucional*, e ainda terei occasião de lhe avivar as côres, e de trazer á scena essa duzia, quando muito, de *Freiras* Constitucionaes, que *deshonrárão o seu instituto*, e appetecêrão cordealmente, que lhes abrissem as portas da Clausura, talvez para continuarem a ser o *desprezo*, *e a ignominia* do Seculo!!! Faça-se porém justiça imparcial, o *todo das Freiras* portou-se exemplarmente, desmentio os prognosticos da Seita, e á força de orações, e gemidos concorreu muito para que ella decahisse do seu usurpado throno!! Pena he que muitas ainda não conheção o beneficio da restauração!! As de Lorvão por exemplo chegárão á ultima decadencia, e eu sou testemunha do que tem custado a quem governa o Mosteiro, ter que dar hum bocado de pão ás opulentas filhas da Rainha Santa Thereza!!! Estavão sim muito devedoras ao *Thesouro nacional* (frase desses tempos) e o thesouro nacional foi disfarçando, e nunca entendeo com ellas . . . . que todavia receosas da tormenta, se disvellavão de dia, e de noute a pedirem melhores tempos!! Não he nada, chegão esses tempos desejados . . . e ei-las ahi *sequestradas* pelo *Erario Regio*. Não entendo, ou faço que não entendo . . . . . .

Franc Maçon, ou Pedreiro Livre. — Tenhão paciencia esses *illustres*, ou illustrados Senhores, se ficão neste Diccionario junto aos máos visinhos, os Frades, que são para elles o *refugo* da especie humana. Outro tanto succedeo ao Irmão Joaquim Murat, que foi arcabusado pelo seu turno, e depois de hum Soldado raso pelos briosos Napolitanos ha pouco seus fieis vassallos; mas queixem-se de si, e da ufania, com que se apellidão Framações, nome por certo mais cheio, mais harmonioso, e *sesquipedal*, que o mesquinho — Pedreiro Livre, que basta o ser *Portuguez*, *para que deva ser menos estimado.* = Framação. = Sobeja este nome ajudado por immensa cópia de factos publicos, e notorios para se decifrar em continente a malicia, e perversidade da Seita. Chamou-se Nosso Senhor JESUS CHRISTO a *pedra angular* desse maravilhoso edifi-

cio, que se dignou fundar em seu *proprio Sangue*, e amaldiçoou *os que tentassem pôr outro fundamento diverso do que elle punha*, e que assegurava a felicidade temporal, e espiritual dos que abraçassem o Evangelho. . . Passados muitos Seculos vem a Pedreirada, ou Maçonaria, e propõem-se nada menos que construir hum edificio novo, que por isso he que se chamão = Pedreiros = e hum edificio independente de qualquer traça ou risco anterior, suppondo que *he máo tudo quanto he velho*, e que só elles por terem o juizo em seu lugar, podem fazer cousa boa, e por isso he que se chamão *Livres*. Tanto he isto verdade, que os *Germanos* Illuminados trabalhavão sob as ordens de Weishaupt, para darem huma Religião nova ao genero humano!!! He o summo gráo de demencia, e de impiedade, mas que se ha de esperar de Framações, diante dos quaes esses Arianos, que enredárão o mundo, esses Pelagianos, que tanto affligírão a Esposa do Redemptor, esses Lutheranos, que lhe rasgárão a *propria tunica inconsutil*, e a ferírão no mais vivo da sua honra, esses Locinianos, que se jactárão loucamente de terem feito alluir os proprios alicerces da Cidade Santa, etc., etc. são todos huns anjos em carne??. Estava guardado para nós o sermos testemunhas da maior perseguição, que nunca padeceo a Igreja de Deos, e toda excitada, e fomentada pelos Pedreiros Livres!! E querem estes miseraveis, que não estremeçamos, só de lhes ouvirmos o nome! Era necessario que deixassemos de ser Catholicos, e que perdessemos todo o cuidado, e interesse pelas cousas de Deos, para que fizessemos a vista grossa ao maior Labéo da nação Portugueza. Franc-Maçon he huma especie de D. Quixote, ou Cavalleiro andante de Constituições, assim como o heroe de Cervantes o era das formosas Dulcinéas. Franc-Maçon he huma toupeira com semblante humano, que está occupada sempre em minar, e escavar, e ainda que veja o poder do mundo a cahir-lhe em cima, nem por isso tomará juizo, ou se fará mais comedido. Franc-Maçon he hum aborto na classe dos seres racionaes, pois se nutre de estragos, e ruinas, e antes quereria ver como Néro incendiada, ou arrazada huma Cidade inteira, do que ver desmentido hum só apice das suas esturradas theorias. Franc-Maçon he hum desalmado, que está prompto a envenenar seu proprio Pai, quando seja necessario para os interesses da Seita!! Ser Franc-Maçon, ou Pedreiro Livre, he estar sempre em guerra com os seus concidadãos, maquinando contra tudo o que elles mais amão, e respeitão. Ser Franc-Maçon he ser tudo quanto he

mão, he quebrar sem pejo os laços mais fortes da vida social, e viver disposto a zombar de todas as Leis, e de todas as *authoridades.* Ser Franc-Maçon he presumir de saber mais que Nosso Senhor JESUS CHRISTO, he querer emendar-lhe a mão, e instituir cousa melhor, que o Evangelho!!! Tudo isto ainda não he nada para o que elles merecem, e creio que será impossivel ás forças humanas definir exactamente hum só *pedreiro*!! São elles com effeito os que realizão a adevinha. — *Quanto mais se lhe tira maior he.* Por mais que se diga, e torne a dizer, sempre fica muito, e muito que arranhar, pois a materia he inexgotavel, dá para tudo, e para todos a fartar.

G.

Gastos Patrioticos. — Forão por exemplo os de ElRei D. João 5.º na construcção do sumptuoso aqueducto de Lisboa, chamado as *Agoas-Livres.* Nem á sombra destes gastos patrioticos lhe querem perdoar o encendido Catholicismo, que o levou a edificar o Templo, e Convento de Mafra!! Custa-lhes que esses milhões de cruzados não estivessem em cofre, para se construirem edificios melhores que o de Mafra, *id est*, *Revoluções em França*, *Revoluções na Prussia*, etc., etc.! Que avultadas sommas se consumírão na França com os pedreiros, que demolião columnas, arcos, pinturas, relevos, e tudo o que cheirasse a *fanatismo*!! Erão gastos patrioticos, e só em o apear dos sinos, para se reduzirem a moeda, se gastárão em França *oito milhões de cruzados*!! Entre nós mal apontava esta furia de gastos patrioticos, e levou de huma assentada quatro contos de reis, para encher a pança a hum inimigo dos Reis, sem fallarmos agora nesse gastinho patriotico, ou demolição dos carceres do Santo Officio de Evora, que custou bons 600$, ou em outro ainda mais edificante do transporte das Imagens dos Conventos de Lisboa, arrancadas de suas capellas, altares, e nixos, para estarem amontoadas em hum cazarão, como se fossem rimas de taboado!

Gloria Nacional. — Era hum dos attributos mais conspicuos da Nação Portugueza, que nenhuma outra não só a não ha excedido, porém nem ainda igualado! Monumentos da gloria nacional são esses proprios, que a Seita denomina por monumentos do *fanatismo*, ou da *vaidade supersticiosa.* Esmerava-se o Paganismo em a magnificencia, e riqueza dos templos, consagrados ás suas fabulosas Divindades, e nenhum dos escritores mais satyricos, e mordazes daquellas eras cen-

surou as despezas immensas, que custárão, por exemplo, os Templos de Minerva em Athenas, e de Diana em Efeso . . . mas chegou o Seculo Maçonico, peior que todos os Seculos pagãos, e começou de metter a bulha o que cheirasse a Edificio Religioso . . . Com o que elles nos roubárão para fazerem huma explosão revolucionaria em França, poderião fazer-se quatro Conventos da Estrella ! ! . . mas esta applicação, porque não era tendente á *gloria nacional*, id est, á *gloria do Maçonismo*, seria perdida . . . Monumento de *Gloria Nacional*, he por exemplo, o Mosteiro de Alcobaça, enlaçado com a tomada de Santarem, que foi hum golpe mortal sobre a Potencia dos Agarenos. Monumento de *Gloria Nacional* he o Mosteiro da Batalha, em que se consagrou ao Deos das victorias o proprio lugar, onde os nossos avoengos, em numero de seis mil homens, sustentárão contra não menos de 30$ a nossa independencia. Monumento de *Gloria Naeional* he o Mosteiro de Belem, que perpetúa a lembrança do mais sinalado feito das nações modernas! E vinhão agora estes Irmãos, zeladores da *gloria nacional*, destruir os seus mais claros monumentos, assentando que seduzião os póvos com o seu fantasma de *gloria nacional*! Immarcessivel a conservámos nós ainda nesse tempo, em que os Mações nos taxavão de escravos, e de infelices victivas do *Servilismo*, pois toda a Europa fez justiça ao denodado brio, e nunca desmentida coragem, com que, sacudindo o jugo Francez, levámos até Bordeos as nossas armas, e fizemos tremular as nossas quinas em o Sólo Francez, não menos gloriosamente do que havião tremulado algum dia sobre os muros de Mombaça, de Goa, Ormuz, e Dio! Que nos querião pois esses *Lazaronis*, esses malditos, e excommungados Pedreiros, com essa *gloria nacional resuscitada* sómente nos seus papeis? Tudo quanto elles fizerão produzio o effeito contrario, pois além de nos terem *apeado da gloria nacional*, com o primeiro acto de rebellião, que tem deturpado a nossa historia, pozerão a sua *gloria nacional* em que fizessemos hum todo compacto, e irresistivel com os Reinos Castelhanos, obrigando-nos á força *de pedradas* a ficarmos sem os vastos dominios, em cuja descuberta, povoação, e conservação, adquirimos essa avultada porção de *Gloria Nacional*, que acompanhará sempre os esclarecidos nomes dos Cabraes, dos Souzas, dos Teixeiras, dos Fernandes Vieiras, dos Vidaes de Negreiros, e de outros muitos heroes dignos da immortalidade! Que *gloria nacional* nos trouxerão os Pedreiros! Em armas, e politica não fallemos, que a perda do Brazil assás

prova os nossos adiantamentos. Pois em letras!! Ahi he que os Pedreiros sustentárão a *gloria nacional*! Começando pelo seu immortal Diario do Governo, *que casta lingoagem*! ou antes, que finos, e delgados pensamentos! que magros, e somníferos discursos! oh! que neste ponto de *gloria nacional* he que elles forão eminentes, pois nos brindárão com o inapreciavel mimo de tres Versões do Contrato Social!! Foi pena que este verdadeiro cathecismo da mais *funda politica*, não fizesse assento em Portugal, pois Rosseau, dizia ainda ha poucos dias hum Professor, terá absurdos, e incoherencias, porém não se póde negar, que escrevia com huma *penna de ouro*! Que mais se deseja para que os pexinhos de Santo Antonio, inclinados á penna de ouro, tratem de se fazerem senhores de tão *rico thesouro*, ainda que lhes custe os bellos vintens, que seus pais talvez furtão á barriga, para lhes fartarem estes loucos, e mui damnosos appetites!

Governo Feudal. — He huma *aventesma*, que faz brigada com outra, que eu já investi, e derrotei completamente, e que ainda terá seu lugar neste Diccionario. (isto he *Vassallo*) Esses governos feudaes pouco a pouco desenvolvidos, e aperfeiçoados, trouxerão comsigo a civilização, e felicidade da Europa; e o mais he, que forão os Reis os que se disvellárão por conceder aos póvos huma liberdade decente, e bem entendida. Se entre nós appareceo huma sombra de feudalismo (que o propriamente dito nunca entrou neste Reino) quem a dessipou inteiramente senão a *vigorosa* prudencia do Senhor D. João 2.º? Como poderia haver, nem longes de feudalismo em hum Reino, onde os Vassallos expõem pessoalmente ao Rei seu direito, requerem-no em Audiencias publicas, e Tribunaes, e obtem contra elle Sentenças, quando tem justiça? Ferve-me todo o sangue quando ouço estes queixosos do *absolutismo*, e *governo feudal*. As idéas destes Pedreiros são curtas a ponto de ficarem absortos, quando se lhes diz, que todas essas sementes do seu querido systema representativo nunca sahírão das mãos do povo, mas que forão huma consequencia da bondade, e liberalidade dos Reis! Que me arguão de falsario, ou mostrem que houvesse representação nacional em a propria Inglaterra antes do meado do Seculo 13, ou que ella fosse invento, ou effeito de alguma deliberação popular? Que me neguem ter sido hum Monarcha Inglez, e não o povo, quem primeiro chamou, e admittio os *Communs* aos seus conselhos? Vamos ao

Governo representativo. — Quer dizer hum governo em que os póvos são legitimamente representados pelos seus *canoni-*

camente eleitos Procuradores, e onde se guarda o famoso equilibrio de poderes, que *baixou do Ceo* para felicitar o mundo nos Seculos 18, e 19! Eu que não estou agora para arcas encouradas, nem quero ser bahúl de ninguem, definirei o tal governo em huma pennada forte, mas verdadeira. = *Governo representativo he aquelle em que só mandão, e representão os Pedreiros.* = Sendo assim perdoa-se-lhe tudo . . . ainda que todos os dias o Legislativo metta os braços até ao cotovello no Executivo, e este naquelle, tudo vai ás mil maravilhas, e o mesmo que era hum formal despotismo, em os dias da *rançosa, e gotica Monarquia absoluta*, convertê-se em hum acto o mais legitimo, e valioso, quando apparece cuberto da influencia Maçonica, ou das *Luzes do Seculo*. Authorizarei isto com alguns exemplos. Fazer soltar da cadêa hum prezo, que ainda está em via do seu livramento, e he accuzado de graves delitos, eis hum excésso a que de ordinario não se abalançavão nunca os mais despoticos Magistrados dos tempos da Monarquia . . . Lanção-se os primeiros alicerses do governo representativo, chega a Coimbra o tal *Supremo*, e desde logo presencêa aquella Cidade a soltura de hum prezo nas sobreditas circunstancias, porque assim o mandou o Corifêo do Systema representativo!! Erão inaturáveis os Reis da Europa com as suas Bastilhas, com as suas *Lettres de cachet*, com as suas *Junqueiras*, e por artes *da madre celestina encantadora*, tudo isto se faz com o maior descaramento no *Systema Constitucional* . . . mas chamão-se-lhe remoções de lugar para lugar, que não imprimem nodoa aos sujeitos desterrados, e fica tudo no seu lugar, como se estivesse no meio da rua! Governo Representativo!! oh se o foi! Era tudo huma representação theatral, era huma comedia *de caracter*, que demandava os talentos comicos do Grego Aristofanes, ou do Francez Molliere, ou á falta de homens o nosso Gil Vicente, para se reduzir ao seu verdadeiro éstado. . . A pobre nação a morrer pelo seu bom Rei, e os malditos representantes a desenthronizarem-no mui frescamente!! A pobre nação a cuidar, que lhe vinhão já entrando pela porta dentro rios de dinheiro, e os malditos representantes engordando á custa de quem tanto se fiava, e esperançava nelles!! A pobre nação a querer firme, e illibada a sua antiga crença, e neste supposto a eleger os Bispos de Carrhes para seus representantes, a levallos em triunfo no acto da sua eleição, e os damnados mações já senhores do poleiro a gritarem. = Não venha para cá, pois não traz idéas conformes ás dos seus representados!! = A pobre Nação a engolir

a peta de que as eleições se fazião mui legaes, e mui limpas de *suborno*, e este inimigo de todo o bem a fazer das suas por todo o Reino, e a nomear *representantes* homens furiosos, ineptos, e a escoria do povo Lusitano!! Ora digão os meus leitores, se toda esta *funçanata* não foi verdadeiramente comica, e se os representantes do *grande Oriente* não fizerão dignamente os papeis, que de vespera lhes erão distribuidos nas competentes *Lojas*, *ou Cavernas de Caco*? Porém a França, e a Inglaterra, dirá algum leitor dos *finos*, tem seus representantes? Sim senhor já os teve, que representárão excellentemente as duas Tragedias = Morte de Carlos 1.º = Morte de Luis 16 =, e ninguem lhes disputa, que se houverão como favorecidos de Melpómene, ou antes de Tesifone, e Alecto, furias infernaes! . . Nós pela mercê de Deos nunca chegámos ás lastimosas circunstancias daquelles dous Reinos, que muito caducárão em sentimentos de lealdade ás Cazas Reinantes, e foi indispensavel fazer a boca doce aos energúmenos de republicas, e de *Contratos Sociaes.* Em Portugal não ha dessas molestias, senão em muito menos da centesima parte da sua população; o todo pensa como pensárão os seus avós, e não quer instituições Politicas, que ou tragão, ou supponhão a minima quebra em seus hereditarios sentimentos de lealdade ao Throno Brigantino. He forte empreza que tomárão os nossos Machiavellos! Querem tudo á Franceza, ou á Ingleza, que assim o pedem as *Luzes do Seculo*! Por isso mesmo he que a Nação torce o nariz a semelhantes mimos. E como elles argumentão do estado actual dos grandes imperios para o nosso Reino? Perdoa o Imperador de Austria aos maiores criminosos, logo ElRei Nosso Senhor deve seguir a mesma rotina!!! Pois ElRei Nosso Senhor tem as forças do Imperador de Austria, ou tem hum Exercito? . . . E quem está seguro neste Reino em quanto os Pedreiros Livres enxovalharem os póstos Civis, e Militares!!!

Grandes medidas. — Tomou-as Portugal muitas vezes, e sempre de acordo com os seus Reis naturaes, para se livrar de dominação estrangeira, e outro que tal nome quadraria bem ás que se tomassem para se dar cabo da Seita dos Pedreiros Livres, que chamão grandes medidas aos *crimes* feitos á sombra da Lei. Ainda nos derão huma boa mostra das grandes medidas em prizões, e deportações, mas foi Deos servido, que não achassem este Reino maduro, para outras de mais vulto, como *guilhotinas*, *afogadellas*, *e metralhadas*, que por serem castigos novos, foi necessario enriquecer a lingoa de que usa-

vão os Monstros Francezes, dignos Mestres de toda a nossa pedreirada!

Guardas Nacionaes, ou Guardas Civicas. — Nem esta prenda nos faltou, que seria hum desar bem grande o ficarmos áquem da Grande Nação, que instituio nas Guardas Nacionaes hum viveiro de briosos, e denodados *Sans-culotes*, que para matarem Padres, demolirem Igrejas, mutilarem, e deceparem as Santas Imagens, forão os mais activos que se tem visto no mundo, e que levárão a palma aos Totilas, e Gensericos. Nós tinhamos Ordenanças quando eramos gente *branca*, e affamada no Universo, e estas Ordenanças fizerão por vezes grandes serviços á Coroa de Portugal, e sem remontarmos á famosa guerra da acclamação do Senhor D. João 4.º, nem por isso deixárão ellas de ser prestaveis na invasão Franceza . . . . mas esta palavra = Ordenanças = cheirava a instituição Monarquica, e por isso já velha, e sediça; devia pois hir a terra com os seus Commandantes, ou Capitães Móres, que assim convinha para se destruir a influencia de pessoas, que facilmente abraçarião a causa de ElRei. Tivesse feito a Maçonaria tantas conquistas nas Ordenanças, como fez na Tropa de Linha, e veriamos como ella as conservava! Guardas Nacionaes — tomando-se á letra he hum jogo de palavras, que não quer dizer nada. Guardas da *Nação Pedreira*, he o seu verdadeiro sentido, assim como Guarda Civica não he a guarda da Cidade, ou dos Cidadãos, he sómente a guarda do *Edificio Maçonico.* Muito mal sahírão desta lembrança, que por ser da hora da morte, cumpria, que fosse mais acertada. Os proprios Maçães quando lhes cheirou a morrer, fizerão-se de menos, sumírão-se deixando na *entrosga* os miseraveis adeptos, que por se vestirem de Saragoça, tinhão lá para si, que encovarião a propria Capital do Reino de Aragão. Triste cousa para elles, foi que o *Povo Rei*, ou *Povo Soberano*, se pozesse a ver os touros de palanque, ao passo que meia duzia de *exaltados*, e de homens sem tino, juravão nas aras da Patria derramar até á ultima *pinguinha* de sangue pela conservação dos direitos do homem, ou *pela causa*!!. E que bem parecia hum Sacerdote vestido de Guarda Nacional, cingindo hum *espadalhão* para cortar as orelhas ao Duque de Angouleme, que o que mais temeo em toda a guerra da Hespanha, foi a chegada dos onze Estudantes de Coimbra, que nos fins de Maio de 1823 quizerão dar tom á defensa da Peninsula!!! Huma estóla sobre a farda era hum enlevo dos sentidos!! Perdoem os meus Leitores, se fui demasiado neste Episodio, que na fal-

ta de Ariostos, de Tassonis, e de Scarrons, pertence ao Forno do Tijolo, onde se assão estes *patinhos* por ventura ainda melhor que nos Fórnos Italianos, e Parisienses.

Guerra Civil. — Repetidas vezes temos sido visitados por este flagello. Sem começarmos pelas guerras da Mãi com o Filho, que são alliadas da Historia do *Bispo Negro*, forão bem sangrentas as de ElRei D. Diniz com seu filho, e deste com seu filho ElRei D. Pedro 1.º, e Deos nos livre de outra Alfarrobeira, em que pereceo o malfadado Infante D. Pedro, que tão felizmente governára esta Monarquia, durante a minoridade de ElRei D. Affonso 5.º Guerra Civil, porém no sentido dos Pedreiros, he toda a guerra dos Cidadãos contra o Maçonismo, e os factos, que nós vimos com os nossos olhos peccadores, assás confirmão este sentido. Levantão-se os novos *Catilinas* para melhorarem a sorte do Estado (frase valída de todos os Conspiradores) allicião as tropas, e sustidos por ellas, caminhao por entre vivas, e acclamaçoes *todas espontaneas*, a desapossar o Governo Legitimo, fechão os ouvidos a todas as propostas de acommodação, e com estrepito guerreiro, vai o *Generalissimo femeo*, ou *Junta do Governo Supremo*, em demanda do Exercito Realista, que teria feito grandes cousas, se o seu digno General Conde de Barbacena podéra infundir o seu espirito nas tropas do seu commando. . . Ora estes homens assim levantados contra os que nesse tempo nos governavão, como delegados do muito alto, e poderoso Rei o Senhor D. João 6.º, não accendêrão a guerra civil, nem fizerão quanto nelles era, para que todo este Reino fosse hum theatro de assolação, e carnagem ?!. Tratavão de fazer subir ao Throno a Seita Maçonica . . . . ergo, tudo o que se ordenou para este fim he santo, e justo. Passados annos, (que sendo menos de tres parecêrão Seculos) e frustradas inteiramente as esperanças da *Nação verdadeira*, desmentidas com huma impudencia nunca vista as promessas mais solemnes; abolidas as nossas instituições mais respeitaveis, e ameaçando tudo por dias huma imminente, e espantosa ruina. . . . Surge na Provincia de Tras-os-Montes huma progenie de heroes, convida os Portuguezes para serem livres do jugo de ferro que os esmagava . . . e que succede neste caso? = Guerra civil, acceza pelos Corcundas, e Realistas; porque os Realistas não querem no Throno os Pedreiros Livres ! ! Heroica Provincia de Tras-os-Montes, já que me vieste ao correr da penna, servindo-me de exemplo para authorizar as definições Pedreiras, torno a ouvir os incendidos votos de hum Realista, que nunca mais rasgaria o

luto, que o Systema Constitucional lhe fez vestir, se olhando para todas as Provincias deste Reino lhe faltasse huma Vendée, e hum Tirol, em que os annaes da lealdade Portugueza fossem buscar materia de que se possa encher hum claro fatalissimo, que se appresenta desde 1820 até 1823. Quanto me tarda o ver que hes condecorada á proporção do que mereces, e que ao menos se forceja para seres indemnizada das perdas incalculaveis, que accarretou sobre ti a marcha dos Vandalos Constitucionaes! Devo-te (eu fallo agora só de mim) a differença mais essencial, que eu noto deste anno para os infaustos, que o precederão. Então eu devia peregrinar, e talvez só achasse valha-couto da tempestade Maçonica em as distantissimas regiões, que obedecem ao Libertador da Europa, ao Imperador Alexandre, e agora lembro-me de ti, e cheio de complacencia exclamo que posso ter neste Reino algum canto, onde viva desasombrado de Pedreiros, e morra contente de ter sido Portuguez!

H.

Habeas Corpus. — Que tal era a Creancinha chamada Constituição, que dentro de hum anno foi necessario que a derrogassem, e annullassem por duas vezes?! Pois era tão boa, tão admiravel, e não tinha em si as devidas forças para se manter na tranquilla posse de todos os animos, que *espontaneamente* a abraçárão, e jurárão!! Quando as suas graças infantinas davão maior relevo aos seus naturaes encantos, que os Mações antepunhão justamente aos da Castelhana *sua Mãi* . . . he que se faz necessario suspende-la, e quebrar *essa cadéa de ouro*, essa inaudita serie de beneficios, que a sua observancia derramava sobre a nação inteira!! Habeas Corpus em frase mais comesinha he aquelle = não se prenda, nem castigue nenhum Portuguez sem culpa formada, = e mal se promettêra isto á face dos altares, e eis que apparece huma nuvem de prezos, e desterrados sem culpa formada!! Mas em fim he procedimento Inglez (porém nas maiores extremidades) e que os *Mações Lusos* imitárão por tal *guiza*, que já parecia aquella moda dos seus *originaes*, e *modelos* — depois de jantar!!! Nunca se vio tal *borrachcira* de procedimentos loucos, e arbitrarios, como foi nessas *Maiadas*, e *Marçadas* Constitucionaes! Habeas Corpus = era hum Laço para colher os inimigos da Causa, era o palladio da influencia Maçonica; e do já visto, e experimentado em tão pouco tempo, deveriamos concluir sem o mais

leve perigo de errar, que bem cedo teriamos em cima das costas huma perenne suspensão do *habeas corpus*, até que a *menina* Constituição fosse grande, e já podesse andar pelo seu pé. De boa nos livramos!!

Homem. — Já lá vai, já se ausentou das escolas modernas = esse composto de duas substancias, alma, e corpo. = A' força de analyse, o espirito scientifico dos nossos dias simplificou muito aquella *rançosa* definição, que expendida em hum Catecismo, que se adoptou para uso das escolas da Republica Franceza, he sómente = *certa massa organizada, e susceptivel de toda a impressão, que lhe queirão dar.* Eis-aqui o parto da sabedoria moderna, e para isto he que suárão os grandes engenhos, para isto he que se perdêião as noutes, e roêrão as unhas? Para darem este burro ao dizimo, e fazerem o homem similhante aos mais infimos animaes destinados a seu serviço!!!

Humanidade. — He o *Deputado Substituto* pela Maçonaria, para destruir o antigo nome de *Caridade*, que fora consagrado pela Religião de JESUS CHRISTO!! Humanidade, pareceo-lhes huma expressão mais nobre, e mais pomposa, o que não admira, pois he natural que cheirem á terra, todos os desejos, esperanças, sentimentos, e palavras dos que não conhecem outra vida melhor que a presente! Ainda fica mais airosa a palavra, quando lhe põe hum vestido Grego *Filantropia*, e assim mesmo ninguem a busque nos sentimentos, ou corações enrigelados desses homens, que de contínuo repetião essa palavra, em quanto inundavão toda a França de sangue innocente. Ainda hoje estremeço da humanidade de hum adepto, que tendo escrito contra a pena de morte, assim mesmo teve a *humanidade* de condemnar a ella o seu Rei Luis 16. O certo he, que todos esses gritos de *humanidade filantropia, e moderação*, tem sido em pró desses infames *trolhas*, que escudados pelas doutrinas *humanas* tem feito quanto querem, e zombado de todo o poder das Leis civis, que são bem fraca obra, quando céssa a pena ultima!

I.

Idéas Liberaes. — Expressão de novo cunho, e por certo exotica, e peregrina de que se começou a usar neste Reino, quando este Reino começou de propender para as doutrinas ímpias, e revolucionarias, por differentes impulsos e causas, que a seu tempo deverei annunciar aos bons Portuguezes

para eterno opprobrio dessa *hoste* de Theologos, Canonistas, e Juristas *Liberaes*, que tudo nos corrompêrão, e estragárão. He para notar, que em França depois da extinção dos Jesuitas, a qual os proprios *Soulavies* chamão causa da revolução Franceza, que elles por ventura chegarião a frustar, ou impedir, recahio grande parte dos cuidados sobre a instrucção da mocidade, nos Padres do Oratorio, nos Benedictinos, e nos Doutrinarios, mas infelizmente succedeo, que as *idéas* Liberaes conseguissem entrar nestas Ordens, e Collegios, aliàs mui distinctos e respeitaveis. Sobre-sahio nesta parte a Congregação do Oratorio, a quem coube a infausta sorte de produzir hum Fouché de Nantes, hum Delunau, e hum Lebon, monstro de cara humana, que abusava das innocentes Donzellas, filhas dos Realistas, e as enviava em continente para a guilhotina!! A casa de Montmorency foi a cabeça desta *propaganda de idéas* Liberaes, cujo primeiro intento foi derribar os antigos Estatutos da Congregação, e substituir-lhe outros mais *Liberaes*. Porque fatalidade nos appresenta o Maçonismo Portuguez as mais assombrosas coincidencias neste particular! Não foi da Congregação do Oratorio, que sahírão os mais encarniçados inimigos da authoridade Pontificia, que preparárão os caminhos ao desenfreado Liberalismo Portuguez do Seculo 19, como se póde ver dos sabios escritos do mui douto Padre José Morato, que os nossos sabichões mais facilmente escarnecem do que refutão? (*) Voltemos ás idéas Liberaes. Se os proprios

---

(*) He necessario ter huma cegueira bem rematada, e incuravel para deixar de conhecer, que o nosso grande Humanista, e eruditissimo filologo o Padre Antonio Pereira de Figueiredo, não passou em taes materias de ser hum *Theologo de partido*, hum mero copista, e mil vezes, ou corruptor, ou transtornador de authoridades alheias! Desmarcados privilegios são estes de hum *homem* grande no Seculo 19, que tudo se lhe perdoa, em attenção ás *idéas Liberaes*! Dou parabens á minha fortuna, ou mais Christàmente dou graças a Nosso Senhor de ter sido toda a minha vida apenas hum Theologo rançoso. Se eu fosse Theologo *Liberal* estaria dispensado de acreditar muitas cousas das que crê, e ensina a Santa Madre Igreja. Se fosse Canonista Liberal seria obrigado a tratar o Summo Pontifice como se elle fora o Cura de Póvos, e se fosse Legista deveria ter como axioma a Soberania do Povo. Ah homens do Seculo 19, quem vos conhecer, que vos compre!

Maçõ̃es forem convidados para nos exporem a verdadeira intelligencia destas palavras, ficarão mudos por seu interesse, ou querendo botar-se aos procellosos mares das discussões Etymologicas, dirão talvez com maior astucia, do que ignorancia, que vem do latim = *Libertas* = e o caso he, que á sombra das idéas Liberaes se julgão os Pedreiros revestidos de suprema authoridade, até para fazerem do preto branco, e do branco preto, e he justo saibão os meus Leitores, que tambem se recorre ás idéas Liberaes para a verificação das amnistias, *ou cartas de impunidade.* » As idéas revolucionarias (dizia o Monstro Barrere ao primeiro Consul Bonaparte) já estão usadas, as idéas *reaccionarias* são odiosas. Já não fica lugar senão para as idéas Liberaes!! » Ninguem cuide, que nessas palavrinhas magicas se encerra a felicidade do genero humano, antes pelo contrario, he de força, que se exterminem as idéas Liberaes, para que o mundo torne a viver feliz, e repousado. As idéas Liberaes dos Seculos 18, e 19 tem principalmente dous fitos. 1.° Destruir o Catholicismo: 2.° Alagar os Thronos. As Constituições Francezas, e nomeadamente a de 1791, a Hespanhola de 1812, e a Portugueza de 1822, são outras tantas explosões das idéas Liberaes, que nenhum equivoco, ou incerteza nos deixão de qual fosse o intento dos seus authores. Para se incluir tudo em poucas palavras . . . Incredulidade, e Rebellião . . . eis o primeiro movel das idéas Liberaes. Sobejamente definidas, e explicadas forão ellas em hum excellente opusculo Italiano, que o Redactor da Gazeta de Lisboa (Joaquim José Pedro Lopes) trasladou em Portuguez, para que servisse de antidoto á desde longo tempo maquinada revolução de 24 de Agosto de 1820. Se esta obra não tivesse o que he necessario para mostrar o preciso das *Idéas Liberaes*, eu me determinaria a escrever ainda hum Mastigoforo, com o titulo de = Idéas Liberaes = porém vejo a cousa tão sabiamente desempenhada, que só me resta pedir a todos os Pais de Familias, que depois do Catecismo fação ler a seus filhos huma obra, que se eu tivesse meios, seria distribuida gratuitamente por todos os Parocos, Mestres, e familias, como hum livro, que no meu conceito deveria ser o segundo Catecismo da geração presente.

Igualdade. — Que palavrinha! He mais saborosa do que Lamprea na Quaresma, he mais doce que o proprio mel, nem da boca do Nestor Grego sahio nunca huma palavrinha tão assucarada como esta! Em vão me cansarei eu agora para definir a igualdade em suas tres principaes accepções. 1.ª Que todos os degradados filhos de Eva são *iguaes* em viverem su-

jeitos ás doenças, á morte, ao erro, etc., etc., etc. 2.ª Que todos os homens tem direito de fazerem pela vida, e procurarem o seu commodo sem prejuizo de terceiro. 3.ª Que todos os homens tem o mesmo direito de serem protegidos pelas Leis, e que tanto assiste a hum fidalgo, como ao carniceiro para reclamarem a protecção das Leis, quando forem ultrajados, ou esbulhados do que he seu. De todas estas *igualdades* se põem a rir como hum perdido qualquer dos nossos Jurisperitos, discipulos, e admiradores de J. Jacques o de Genebra, em quanto vivo, ou de Ermonvile, ou do *Pandemonion* já depois de morto. Ora vejão quem tal havia de dizer? Que a pedreirada chegaria a ter arte de supplantar axiomas, e fazer acreditar sandices, e absurdos. Sahem por exemplo dous filhos do mesmo pai, hum delles he esperto como hum Sargento, he huma aguia, e o outro estupido e material como huma pedra . . . Quem não dirá que estes dous homens são desiguaes por natureza? Não senhor o illustre João Jacques remedeará tudo com huma pennada, e se apertarem com elle mostrará invencivelmente, que o tolo he o avisado, e o avisado tolo, mórmente se lhe cheira a premio de certa Academia . . . Sahem dous homens a procurar fortuna, hum he industrioso, e o outro desleixado, enriquece o primeiro, e o segundo morre de fome, quem não dirá que estes homens se constituírão desiguaes? Não senhor, tudo isto foi pouca vergonha, e desaforo do Estado Social, a que o Filosofo acode com as suas idéas *filantropicas*, que desgraçadamente já ensinárão os pobres da França a serem ricos dentro em poucas horas, isto he, roubando, e saqueando os que tem mais . . . Ora para isto erão desnecessarias as lições do Genebrino, pois cá tinhamos excellentes prelecções no vasto *Pinhal da Azambuja*, onde ha seculos he ensinada aquella boa doutrina. Entre tanto levada a cousa mais ao serio: a igualdade dos Mações he a que põem o infame, e o perverso na mesma linha do homem de talento, e probidade, para deprimir este *que he profano*, e augmentar aquelle, que sendo *filho da Luz*, tem as inquirições tiradas, e as habilitações feitas para todo o lugar público . . . No meio porém das suas ôcas, e destampadas theorias de igualdade, nem por isso a desejão muito para si. Dentro das Lojas ha muitas distinções, e tal gráo Maçonico ha, que obriga os homens de Letras a curvarem-se diante de hum *Estupido*!!

Inconstitucional, e *desaffecto ao Systema*. — Eis-aqui duas notas ou imputações, que nunca recahírão melhor do que sobre os nossos Pedreiros, amadores de Constituições, e apre-

goadores do tal *Systema depredativo*, ou representativo. Ora eu tenho *dados* (ai que me escapou huma frase Geometrico-Pedreiral!) para ler de Cadeira neste ponto, nem irei pedir a casa dos meus visinhos, o que tenho em abundancia na minha propria casa. Era artigo Constitucional, que a Religião dos Portuguezes era a Catholica Romana, sem o titulo *essencial de unica*, e impozerão-se huns *castigosinhos* a quem blasfemasse de Deos, e dos seus Santos, ou propagasse escritos oppostos aos bons costumes. Apparece nestas agoas envoltas = O Retrato de Venus = Tinha já passado hum mez desde a sua infausta e abominosa publicação; entro em casa de hum Droguista bem sortido destes venenos, encontro em cima da meza o livrinho em questão, abro por curiósidade, e vou logo dar com as *virtudes*, *adulterio*, *e fornicação*, que no sentir dos meritissimos Jurados de Lisboa, são cousas, que não valem a pena de serem estranhadas a hum Poeta . . . . Eu não sou devoto dos acasos, sei que ha Providencia, e não quero os privilegios de *tolo*, porque só os tolos se contentão de *razão nenhuma* ou acaso, para darem razão do que não sabem . . . Recolhi-me ao meu Collegio com hum desejo vivissimo de refutar aquelle ímpio . . . vinha-me á lembrança o seu por mim tantas vezes presenceado influxo na mocidade Academica, que eu víra seguir *more pecudum* aquelle enthusiasta, occorria-me a perseguição inevitavel, os dissabores annexos á minha existencia em Coimbra . . . mas . . . o *dia de Juizo*! . . os cães mudos! ! . . e outras reflexões movêrão-me a sahir, e a combater os erros, e delirios do *Retrato*. Quem seria Constitucional? o que abusou da Liberdade da Imprensa, ou o que usou da mesma Liberdade, para huma causa, que além de santa parecia constitucional? Não se julgou assim, logo foi decretada a minha perseguição, e começárão as minhas gloriosas notas de *Inconstitucional*, *e desaffecto*. Havia huma Lei de data mui fresca (1818) que condemnava e sujeitava a penas graves os Mações . . . Ainda não fora derogada, e á sombra do que alli se dispunha boto-me aos Pedreiros, levanto ao ar o Maço Ferreo, e o descarrego com quanta força me assistio naquella hora! . Todos sabem o que me aconteceo. Quem era Constitucional? eu por fazer o que a Lei não só não prohibia, mas em certo modo approvava, ou os taes Mações, que roendolhes a albarda a sacudírão de cima dos lombos, e não se pejárão de nos mostrar as suas antigas, e ulceradas mataduras? Em resolução, as cousas tinhão chegado a taes extremos de insolencia e desaforo, que seria tido necessariamente por In-

constitucional, e desaffecto ao Systema, todo aquelle Frade e Clerigo, que não fosse Pedreiro . . . e por outra parte não ha ninguem que não saiba, que os Mações, principaes artifices da sua espantosa quéda, (de que nunca mais se hão de levantar) são a gente menos constitucional, e de menos apego ao verdadeiro systema representativo, que nunca appareceo neste mundo.

Industria. — Cá vem mais outro chavão *Maçonico*, e outra empreza do Filosofismo, que nos mata o bichinho dos ouvidos com o progresso, e melhoramentos da industria. Não se fiem porém os *industriosos* cultores das artes liberaes e mecanicas nesses ditos soltos ao vento, e despidos de realidade. Já o *Saudosissimo* Ex-Duque de Abrantes nos embalava com os frutos da nossa industria, e foi pena, que elle não acabasse de saquear este Reino, para que melhor se conhecesse o apurado da nossa industria . . . . Tão lindas cousas apparecem com o titulo de fomentos, e *encorajamentos* de industria!! Tão generosamente se promettem os *novos canaes*, que facilitem a circulação dos generos, e dos productos da industria, e por fim tudo nada entre dous pratos!! A Cidade deste Reino, que me parece mais iudustriosa he Braga, e sirvão de testemunha os seus chapeos, que eu vejo passar continuamente debaixo da minha janella, com letreiros para Evora, para Béja, para o Algarve, etc., etc. São perfeitos os seus naturaes em differentes ramos de industria. Ninguem os excede em obras de lata, de páo do ár, e de madeira. Porque livros estudárão estes homens? Que auxilio recebêrão da Filosofia? Estudárão sómente pelo bom livro, pelo melhor de todos. = Usa, serás Mestre, = e logo que a Filosofia lhe introduzir as suas melhorias, simplificações, e máquinas, duvido, que as cousas prosperem, como até agora tinhão prosperado. . . Já fazião hum commercio extenso, e vantajoso para o Brazil, e dispensavão os Senhores Inglezes do onus de levarem *com tanto incommodo* os seus Chapelorios a essas longinquas Provincias. Veio o Systema Constitucional, e gritou *adeos Senhor Brazil, e passe por lá muito bem*, e eis-aqui o modo porque os Mações promovêrão a industria!!! Não fallo agora nos pannos de linho, na cutilaria, e nos vinhos, que se exportavão para o Brazil! Tudo foi pelos ares em consequencia do maldito Systema, o qual por *orgão* dos seus *roufenhos, e desafinados orgãos*, parecia rebentar, gritando — *Commercio, e mais commercio, industria, e mais industria*! Cavalheiros de *industria* forão elles, que se os deixamos no poleiro mais seis

mezes, terião reduzido a boa moeda todas as pratas das Igrejas, deixando hum vasto campo á *industria Constitucional*, que se apuraria nos *trastes de páo*! Com hum destes, e bem nodoso, á feição do que praticou Ulysses com os Gregos inquietos, e revoltosos, deveria ser enxotada a chusma de tarécos Legisladores, que enfatuados de idéas *Maratinas*, e *Robesperrianas*, pensavão estar sancionando no Campo de Marte a existencia do Ente Supremo!! Ah Campos de Santa Anna, Campos de Santa Anna, a que se póde applicar o *Campus ubi Troia*, o chão, que já *deo vinha*, ou o melhor, e unico balsamo, que póde curar as industrias Maçonicas!!!

Inquisição, e seus Carceres. — Por certo que não foi tão medonho, e formidavel o Gigante Adamastor aos nautas, que acompanhárão o Gama em as descubertas orientaes, como tem sido para os Maçōes a Inquisição, e seus Carceres! Tem dito sapos, e lagartos de huma instituição, que portando-se com energia, e não se lhe prendendo as mãos he capaz de embaraçar, que os Maçōes ponhão pé em ramo verde, e de anniquillar o Maçonismo; e por isso não carece ella de outros encomios, pois todos ficarião muito áquem desse odio mais que Vatiniano, que os Maçōes já escarmentados de sua vigilancia (assim o estivessem do seu rigor!) lhe professão sem trégoas, nem descanço. Tudo quanto os vates do Lacio escrevêrão do *Cão infernal*, *e dos rios do fogo*, he ameno, he brando em comparação das virulentas diatribes da sabença moderna contra o Augusto, e Venerando Tribunal da Fé. Ora que os Pedreiros lhe tenhão, como eu já escrevi no Punhal dos Corcundas, a propria aversão, que tem por exemplo os Salteadores á forca, não he estranho, nem devia esperar-se outra cousa, mas que certos sabichões empavonados com duas regras de hum miseravel compendio ou livrinho, *unico pedestal*, em que assenta hum saber *longo*, *largo*, *e profundo*; mas que alguns desses proprios, que se dizem Christãos, aborreção o Tribunal do Santo Officio, a ponto de olharem para mim com desdenhosa compaixão, porque em Outubro passado escrevia hum artigo favoravel á instituição, que nos livrou de sermos Lutheranos, e Calvinistas!! he dó, he lastima, e tão grande lastima, que já os convido para huma dose de Mastigoforo, em que se tornará a discutir o ponto com mais larguezа, e já roborado com o auxilio de novas especies, que he facil adquirir todos os dias sobre esta importantissima questão. Que os gentios, penetrados de respeito ás suas falsas Divindades, zelassem de tal maneira o seu culto, e a sua honra, que chegavão a

dar tratos horriveis, a queimar vivos os réos de blasfemia, e irrisão das Divindades, porque erão necessariamente corruptores da mocidade, e perturbadores do socego público! Que arrazassem Villas, e Cidades, e exterminassem familias por este ou aquelle sacrilegio, como foi hum bem notavel, praticado em Delfos! E que os Reis Christãos não possão zelar a honra de Deos, e castigar asperamente os que a desprezão, e combatem!! He caso bem estranho!! Porém tudo se remedea com a sublime expressão das nossas *illustrissimas Constituintes*. » He obra de Deos, e que se defenda por si. . . . » Defende, defende, e bem á custa das estolidas Nações, que tratão de erros *innocentes* os ataques ao Catholicismo . . . tirando-lhes o seu Reino, passando-o a outras nações, que deem melhores frutos . . . Porém Senhor Mastigoforo veja o que faz a sabia, a industriosa, a poderosissima Inglaterra? Veja o que succede aos Estados Unidos da America, que não tem Inquisição, e que não fazendo caso de *bagatellas*, o que pertendem he augmentar-se em riquezas, e população? Assim he Senhor Pedreiro, porém não admira, que se fação grandes lucros nesta vida, pondo-se inteiramente de parte os interesses da outra; eu lhe direi brevemente como a troco de maiores vantagens *commerciaes*, *politicas*, *e navaes*, a Inglaterra *ficou sem Religião*, o que lhe provarei por documentos authenticos, e pela confissão dos proprios Escritores Inglezes de huma data mui recente. Saiba desde agora em meu nome, e de mais de dous milhões de Portuguezes, que nós estamos firmes na adoravel maxima de Nosso Senhor JESUS CHRISTO. » Que importa ao homem lucrar o mundo inteiro, se perde a sua alma? » Temos a certeza de que ha Ceo, e inferno, e desejamos que se fação todas as diligencias, para que os que vierem depois de nós, sejão Catholicos, que lhes importa mais do que terem duzentos mil homens em armas, ou mil vasos de guerra . . . Reputamos grande mal para a Sociedade, que huns pedantes sem instrucção, e sem luzes *das verdadeiras*, tenhão desfrutado a seu sabor, essa folga triennal, e mais adiante, que lhes concedeo o *Systema Pedreiro*. Chamem-lhe Inquisição, chamem-lhe Tribunal de Policia Ecclesiastica, chamem-lhe o que muito lhes parecer, mas tratem de remedear huma chaga tão profunda, que se lhe não acodirem a tempo, será de todo incuravel . . . .

Instrucção pública. — Todos a queremos bem dirigida, porém feita o instrumento da Maçonaria, para dar veneno de todas as castas aos despervenidos mancebos, he cousa que

não admittimos, e que arrenegamos como obra dos infernos. Sem o fundamento da Religião Catholica, Apostolica, Romana, e sem que hum bom Catecismo ande a par com o A B C não queremos nada. Muito bem entregue estava a educação, e instrucção pública aos Jesuitas, que por isso que querião o que nós hoje desejamos, isto he, que seja toda Christã, forão esbulhados della, e postos fóra de alguns Reinos Christãos, para que não *lavrasse a tinha da superstição, e do fanatismo*!! Crueis desenganos recebeo a fantastica sciencia do mundo, que a trabalhar todos os dias desde a extinção dos Jesuitas até 1801, e a fazer planos sobre planos, ou *castellos de bugalhos*, só tirou confusões, e plena certeza de que toda a obra começada, e proseguida contra Deos, acabará da mesma sorte que a Torre de Babel, imagem verdadeira desses planos, que a seu tempo mencionarei, e que a todo o custo querião arredar da educação tudo, quanto fosse ou parecesse religioso. Depois de meio Seculo de fadigas. » He tempo (disserão elles por boca do Cidadão Portalis, Ministro dos Cultos) que as theorias se calem diante dos factos. Não ha instrucção sem educação, e não ha educação sem moral, e sem religião. Os Professores tem ensinado no deserto, porque imprudentemente proclamárão, que era desnecessario fallar de religião nas escolas. *A instrucção he nulla ha dez annos.* He necessario tomar a religião como base da educação. Os meninos se tem entregue a huma ociosidade, e a huma vida vagabunda a mais assustadora. Não tem idéa da Divindade, não tem noções do justo, e do injusto. Daqui vem os costumes desabridos e barbaros, daqui vem o ser hum povo feroz, etc. » Ora vejão-se neste espelho os nossos Legisladores, que tiverão Mestres de *cunho pedreiral* insignes, e aprimorados!! As idéas religiosas de que elles imbuião os seus discipulos erão, que depois da presente não ha outra vida, que o homem acaba e morre como qualquer cão ou cavallo, que os vicios mais abominaveis são direitos da natureza, que Nosso Senhor JESUS CHRISTO não he Pessoa Divina, etc., etc. Que excellentes, e afinados orgãos do Systema Constitucional!! Forão os primeiros homens, forão o terror, e açoite dos seus visinhos, e se o tal *amigo* vivesse mais algum tempo, já a estas horas estarião feitos Deputados de algumas ordinarias, ou extraordinarias!! Já hiamos tendo os nossos *Talleirands*, os nossos *Condorcets*, os nossos *Cheniers*, planistas de educações, e instrucções *Liberaes*, que foi pena morrerem na casca as suas altissimas concepções, porém todo este fato deverá sahir á rua lá mais para o diante, e co-

mo terei de remontar á origem das cousas, não me escapará *da zorragadella a doutissima personagem*, que no reinado do Senhor D. José 1.° recommendou em instrucções privadas, que não se dessem Cadeiras a Frades, que ordinariamente não passavão de saberem ler o seu Breviario, nem darei quartel a huns *Scismaticos*, que pozerão hum *véto solemne*, a que os Frades fossem provídos em Cadeiras, querendo antes condecorar pessoas notoriamente inhabeis com as honras do Magisterio, do que aproveitarem hum Frade, versado neste ou naquelle ramo de instrucção. Ainda hoje me sôa nos ouvidos o grito do *Liberalismo Coimbrão*, quando o meu especial bemfeitor o Excellentissimo D. Francisco de Lemos Faria Pereira Coutinho, me propoz a Sua Magestade, para a Substituição de Grego. » Não sabe este Senhor o que custou a expulsão dos Jesuitas, e vai agora metter hum Frade no Collegio das Artes!!! »

Inventarios. — Como estes actos juridicos trazem muitas vezes associada a idéa de morte, bem se vio o que elles querião dizer, quando se fizerão em vida por aresto dos *Clubs* Maçonicos aos Mosteiros, e Casas Religiosas de pessoas de ambos os sexos. Foi necessario que se tomassem a rol estes bens nacionaes, para que os seus possuidores ha seculos não fossem por ahi deitar-lhes a mão, julgando que erão cousa sua; pois a condição tacita dos beneficos doadores foi, que a penas sahissem a Lume os *filantropos* Mações, tudo lhes pertencesse de juro, e herdade para os gastinhos patrioticos das Lonas, das Columnas, das Mitras, e das Trolhas; e assim como para a fundação das Monarquias existio hum = Pacto Social = tambem pelos mesmos fundamentos se póde mostrar, que existio hum *Pacto Ladroal*, por cuja virtude quanto se deo aos Frades, e ás Freiras levou annexa a condição, de que só o desfrutarião até chegarem os Cavalheiros Escocezes, e os *coraçudos Vigilantes*, e os abalizados *Mestrinhos*, que pela ardente *devoção* de regenerarem o mundo, *ipso facto*, ganhárão direito para ficarem senhores do mundo, *sem o haver para se lhes hir á mão*; direito *arquitetado pelo genio* (do mal) e conservado pelas artes (diabolicas) do Maçonismo, que depois de pôr tudo a pão, e laranja, se enthronizaria sobre o Portugal Regenerado, e de sobrôlho cahido para quem se lhe viesse queixar de fome, em consequencia das novas instituições, daria remedio a tudo, com meia duzia de palavrinhas magicas. » Esta obra he minha, o meu genio a cunhou, nasceo das maduras meditações dos antigos e modernos tempos, etc., etc. »

e o mais he, que só isto bastaria para remedio das *cruzes na boca*, ainda que estas mesmas já serião crimes gravissimos no 5.° anno Constitucional! Ora cada hum, diz o ditado, chega a braza á sua sardinha, e como estes Inventarios me derão sempre no goto, hei de offerecer aos meus Leitores o que já succedeo neste Reino, ha mais de cem annos (1690) quando o Senhor D. Pedro 2.° exigio hum rol, ou inventario (que não teve effeito) dos bens das Ordens Religiosas, que lhe enderečárão a seguinte:

PETIÇÃO.

Copia da Petição que fizerão as Religiões todas a Sua Magesgestade, sobre a notificação que se lhes fez, para haverem de dar conta por hum Rol das Fazendas que possuem.

Senhor. = As Religiões desta Coroa nas Pessoas de seus Superiores estão notificadas da parte de Vossa Magestade por Ministros Seculares, que dentro de certo tempo dem aos ditos Ministros Rois das Fazendas que possuem, sob pena de Sequestro, e perdimento dellas, não o fazendo assim dentro do dito tempo assignado; e porque no cumprimento desta notificação ha dificuldades gravissimas, e riscos certos da consciencia, que sendo presentes a Vossa Magestade haveria por bem mandar prover em negocio de tanto porte por outro modo que fosse servido: Por tanto as Religiões por seus Procuradores geraes abaixo assignados, postos aos pés de Vossa Magestade com a humildade, e reverencia que devem a seu Rei e Senhor natural.

Dizem que ellas estão prestes para servir a Vossa Magestade com a Fazenda, trabalhos, e vida de seus Subditos como sempre fizerão no tempo das guerras deste Reino com Castella, concorrendo para a defensa da liberdade com donativos consideraveis, e o fazem, mandando seus Subditos ás Conquistas desta Coroa para nellas ajudarem as almas em serviço de Deos, e de Vossa Magestade, e da mesma maneira estão prestes para fazerem tudo o que Vossa Magestade lhes ordenar, e de presente ordena na sobredita notificação em quanto salva a consciencia o poderem fazer, por que esta he tambem a vontade de Vossa Magestade, que como Rei tão Catholico e Zelloso do Serviço de Deos: Defensor do Estado Ecclesiastico: Amparo das Religiões de sua Monarquia, a este fim dirige suas Reaes acções, e por que entendem que de nenhum modo podem sem offensa de suas consciencias concorrer na execução desta notificação, por ser o tal concurso contra a severa prohibi-

ção, com que os Sagrados Canones, e Santo Consilio Tridentino sobre gravissimas penas prohibe e condemna aos que de algum modo consentem, ou concorrem contra o quebrantamento, e violação da immunidade da Igreja, que não he de crer permitta a piedade e Catholico Zello de Vossa Magestade, seja violada, sendo della Protector, e Defensor. E outro sim, por que esta mesma notificação se fez já em tempos antigos, e consideradas as razões, que obstavão á execução, se mandou desistir della, o que tudo se fará presente sendo Vossa Magestade Servido: Por tanto

P. humildemente aos pés de Vossa Magestade, supposto o referido, gravidade deste negocio, e grave escrupulo de consciencia em que se achão, seja Servido mandar considerar por pessoas doutas e desinterassadas, e de sã consciencia a razão de escrupulo, que impede esta execução, se dado que se houvesse de fazer, deve ser por ordem do Summo Pontifice, ou de seu Nuncio neste Reino, para poderem sem escrupulo de peccado, e de incorrerem nas penas dos Sagrados Canones, executar promptamente o que lhes está notificado, por que tirado este justo temor, estão promptos para executarem o que Vossa Magestade lhes manda.

Está visto o que pensárão os nossos maiores sobre este gravissimo assumpto, e he bem sabida a opinião dos modernos, que farião processar, e castigar os seus authores, assim como perseguírão o Padre José Morato, e desterrárão para fóra do Reino o Padre Biancardi da Congregação de S. Vicente de Paulo, por ter allegado em contraposição ao saque dos Mosteiros, o disposto no Sagrado Concilio de Trento! Ora eu não heide vir do outro mundo prégar a este certas verdades, que muito amargão ao *Seculo das Luzes.* Succeda pois o que succeder . . . . Já que este proposito da jurisdicção em cousas Sagradas, que os Liberalissimos Canonistas dão aos Principes, só com o fim de attenuarem a Igreja, e roubarem ao Imperio esse baluarte firmissimo do Sacerdocio, que he constantemente o primeiro investido, quando se trata de conquistar, e render aquelle outro, se faz cada dia mais importante, em razão de novas, e incansaveis diligencias, para que fiquem em pé, ou revivão as idéas Constitucionaes, seja-me permittida neste lugar huma succinta exposição dos estratagemas da Seita, pa-

ra levar ao cabo as suas malvadas pertenções. Vendo que a nossa Religião fazia dever de consciencia o rendimento, e a mais inteira sujeição aos Principes, cujos thronos se querião solapar, ou destruir, achárão no seu caminho, ou Principes voluptuosos, e dissipados como Henrique 8.° de Inglaterra, ou Principes afferrados á crença dos seus maiores, e inabalaveis em pontos de Religião, quaes tem sido os nossos Piissimos Soberanos. Acenárão aos primeiros com o engodo das riquezas do Clero, e lisongeando desta arte a sórdida avareza, que os consumia, podérão alcançar dentro em poucos annos, com a extinção da verdadeira Fé, a extinção dos Mosteiros na Inglaterra, e na maior parte da Allemanha. Foi-lhes necessario usar de mais astucia com os outros, que longe de cahirem no sobredito laço, olharião com desprezo e cólera para quem lhes indicasse tão violentas, e sacrilegas medidas . . . . Começárão de pintar-lhes a Igreja como usurpadora dos direitos da Realeza, encarecêrão *a desmedida opulencia* dos Ecclesiasticos, motejárão de que elles se quizessem livrar dos encargos publicos, taxárão de filha dos tempos *escuros* a immunidade Ecclesiastica, e por saberem perfeitamente, que a Igreja Romana, verdadeira, Mãi e Mestra de todas as Igrejas, acudia sempre ás Igrejas Particulares em seus maiores trabalhos, conseguindo muitas vezes da piedade dos Soberanos, tudo quanto podia, ou allivia-las, ou melhora-las; e que por este motivo nunca se deitava huma só contribuição ao Clero, em que não fosse ouvido e acatado o Pastor da Igreja Universal, contra este dirigírão os seus primeiros tiros, e daqui veio na maior parte das Escolas da Europa, huma tendencia constante, e pronunciada contra os direitos e prerogativas da primeira das Igrejas do Orbe Catholico. Daqui procedeo hum *atrevido exame* dos direitos do Primado, e forão tidos na conta de *homens grandes*, todos aquelles Theologos e Canonistas, que mais furiosos se mostrárão em seus ataques ao Throno Pontificio. Houve Reino da Europa (ninguem sabe qual he) em que se perdoou a hum Theologo assalariado para combater a Igreja de Roma, hum sem numero de citações infieis, e hum despejo, qual eu não me atreveria a usar, ainda que se tratasse de hum simples Paroco, que mais tivesse faltado aos seus deveres! Sobre esta inclinação para deminuir a chamada perigosa influencia da Corte de Roma forão traçados Estatutos Literarios, e se adoptárão no ensino público esses proprios Livros, que o Santo Padre feria em Roma com os seus anathemas. O Jansenismo, que desde o seu berço guarda como reposto no fundo da alma

o entranhavel desejo de acabar com a Sé Apostolica Romana, foi recebido nas aulas com os braços abertos, e com toda a pompa de hum Libertador, que vinha rasgar o véo *da supersticiosa ignorancia*, que vendára os olhos da Igreja até ao Seculo 18 . . . Compare-se a exclamação de D. Frei Bartholomeu dos Martyres ao entrar na Capital do Mundo Christão, referida pelo seu Historiador o grande Frei Luis de Sousa, com os sentimentos de huma boa parte do nosso Clero Superior e Inferior, e digão-me que sou temerario, se julgo descobrir duas Igrejas totalmente diversas huma da outra? Que grandes juizes das preeminencias do Santo Padre os Eibels e Cavallarios condemnados em Roma!! Ora que os Protestantes reverenceassem os authores, que se chegão muito ás suas doutrinas, por certo que não he de estranhar, mas que os Portuguezes cumulados de beneficios pela Igreja Romana, se encarniçassem de tal modo contra ella, que já fosse moda em a Universidade, e em Collegios Seculares, e Regulares sustentar, que o Papa he fallivel, que a Igreja não tem propriedade, que os Reis tem hum poder absoluto de lançar mão, quando lhes parecer, dos bens do Clero!! Que houvesse Professores disvellados em sonhar questões, em que o Papa descesse a hum papel subalterno, e o mais improprio da sua altissima dignidade!! E que fossem estes os passos que levárão mais de hum Professor ao assento na Cadeira dos Apostolos!!! Que elles nas suas correspondencias familiares, que eu li com horror! exaltassem até ás nuvens o zelo de Scipião Ricci, e dos Padres do Concilio de Pistoia, e se congratulassem da quebra dos direitos Pontificios!!! Oxalá que tudo isto não fosse verdadeiro, e que eu nunca tivesse de passar pelo vivo dissabor de manifestar estas nodoas da Igreja Lusitana! Derão tudo ou quasi tudo aos Reis, arquitetárão huma *Religião Politica*, e que fizerão com isto? Adiantárão por ventura a Causa do Throno? Enchêrão os cofres dos Soberanos? Curárão as feridas da Patria? Ah! Se os Canonistas, e Jurisconsultos *Liberaes* se dóem da acrimonia de huma reprehensão sobejamente merecida, ao menos queirão reflectir sobre a propria confissão dos que mais promovêrão a quéda do Sacerdocio, a invasão dos bens da Igreja, e o esbulho da influencia do Papa, e vejamos como elles não se pejão de affirmar, que conseguido o disbarate do principal exercito, que defende os Thronos, já lhes não resta senão abala-los, e destrui-los á vontade. Esses infelices Membros do Parlamento de França, que tão empenhados se mostrárão por tirar a influencia, e deminuir os poderes do Clero, forão

huns *agentes da Maçonaria*, e embriagados com o applauso de que erão *homens grandes*, humilhárão a Igreja, sem advertirem, que ao mesmo passo humilhavão o Throno, e preparavão a guilhotina, que havia de sacrificar Luis 16. » Se a antiga Religião dominante (eis-aqui as palavras do Ministro da Policia Geral, ás administrações centraes, municipaes, etc. em 9 do *pluvioso* anno 7.°) não era menos o Codigo das Instituições da Monarquia, do que hum Codigo Religioso, he nas absurdidades do fanatismo, que se tinha escondido a *base subterranea de hum governo absurdo*: eis-aqui o motivo por que os defensores do Altar, e do Throno, sempre tem andado a par, e nunca separárão a sua causa; eis-aqui o motivo porque depois da quéda da Monarquia, o poder público tem vindo reclamar successivamente as partes da authoridade, que erão espontaneamente da sua jurisdicção, e que o Sacerdocio tinha invadido, ou antes, *que os Reis tinhão abandonado ao Sacerdocio, a fim de cazarem, e cimentarem hum pelo outro, os seus poderes respectivos, etc.* »

Que testemunho este, de que as Instituições Monarquicas se firmão nas idéas religiosas, é que esse chamado *poderio do Clero* era o mais seguro alicerse em que descansavão os Thronos!!

Tremão os Pedreiros Livres Portuguezes!! A causa do altar he a mesma do throno, e quem despeja o altar do que he seu, quem propõem ao Soberano, que se desligue do Sacerdocio, que o deteste, que o esmague com pezadissimas contribuições, está bem longe de ser amigo do Rei e do Trono! Forte receio he este que acompanha certos homens de que parecêrão desviar-se das *Luzes do Seculo* se derem mostras de que são favoraveis á Igreja!!! Antes querem parecer Jansenistas, Parienses e Maçoes do que bons Catholicos! Não podem renunciar o leite das pestilenciaes doutrinas que bebêrão no seu Gmeiner, no seu Dannemair, e agarrados á *Soberania do povo*, que se lhes metteo nos cascos para nunca mais sahir delles, escudão-se talvez neste principio abominavel para quererem ainda sustentar os monstruosos excéssos das chamadas Cortes Constitucionaes!!! Tenho-os poupado em demasia, porém chegará huma vez o dia fatal para esses Jacobinos encubertos, ou incautos seguidores *da Luz*, que para não desmancharem a sua fortuna, ousão muitas vezes mentir ao Soberano, carregando sobre o mais fraco, e humilhando cada vez mais, o que já não he nem sombra do que foi no reinado do Senhor D. João 5.°, ou ainda no do Senhor D. José 1.° que tendo para

fazer as maiores despezas ou reedificação de Lisboa, e na creação de hum exercito, nem por isso se lembrou de impor contribuições á Igreja Lusitana! Igreja desditosa! Em paga dos teus inauditos soffrimentos no regime constitucional, hes ameaçada de seccumbir ainda aos esforços da Pedreirada!! Eu bem sei onde a maioria do *Congresso Demoniaco* aprendeo, que só para satisfazer o povo, e acautellar o escandalo dos pequenos he que se devião requerer Bullas para a extinção dos Mosteiros! . . Até sei quem ensinou a hum dos mais campanudos *Legisladores* (o qual fazia mui bem o papel de Asmodeo), que nós tinhamos neste reino tantos Papas, quantos erão os Bispos! Provera a Deos, que eu não soubesse mais nada! Caheme a penna da mão á força de horror e magoa . . . . que forçosamente se apodéra de mim, que conheço como os dedos das minhas mãos, todos *esses páos de Larangeira*, as suas artes e manhas . . . e que por isso heide agora desafogar hum pouco na descrição do que he ser

J.

Jacobino. — Quer dizer (actualmente nos Diccionarios de todas as Nações cultas da Europa, onde se inserio esta palavra, algum dia a mais innocente) o *non plus ultra*, ou a quinta essencia da perversidade humana. Sendo assim, para que fui eu chamar = Constitucional = Synonimo de Jacobino? Por que meus amigos, quem não quer ser Lobo não lhe vista a pelle, e he cousa bem sabida por todo o Reino, que o desaforado *inculcador da raça de Alter*, que o valente caudilho da nossa *degeneração* disse a todos que o quizerão ouvir. = *Ninguem póde ser bom Constitucional, sem ter sido bom Jacobino.* = Olhem não seja eu tolo, que o vá agora contradizer?

Jejum. = He acto especial de huma virtude Christã summamente recommendado, e authorizado com as instrucções, e exemplo de Nosso Senhor JESUS CHRISTO, e pela Sagrada Quaresma, de que he impossivel assinar-se outro principio, que não seja a Tradição Apostolica. Firma-se até nesse crescido numero de jejuns expiatorios, que fazem huma especie de voz da natureza, e ainda que os gentios erravão crassamente no que pertencia ao objecto, e aos fins destas obras de mortificação, nem por isso o Apostolo São Paulo deixou de lançar em rosto aos Christãos melindrosos, e delicados, essas privações a que se condemnavão os Athletas para ganharem

huma coroa corruptivel. Por tudo isto he o jejum aborrecido mortalmente dos Pedreiros, que bem sabem, que derribado primeiramente o Jejum da Quaresma, e depois tirada a consideração ao Sacerdocio, ou pelos deminutos rendimentos, que se lhe assinão, ou pelas *gages*, ou jornaes, que se lhes promettem do *Thesouro Nacional*, chegava-se dentro em poucos annos á méta desejada, á extinção do Catholicismo em Portugal!!! Coitados sahio-lhes tudo ás avéssas do que premeditavão, e o seu odio ao jejum, como parte de huma virtude Christã, voltou-se contra os proprios, que o nutrião, e fomentavão. O povo de Nosso Senhor, nessa parte melhor Theologo, que os *Theologastros* seus Conselheiros, não abraçou a doutrina pedreiral do *jejum contrario á natureza, e deitado, ou estendido no rol das Superstições*, jejuou como jejuárão os seus avós, não quiz huma graça, que sempre lhe pareceo cousa mais de graça que de véras, e marcou os *espiões* das Familias, que nunca estiverão pela *graça*, como outros tantos *Sollicitadores de Causas Maçonicas*, e dignos de censura, e opprobrio geral . . . E o mais he, que a gracinha hia dando na cabeça a quem desejava metter as almas no caminho do Ceo!! Houve queixas dos Confessores, que nunca reputárão legitimas as Causas expendidas na Bulla, e por bem pouco não veio por ahi alguma lista de *Confessores deportados*, por ensinarem a verdade aos seus penitentes!! Mas dispensar a abstinencia não he dispensar o jejum, e póde não haver abstinencia, e existir o jejum!! Forte novidade!! Porém o caso he outro, e *a aza da galinha*, fysica, e *moralmente* o mesmo, que hum bocado de bacalháo, não he cousa que eu possa levar, que tenho más engolideiras . . . . E os Mações a misturarem lampreia com vaca, e galinha, e a fazerem outras habilidades, em que se mostrárão sobranceiros ás decisões Pontificias!! E o que tarda (menos em o Patriarcado de Lisboa) o curativo dessa *tinha ou peste Carnívora*, que se tem apossado de varias gentes de gravata ao pescosso, ou apedreiradas!! Já agora como lhe fez seu *geitinho* hão de hir comendo carne em todas as Quaresmas, até chegar, não huma quarentena de dias, de annos, ou de seculos, porém huma eternidade de castigos! Esses mal aventurados seguidores da *nova* Religião Politica (que a seu tempo definirei) *só* depois de mortos, he que serão completamente desenganados, que a sua vida foi toda *pagã*, e toda reprehensivel aos olhos de Deos!!

Juramento. — Só o nome faz tremer a quem he Christão pela graça de Deos, e não foi pequena misericordia deste Se-

nhor, o consentir, que o chamem para testemunha = *em juizo, em justiça, e em verdade*, = porém no Diccionario Maçonico he simplesmente huma certa *armadilha* aos fieis Christãos para os desasocegar, inquietar, ou reduzilos a ponto de mudarem de patria, e deixarem lugares vagos para os Maçães. Logo na primeira *redada* se vio claramente para que se mandárão fazer taes juramentos, não só confirmatorios de huma rebelião manifesta, porém o que he mais, promissorios de se observar á risca tudo quanto nos despejassem os *Luzentissimos* cacos Thomazinos, e Mouriscos, que já se sabia ha muito ser o Catholicismo o seu forte!! Não tardava muito a Constituição chamada Civil do Clero, ainda mais liberal que a Franceza, e o peior seria, que a Igreja Lusitana talvez désse mais exemplos de *Fauchets*, *Gobels*, *e Gregoires*, que de *Dulaus*, *Rochsfocaulds*, *e Hercés*! Juramento de guardar, e fazer guardar a Constituição!! Moralizemos o nosso bocado. Quem forão os primeiros que a deitárão a perder? Os Maçães. Quem forão os primeiros que a derão a conhecer por desprezivel *de facto* e direito? Os Maçães. Quem forão os que violárão descaradamente todos os seus artigos, reformando-os, alterando-os, e derogando-os a seu sabor, contra o que se estipulára desde o começo da obrinha? Os Maçães. E os mais insolentes perjuros, que nunca teve este Reino, a estranharem seriamente o perjurio dos desaffectos á Constituição!! Ha muito que nós sabemos como elles representão as suas comedias = *os Juramentos*. = Lembro-me de que immediatamente á creação do Instituto Nacional de França, o primeiro acto a que procedeo este Corpo Scientifico, foi o *Juramento de odio á Realeza*, a 21 de Janeiro de 1796; e he para notar que nos Juradores apparecia hum Lalande, o ímpio, o Deão dos Athêos!!! Já de antes havião declarado qual fosse o verdadeiro espirito das requisições de Juramentos. Hum Padre Catholico havia de jurar ou morrer, porém hum Quaker, hum Anabaptista não só era dispensado de jurar, mas até de pegar em armas para defeza da patria!!! Antes que me esqueça, e o juramento dos Maçães, diametralmente opposto ao bem da Sociedade; e em perpétua contradicção com os deveres do Christianismo, que impõe aos seus filhos a necessidade de declararem ao Juiz o que souberem!!! Ai! mas esse pertencerá lá para o fim ás virtudes Maçonicas, que fazem martyres da *Laia* dos do Campo de Santa Anna!

L.

Lei, Legislação. = Definir aquella, e melhorar, ou refundir esta nos differentes reinos da Europa tem sido hum dos primeiros fitos da Maçonaria. Lei, dizem elles mui empanturrados, e vaidosos, he a *expressão da vontade geral*, e por isso tem dado grossas alviçaras ao Genebrino, que fez esta descoberta, que os antigos quizerão, e não poderão fazer! Lá me custa desfolhar, ou arrancar este florão da *Coroa Maçonica*, e para o dar a quem? Se fosse ao menos a hum grande Filosofo como Platão, e Aristoteles? Ainda, ainda. Se fosse a hum desses *genios transcendentes*, como forão os Lockes, e os Hobbes? Tudo ficava em casa, e do mal o menos. Se fosse a hum Jurisconsulto da estofa de hum Bodino percursor das *idéas liberaes*, ou ainda a hum Theologo como Fr. Paulo Sarpi? Não era descredito para a Maçonaria . . . porém a hum author do Seculo 13, que morreu ha bons 500 annos: a hum Doutor da Igreja Romana, e a hum Santo canonizado!! *Oh! que deshonra* para os Mações, e para os seus chamados inventos!! He pois S. Thomaz de Aquino, talento superior a quantos nos aturdírão no seculo 18 o que se explica assim na definição de Lei.

Non cujuslibet ratio facit legem, sed multitudinis, aut Principis vicem multitudinis gerentis. (1.ª 2.ª Quest. 90 art. 3.°)

Eis-aqui patenteada a expressão da vontade geral: pois como a lei deve ser ordenada para o bem commum suppõe o Legislador, que todos, quantos lhe estão sugeitos, querem o bem; idéas estas já tão velhas na sagrada Theologia (sciencia de estupidos no Diccionario Maçonico) que he de admirar esse apaivoado júbilo, com que as festejárão os panegyristas do contrato social. Desfiemos de passagem huma das mais lindas expressões da *vontade geral* dos bons Portuguezes. Quando se discutírão as *basinhas* Constitucionaes houve grande mixordia sobre a introducção da palavra *unica* em o artigo concernente á Religião dos Portuguezes. Huns 22 Deputados fizerão o seu protesto contra a exclusão da palavra . . . mas tudo isto ficou em nada, porque; era contra a vontade do Jove Tonante do Maçonismo . . . . Ora 22 Representantes dão por ahi 500 a 600∰ representados, o que não he tão pouco em hum reino, que á muito puxar contará trez milhões de habitantes. Mas para que me canso? *Expressão da vontade geral*

cum addito, com o accrescento = *dos Maçôes* = he a verdadeira definição, que sómente agora ficará mais clara, que o definido.

No tocante á legislação passavamos neste reino excellentemente, e só com o desgosto de que muitas vezes não fosse observada, e guardada fielmente, e por sinal, que custou aos Portuguezes *altos e baixos*, *sabios e ignorantes* que Mr. Lagarde fizera muitos encomios á nossa legislação, e o certo he que a combinou com a Franceza em a classificação de varios crimes, e das suas penas, o que certamente não indicava muito desprezo dos nossos legisladores. Aqui se deve applicar o = *Quod non fecerunt barberi, fecerunt Barberini* = Vem do Porto huns *barbinhas* de alho muito empavonados de sciencia, e poder legislativo, botão-se ás nossas leis com os seus *martelos*, *e picaretas* fazem, desfazem, concertão, e desconcertão, e em todas as suas providencias realizão a fabula da sementeira de Cadmo, que produzia huns homens armados a matarem-se huns aos outros, e nós que os aturemos!! Não fizerão lei que prestasse, e o seu *até aqui lei*, o seu parto mais laborioso, o seu *ratinho* de lei da Liberdade de Imprensa, foi toda huma pura miseria, que logo nos primeiros Conselhos de Jurados se lhes conhecêrão falhas terriveis! Sei que hum Parocho do Bispado de Coimbra, homem de tanto saber, como virtude, (Manoel Pires Vaz, Prior do Couto do Mosteiro) e que já luzio nas Campanhas da Gazeta Universal, tem escrito largamente sobre este sujeito, e confio que ha de pôr bem a Calva á mostra a esses ineptos legisladores.

Liberal. — He Synonimo de Pedreiro, e Maçon, o que já provou exuberantemente o Padre Macedo em huma rigorosa demonstração, que nem as de Euclides a excedem nesta parte, e que, segundo o louvavel costume dos Pedreiros, foi accusada, e levada ao Conselho dos Jurados; porém nunca refutada, e apenas combatida miseravelmente em huns folhetinhos, que divergindo da questão, pozerão em maior luz os invenciveis argumentos daquelle mui douto escritor.

Liberdade. — Estremece-me o coração, e a penna quer fugir-me das mãos, quando eu pondero os estragos que o abuso desta palavra tem feito nas quatro partes do mundo. Liberdade civil he huma cousa boa, que nós gozamos sempre debaixo do paternal governo dos nossos Reis . . . porém Liberdade, Synonimo de licença, e devassidão!! Liberdade trazida de França sem outro disfarce mais, que o sobrescrito de Constitucional, e mostrando enroscadas ao longo de seu denegrido

rosto as medonhas serpes de insolencia, de anarquia, e da mais descarada soltura de costumes; e assim mesmo idolatrada de hum consideravel numero de Portuguezes!! Assim mesmo qualificada de *bem supremo* do homem nas Cadeiras da verdade pelos mesmos, que farião *zumbaias* e elogios á peste, se a peste appresentasse Igrejas, ou désse Commendas!! E que farião com a mesma vontade, e frescura o elogio da Servidão, se lhes fora encommendado por seus amos! Ah! que certamente o fizerão, dando louvores, e batendo as palmas ao estado de maior coacção, em que se tem visto os Portuguezes!!

Liberdade de Consciencia. — Quer dizer no Diccionario dos Maçōes. Viva cada hum na Religião que muito quizer, ou lhe agradar, que não ha caminho mais direito para viver sem nenhuma! He este hum conselho digno da Sabedoria moderna, e o peior he ter havido entre nós mais de hum Sacerdote, que manchasse os proprios labios onde passára repetidas vezes o Deos vingador do Crime, pronunciando tão estranha, e descompassada asserção! Lembro-me de que huma das principaes desavenças do Imperador José 2.° de Allemanha, com o Santo Padre Pio 6.°, foi negar este benemerito Successor de S. Pedro a Confirmação a hum designado Arcebispo, que sustentára por escrito essa horrenda, e pestilencial doutrina. Não he nem póde ser livre ao homem no sentido que elles querem, deixar de seguir a doutrina do Evangelho, que por ordem expressa de hum Deos, foi prégado a todas as creaturas racionaes. Quem o não abraçar ou regeitar, quando se lhe préga, tem de ser condemnado ás penas eternas! Se os Maçōes se chamão livres neste sentido, de poderem trilhar a seu gosto a estrada larga, que conduz á perdição, asseguro-lhes, que não he, nem de apetecer, nem de se invejar a sua Liberdade de de Consciencia.

Liberdade de Imprensa. — He a *patacoada* mais vulgar dos Pedreiros, que feitos *valentões*, alardêão de que a promovem, e desejão ver estabelecida até em Argel, e no centro da Cafraria, por ser este o unico meio de se derramarem as *Luzes* do Seculo!! E que luzes serão estas? Que frutos, ou vantagens terá produzido esta Liberdade, por que tanto se clama e grita! Desde que se introduzio esta maxima da imprensa livre, não sei que se tenha alargado muito a esféra dos conhecimentos humanos, ou que novas descubertas hajão melhorado o patrimonio das Sciencias, visto que as proprias susceptiveis de continuo progresso, nem por isso estiverão ociosas nas mãos de hum Boscovick, de hum Splanzani, de hum Euler, e de

outros homens sujeitos á censura! Já entendo . . . o que se intenta ampliar, e engrandecer he o = *Patrimonio da Seita* = e pouco lhes importa, que as Sciencias ou se adiantem ou retrogradem. Liberdade de Imprensa quer dizer liberdade de escrever impunemente contra a Santa Religião de nossos Pais . . . Foi gozada em toda a sua plenitude pelos Authores do *Retrato de Venus*, e das *Superstições descobertas* . . . que forão muito louvados e queridos da *Horda* Constitucional, e eu por estranhar que o Independente ralhasse de quem muitas vezes lhe enchêra a barriga, e estabelecesse principios diametralmente oppostos ás *Basinhas* Constitucionaes, provei nas margens do Agueda, e nas visinhanças de S. Felices el Grande, os saborosos frutos de Liberdade de Imprensa! A Liberdade de Imprensa *Constitucional* reduzia-se ao seguinte. Se escreve em pró da *Santa Causa*, e da *Divinal Constituição*, usa da *Liberdade de Imprensa*, se escreve contra Deos, e seus Santos *usa* oh se usa! da Liberdade de Imprensa! Se escreve a denunciar as nossas asneiras, e perpétuas contradicções *abusa*, he Corcunda, seja expatriado . . . . Aqui a temos em pratos limpos, e o mais he divagar fóra da questão. Olhem Senhores da *Trolha*, do *Compasso*, do *Triangulo*, e da *Luz*, concedão vossas mercês (perdoe a excelsa *tolerancia nacional*, que tão bom arranjo fez a huns *piolhos*, que sem isto, nunca se verião em camiza lavada) concedão vossas mercês Liberdade de Imprensa onde quer que governarem, e vêlos-hemos mais dia menos dia, de pernas ao ar, sem nunca mais poderem levantar cabeça. Ninguem carece de restricções e *barbicachos* á Liberdade de Imprensa, como vossas mercês. Que o digão os seus Irmãos Jacobinos, que trazendo sempre na boca o mote da Liberdade de Imprensa fizerão cahir milhares de cabeças, por se dizer ou escrever huma só palavra, que fosse em abono da Religião, ou da Monarquia. Mas para que busco eu exemplos fóra de nossa casa, onde os temos a fartar? A ingrata virou-se contra os seus bons pais, e sentando banco na Rua da Prata N.° 113, = esbofeteou-os, zorragou-os, e confundio-os de tal maneira, que foi necessario expulsarem deste Reino a pessoa que lhe dava asylo; a pobrezinha deixou-se finar, e mandou abrir na sua campa este Letreiro =

OS PEDREIROS ME FIZERÃO, E OS PEDREIROS ME DESFIZERÃO.

Liberdade de pensar. — Foi guapa a que nos trouxerão

os Pedreiros. Era boa casta de Liberdade no meio de huma grossa nuvem de Espiões, que denunciavão á Policia, até os proprios géstos, e que andavão á pilhagem dos ditos mais innocentes para os denegrirem. Creio que a Liberdade em Marrocos he mais ampla, e menos amargurada. Entre tanto a Liberdade de pensar, vem a dizer no seu *Lexicon*, que huma razão finita póde igualar-se, e pedir meças á Infinita e Suprema intelligencia de Deos, he esta a Liberdade de todos os impios, e nomeadamente do Patriarca de Ferney, que em certo modo não era tão livre como alguns dos nossos Patriarcas Regeneradores. Aquelle ou por medo, ou por hypocrisia, ou pelo quer que fosse, hia assistir á Missa na sua Igreja de Ferney, que elle adornou, e há quem diga que a levantou dos alicerses á sua custa, porém dos nossos, dizem as más lingoas, e não he muito o escrevão as más pennas, que passavão tres annos sem ouvirem Missa, e pelos menos houve espreitador triennal, que por mais que lhe rondou á porta, nunca se benzeo com huma só vez, que hum tal Magistrado sahisse para ouvir Missa aos Domingos, e dias Santos!! Ora hum pobre como eu, que lhe sabia destas *manhas*, como ficaria ouvindo a noticia do Levantamento do Porto?.

Livros. — Ha livros máos, que pervertem a mocidade, corrompem, e estragão os costumes, e ha livros muito bons, que produzem os effeitos contrarios. Estes na opinião dos *filhos da luz* devem eliminar-se da Sociedade, ou serem queimados em fogueira pública, *visto servirem de pasto á ociosidade, e ao fanatismo*; *aquelles porém como bemfeitores do genero humano devem soltar-se das cadêas, em que os prendêra a superstição, e o fanatismo*: daqui veio, que apenas instalado (estalado, e proscrito seja elle por todos os Seculos dos Seculos amen, amen) o *governixo Supremo*, que viera lá das bandas do Porto, sahio logo ordem expressa da soltura dos *bons livros* injustamente reprezados nas alfandegas . . . e appareceo neste Reino huma inundação de Luzes, como elle nunca experimentára . . . Os Frerets, os Diderots, e os Paynes, e outros, que se vendião debaixo do Capote, sahírão a enfeitar os mostradores, e não houve criança arvorada em *meio Latim*, que não comprasse hum desses Livrinhos, illustradores da especie humana . . . . Desta arte se prehenchião os irrevogaveis arestos da *Seita Luminosa*, que para derramar as *Luzes* do Seculo por toda a França, mandava imprimir á custa da Sociedade, v. gr. tresentos mil exemplares da *Pucella* de Voltaire, e regalava com este mimo os adeptos Mestres de primeiras letras, que

mettião destes admiraveis Catecismos na mão de seus discipulos!!! Cá os nossos Pedreiros traduzírão o Catecismo de Volney, e as suas *edificantissimas Ruinas*, e sahírão como *batedores* do campo o *Retrato de Venus*, a *Venus Maçona*, e as *Superstições descobertas*! Não tardaria em lingoagem algum *Curso completo de Atheismo*, para o qual daria *grandes avanços* o *Systema da Natureza*, que os *bons*, *egregios*, e atilados Professores já aconselhavão aos seus discipulos, que sabião Francez!!! Eu ainda tenho de voltar á questão dos Livros, que são materia vasta; e por ora contento-me de ponderar, como os *Liberaes Canonistas* esbulhárão ha cincoenta annos a esta parte os Juizes Ecclesiasticos, da mínima inspecção sobre os Livros, que segundo elles, pertence *toda* aos Reis, lugar onde lhes faz mais conta o direito da prohibição (cá por muitos e ponderosos motivos que eu sei, e hei de revelar a seu tempo) . . . Hum Bispo da Igreja Lusitana, e mui digno de veneração pelas suas apostolicas virtudes, notou que apparecião na sua diocese alguns Livros máos (onde já entrava o Contrato Social de Rousseau, pois os nossos males vem de longe) avisou as suas ovelhas de qual era o pasto venenoso, e comminou penas aos que em despeito da Igreja, e da authoridade Episcopal insistissem em comer de similhante pasto . . . Não he nada, pintárão-no ao Rei como usurpador dos direitos do throno, e criminoso de lesa magestade, e oito annos de escuro, e asperrimo callabouço, parecêrão mui pouco a quem mandava tudo neste Reino!!. E o peior he, que huns *illustres Candidatos do Episcopado*, formalizárão, e lavrárão huma Sentença, que faz estúpida a Universidade de Coimbra, para dar ao Santo Bispo alguns áres de Criminoso. (*)

Desde então ficou tudo em silencio. Imprimem-se nas Cidades Episcopaes deste Reino Livros ímpios, e obsenos, e as Sentinelas da Casa do Senhor emudecem, porque não tem animo de parecerem desobedientes a ElRei Nosso Senhor! Ora

---

(*) » Porque he de notoriedade pública, que se no dito Bispado se pronunciarem as palavras Voltaire, Rousseau, etc. perguntarão os mesmos Diocesanos se são mineraes, ou vegetaes; se são viventes terrestres, ou aquaticos; porque no Bispado de Coimbra se não ouvírão nunca pronunciar taes nomes. » (Palavras formaes da Sentença da Meza Censoria contra o Bispo de Coimbra D. Miguel da Annunciação, pag. 10.)

veremos se ElRei Nosso Senhor os livra das mãos de Deos, e da inexoravel severidade dos seus Juizos em assumptos de tal importancia!!! Bem se vio, e conheceo, que ElRei D. José 1.° mostrando-se á hora da morte arrependido dos procedimentos, que se usárão com aquelle digno Successor dos Apostolos, e que a sua Augusta e Saudosissima Filha a Senhora D. Maria 1.ª honrando com as suas enternecidas lagrimas a veneravel presença desse heroico defensor dos privilegios, e direitos da Igreja, nem approvavão, nem deixavão authorizadas essas medidas violentas a que se chamou razões de Estado...

Supponhamos que entrava no porto de Lisboa huma carregação de *bacalháo podre*, e que do seu uso poderia resultar gravissimo damno á saude dos póvos, mas que favoneados os seus vendedores, ou pela somnolencia e descuido, ou pela connivencia dos empregados subalternos, o empurrava a torto, e a direito a essa gente pobre, que coitadinha vai atras do barato, e de remedear-se com o menos gasto possivel, se neste comenos se levantasse hum Medico zeloso da saude dos póvos, e gritasse = *não coma ninguem desse bacalháo, que he huma peste*... deverião pôr isso agarra-lo, e encerra-lo como usurpador dos direitos alheios? Por certo que não, e muito menos haveria lembrança de castigar quem devia fazer taes annúncios. Hum livro máo que se espalha em huma Diocese he hum comer podre, e inficionado, que vai matar as pobres almas, que sedentas do que lhes favonea as paixões, vão metter-se em comidas venenosas, que trazem necessariamente comsigo a perdição e a morte. Ora hum Bispo que sabe a entrada de hum máo livro na sua Diocese, ficará de mãos atadas, e lingoa preza sem bradar ao rebanho, que se acautelle desse inimigo, que o accommette para sua total ruina? Nem por sombras he comparavel o estrago que faz hum livro máo, a esse que póde fazer hum Lobo, que se deita a hum rebanho quieto, e despervenido... E que faz o Pastor, ou Zagal, que o vê correr ás ovelhas, e ata-alha-las? Brada até enrouquecer, e não socega em quanto não vê o Lobo em retirada. Ora os Pastores das almas deverão ser mais frios, e menos zelosos de que esses Pastores de que tenho fallado? Bem haja o Excellentissimo Senhor Cardeal Patriarca, que depois de haver dado á Igreja Lusitana, em quanto gemia debaixo do jugo Constitucional, o mais illustre documento de fortaleza, e constancia, vem agora mostrar-nos hum ditoso preludio da mesma Igreja restaurada, prohibindo esses máos livros, que se tinhão divulgado na sua ausencia...

Luzes do Seculo. — Se por estas Luzes se entendessem os progressos das artes, e das sciencias, como por exemplo da Navegação, da Fysica, da Quimica, e da Medicina, longe de nos assustarmos com ellas, nos dariamos por bem contentes, e ficariamos sobre maneira obrigados ao seculo, que nos pozesse a diante dos mais que nos procedêrão. O Christianismo favoresse a propagação das Luzes, e não ha muitos annos, que hum Inglez Protestante (Roscoe) achou nesse *Vaticano* tão insultado e doestado pelos *homens das Luzes*, o verdadeiro foco, onde se reunírão e donde se espalhárão as que durante o Seculo 16 fizerão como renascer os dias de Augusto; e he para ver ou para rir o que são as habilidades do nosso bom Seculo. — Hum Protestante em Londres a exaltar o Papa que condemnou Luthero, e hum Francez a ter premios do *Theofilantropico* Instituto, por attribuir a Luthero a plena restauração dos bons estudos!! Mas proseguindo em o nosso caso, já desde a sua origem poz o Christianismo em toda a Luz, que a *Sabença humana* só he alguma cousa quando he sua alliada. Que Luzes não tinha o Seculo em que nasceo o Redemptor do mundo. Nunca terião barbas estes Filosofos modernos de chegarem aos antigos, se estes não lhes semeassem o campo de que os herdeiros tem sabido aproveitar-se como gente! Pois em Musica, em Pintura, em Arquitetura, em Poesia!! Não fallemos agora nisto, que me arredaria muito do meu principal intento, mas permita-se-me o desafogo de clamar que o insigne Tragico de Ferney não chega nem aos calcanhares de Euripedes . . . . Em fim he necessario confessar de plano, que já então havia *Luzes do Seculo* ou esforços da Sciencia inimiga da Cruz para estorvarem, que este sinal de ignominia para o Seculo, se arvorasse como de facto se arvorou sobre o Portico, sobre a Ston, sobre o Areopago, e sobre o Capitolio. Não estranhou a Filha do Ceo. que o mundo a quizesse regeitar, foi continuando os seus trabalhos, e conquistas, e os *faróes* de sabedoria humana se forão apagando huns após outros, deixando apenas alguns indicios de que tinhão existido, e o certo he que a *Loucura* apparente do Evangelho tomou felizmente o lugar, que lhe fixára o seu Divino Instituidor, que he *Luz, caminho, e vida.*

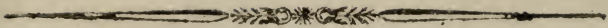
Muito bem foi ao nosso Portugal em quanto não esteve pelos autos de dar entrada ás Luzes, que devião ser, como depois mostrou a experiencia, as Luzes do seu funeral. Sahírão a Campo as *Luzes do Seculo* em o 16.° da Igreja . . . Vinhão rutilantes e por extremo activas, querião penetrar, e al-

lumiar tudo sem ficar nem rua, nem beco, nem saugão que elles não esclarecessem! Que ha de fazer hum Rei que nós tivemos chamado D. João 3.º; lembrou-se que o primeiro deste nome afugentára as *Luzes Wiclefianas* espalhadas pelo inclito Avô dos Pedreiros, e poz o maior cuidado para que não entrassem neste reino as *Luzes do Seculo.* Ora he verdade, que por isso estivemos ás escuras por muitos annos, mas que habilidade a nossa!! Tivemos nesse tempo o Cégo Camões, o Cégo Antonio Ferreira, o Cégo Heitor Pinto, o Cégo João de Barros, o Cégo Pedro Nunes, e outros que taes, que andando ás apalpadelas, e *sem Luz* fizerão obras immortaes, que nunca o Seculo Pedreiro sahirá com alguma cousa, que os possa igualar. Ainda no reinado de outro João (o Senhor D. João 5.º) jurava a Universidade de Coimbra em pezo, que o Papa era infallivel nas suas decisões!! *Ora vejão que falta de Luzes*!! Chegárão outros tempos, e eis que entrão de repellão por esse reino dentro as Luzes do Seculo . . . . Agora o vereis. Esfriou de todo a piedade Christã, desprezou-se a educação da mocidade, começárão de ser lidos e applaudidos escritos que se cá abordassem quarenta annos antes, serião queimados em fogeira pública. Entibiarão-se os sentimentos de Lealdade ao Throno, conseqüencia natural do amortecimento das *idéas religiosas*, e por ultimo hum punhado de *agentes, e contratadores das Luzes* começão por apagar tudo o que mais Luzia entre nós, e cercados já de ruinas, esmorecem no principio da carreira . . . Hum grito dos soldados da guarnição de Lisboa os faz abandonar o campo, que se não ficou juncado de cadaveres ao menos ficou recebendo a *Luz Sepulcral* de hum *Lampadario chamado Constituição de* 1822!!!

Mas em que consistem as *Luzes* do Seculo tão gabadas, tão exaltadas e engrandecidas? . . Em não admittir a Luz superior, a Luz da Fé . . . *Tirado este empecilho* gozão-se em toda a sua plenitude, ou em o seu mais claro enchente = *as Luzes do Seculo*!! Mas quem te disse Mastigoforo dos meus peccados, que os Liberaes, e Pedreiros, são os fieis depositarios dessas Luzes? Antes que elles nos regalassem com o espectaculo de suas proezas, e loucuras, já o Irmão *Ducos* á face da Convenção Gallicana me tinha revelado este segredo das *Luzes.* » Eu pergunto (dizia em huma Sessão memoravel, onde o Irmão Jacob Dupont, farto de *Luzes* até aos olhos exclamou. *Eu confesso de boa fé á Convenção, que não creio que ha Deos*!!) eu pergunto que *genio* poderoso tem *parsemado* (perdão destes gallicismos, que forão das Constituintes, e por isso

tem *cunho Lucido.*) tem *parsemado* de maravilhas (*por exemplo as da guilhotina*) estes quatro annos, que tem corrido, quem proclamou a Soberania dos póvos, dissipou o fantasma da nobreza, aniquilou o papismo, e a realeza? A Europa inteira (*e quem desfará na palavra honrada de tão grande Senhora*) responde — *Forão as Luzes.* „ Eu pergunto porque meios se conservará, se aformozeará, e se estenderá esta sublime obra da razão humana? Por aquelles mesmos que a produzírão — pelas *Luzes do Seculo.* Pois que! As Claridades da Filosofia não terão luzido hum momento aos nossos olhos, senão para nos tornarmos a sumir nas trévas da barbaridade? Não vos enganeis, que com esta renascerão bem depressa o despotismo (*o throno*) e a superstição (*o altar.*) „

E que taes são as Luzes? Ora digão que não he melhor andarmos ás escuras toda a vida? Meus Portuguezes da minha alma, o tal *povo soberano* he traste bem escusado, e sahe carissimo . . . Que tal he o melro? He filho primogenito das *Luzes do Seculo*, e depois seguem-se os mais filhos = odio á Nobreza, odio aos Reis, odio ao Papa, odio em fim a tudo quanto he instituição religiosa . . . . mas o artigo vai excedendo as marcas . . . e eu cada vez mais empenhado em descrever a ascendencia, e descendencia das Senhoras *Luzes.* Tornarão a sahir muitas vezes, e nomeadamente em o artigo importantissimo = Religião do Estado. =

LISBOA:

NA TYPOGRAFIA MAYGRENSE.

ANNO 1824.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Rua de Santo Antonio dos Capuchos, N.° 87.

O MASTIGOFORO,

PROSPECTO

DE HUM DICCIONARIO

DAS PALAVRAS, E FRAZES MAÇONICAS.

NUM. 3.º

Venenum aspidum sub labiis eorum.

M.

Matrimonio. — Antes da irrupção do Liberalismo, peior mil vezes que o Arianismo, e que o Vandalismo, chamavamos ao Matrimonio sim hum contrato civil dependente das Leis da Sociedade, porém elevado por JESUS CHRISTO á dignidade de Sacramento, e como tal sujeito em muitas cousas á dispensadora dos Sacramentos, que he a Igreja Catholica. Por sermos filhos desta boa Mãi, e discipulos do Evange-

lho, não preferiamos na Lei da Graça o estado matrimonial ao virginal, até para que não ficassemos atrás dos Pagãos, que já nos seus Sacerdotes, já nas suas Vestaes, nem por isso deixárão de render acatamentos, ora á Castidade, ora á propria Virgindade. . . Hoje em dia, conforme o pensar dos Mações, e seus apanigoados, a Igreja não póde nada, tem sido huma usurpadora dos direitos dos Principes, e por consequencia ou errou hum Concilio Geral, ou o que fica mais barato, e he a doutrina presente dos nossos Jansenistas, o Concilio de Trento não foi Concilio geral, e no *estupendo* congresso de alcunha o *Nacional*, houve quem dissesse em ar de estranheza, que por ventura não faltaria entre nós algum censor, que condemnasse os escritos em que se antepozesse o Estado Matrimonial ao Virginal!! Ora pois mal sabem as mulheres o que devem ao Christianismo, que as elevou a huma consideração, que ellas ainda hoje não gozão, nem podem gozar entre os póvos Gentios e Mahometanos, pois esse privilegio de serem escravas na Asia, e Rainhas na Europa, não lhes veio senão da bemfazeja influencia do Christianismo, que na indissolubilidade do matrimonio preparou ao sexo mais fraco huma especie de trincheira para se defender dos caprichos, e violencias do sexo mais forte. O Divorcio he a pedra de toque por onde se conhecem as doutrinas Liberaes; pois não se fazendo o mais leve conceito da Santidade do Matrimonio, porque arte o julgarão indissoluvel? Hum Bispo *Liberal*, que mereceo as *honras apostolicas* de ter influido na morte de Luis 16, depois de exaltar as mulheres na sua obra (Histoire des Seites religieuses T. 1. p. 53 do Discurso preliminar) escrevendo assim » A repugnancia universal, que as mulheres tem á incredulidade, prova que há ligação dos sentimentos religiosos com a sensibilidade do coração » já sem querer as tinha elogiado ainda mais (na sessão de 12 Prairial 1794) pois fallando em que o sexo feminino se occuparia gostosamente nos estudos da *Farmacia indigena* accrescenta » cuja *minoridade* professou huma devoção intrépida á Revolução, mas que considerado collectivamente, por certo que tem de pagar *muitos atrazados* ao patriotismo. » Tambem cá houve seus intentos de que o sexo feminino abraçasse a *Causa*, e dahi veio publicar-se no Diario do Governo, que só as feias erão amigas da *Realeza*, ou *despotismo*, como quem as pertendia levar por este fraco . . . mas tudo foi em vão, e pouco se lhes deo, que as chamassem feias, pois a *maioria* deste sexo reputou sempre mais formosos o *Throno*, e o *Altar*, do que huma Seita inimiga de todo o bem,

e de toda a virtude. O caso he, que se apontão com o dedo as Senhoras Constitucionaes, que forão bem poucas, e ninguem poderá contar as que forão Realistas, porque forão innumeraveis. De huma das principaes de Lisboa (a Excellentissima Marqueza das Minas) sei eu, que fez o mesmo que sahio tão caro aos proprios Embaixadores das Potencias maiores da Europa, deixando de pôr luminarias nos dias Constitucionaes de maior festa, e o que lhe valeo, foi que o *Povo Soberano* de cá, ainda não tinha chegado ao *Povo Soberano* de lá, ou da França, onde os proprios actos de beneficencia, e caridade erão motivos de se cravar hum chusso, e hum punhal, e ainda com mais vontade no coração de hum bemfeitor!! Entendão pois todas as Portuguezas, que ainda sem o erro maçonico de que todas as *mulheres são communs*, que ha meio seculo se lhes imputa, já se dispunhão as cousas para que o divorcio condemnado fortemente no Evangelho fosse hum dos principaes artigos da nova Legislação *Maçonico-Portugueza*, assim como o foi da Revolucionario-Napoleonica. Hum dos Corifêos, depois que traduzio o Codigo Napoleão, nunca mais lhe perdeo o amor, e tinha razão, porque isto de vir homem de cá dos Pyrinéos, recommendado, e incensado no Monitor, sempre he grande cousa!!

Medico. — Era algum dia hum homem sabedor da arte de curar as nossas doenças (fysicas) arte que ha gozado em todos os Seculos de maior estima, e consideração, sem que eu me veja obrigado a cavar nos poemas de Homero a existencia de Reis, Principes, e Generaes Medicos, nem a pôr em contribuição a Historia geral da meia idade, e a especial deste Reino, que nos offerece muitos respeitaveis Ecclesiasticos, exercendo á profissão de Medicos, a qual não obstou a que hum delles (Pedro Julião, natural de Lisboa) se sentasse na Cadeira de São Pedro; tenho que he de sobejo para mim, e para os meus Leitores a palavra de Deos, *Honra o Medico por amor da saude.* Se a palavra tem agora outro significado, e mais parece exprimir hum Materialista, hum Athêo, e hum *regenerador á moderna*, do que hum cultor da arte que ennobreceo, e immortalizou os Hypocrates, e os Galenos, queixem-se os Medicos honrados e Christãos (que os temos, e com esses não fallo eu) queixem-se da infernal Maçonaria, que lhes tem posto o crédito pelas ruas da amargura. He bem conhecido o motivo porque os discipulos de Hypocrates são os validos da *pedreirada.* Não admitte esta senão corpos, e mais corpos, nega a pés juntos a espiritualidade, e a immortalida-

de da alma, e por isso ella sympathiza com os Medicos, e que lhe não tem faltado seguidores desta Profissão, vem declarado em obra Portugueza, impressa em Londres ha poucos annos (em 1810) e as folhas Periodicas do tempo ainda resoão com as prendas, e habilidades de hum Medico dos mais benemeritos, que assistírão ás *Juntas de Maio* de 1823 no Salão das Necessidades, de que se seguio, como era natural, morrer-lhe nas mãos a *enferma e já agonizante* Constituição Portugueza de 1822!! Ora que os Pedreiros tem suas razões de pôr grandes esperanças no auxilio dos Medicos, se prova de huma *authoridade Classica*, de que vou lançar mão para se conhecer, que eu sou apenas hum desalinhado Relator desta causa, e nada mais. Não he qualquer homem o que vem explicar as *nobres funções* da Medecina em o Seculo 18, he hum homem de se lhe abaixar a cabeça, e homem conhecido como *gato ruivo* em Portugal, e seus Dominios. He o *grão Chaptal*, que no seu Discurso recitado *no primeiro do Brumario anno quinto* (22 de Outubro de 1796) depois de ter afirmado, que a anatomia, e a fysiologia devem ser a base da educação do homem, que se fôra esta a *marcha* da educação nos Seculos, que nos precedêrão, nunca teriamos visto *essas imaginações desregradas* crearem *mundos imaginarios, e a substituirem fantasmas ás realidades*, e nem teriamos que gemer ao presente sobre os males, que a *superstição* causou á especie humana, e que os homens opprimidos por vinte Seculos de *fanatismo* terião já rematado a cúpola do edificio das Sciencias, se o *estudo experimental* do homem houvera tomado o lugar do seu *estudo metafysico*, desanda estas frases memoraveis.

» Similhança da nossa construcção fysica com o maior numero dos entes da natureza, designa assás o nosso posto, e nos ensina, o que devemos pensar dessas prerogativas (*espiritualidade, e immortalidade*) que o delirio de hum orgulho estupido concedeo á especie humana. . . . Nunca se vio que os Medicos apoiassem nos seus escritos as maximas dessas imaginações, ao mesmo passo delirantes, e tyrannicas. Tem tido a Sabedoria de se calarem, ou a coragem de descobrirem verdades, que fazendo conhecer o homem ao proprio homem o desligavão do terrorismo dos Padres. Tem-se pois feito aos Medicos em todo o tempo huma censura, que lhes dá honra. »

Ora esta censura he hum páo por hum olho, he a do *atheismo*, e do *materialismo*, que lhes faça muito bom proveito!! Lá se avenhão com o seu amigo Chaptal, e se fizerem

todo o possivel para desmentirem este *aleive*, e tanto caso fizerem da saude do pobre como da saude do rico, e deixarem por huma vez esse maldito furor de experiencias, *in anima vili*, como já se expressavão os seus Collegas do Seculo 16, isto he, no corpo de hum Frade, ou de hum Clerigo, pessoas, que não fazem falta; e se demais a mais perderem aquella mania de *Legisladores*, e não apparecerem derramados pelo globo a fazerem *esboços de Constituições*, e planos de melhorar a sorte dos *paizes invadidos*, por meio de *tijéllas de barro*, e *cadeiras de páo*, tenhão por certo que hão de merecer a estima e confiança dos seus concidadãos, e fartarem-se de dinheiro, o que não he tão pouco nestas idades, em que Justiniano já perdeo o gostinho ás honras *sêcas*, e tambem folga de fazer de quando em quando o papel de *Cresso*. Sabem elles perfeitamente que eu não quero injuria-los, o que he tão certo, que eu nunca me envergonharei de confessar, que devo este pouco ou nada que sou, a hum Medico, que dirigio a minha educação Religiosa, e Literaria. (José da Costa Cerqueira, Medico do Mosteiro de Alcobaça) Deixo no tinteiro alguns *contos*, que não são os das mil e huma noutes, nem devião ser esquecidos; mas prevalecendo em mim o desejo de que elles apaguem o *ferrete maçonico*, lemito-me a pedir aos Ceos, que livrem este Reino da praga dos *Medicos Pedreiros*, que sem honra, sem probidade, e *sem Deos*, só com as idéas de que tudo nos homens he corpo, que hão de fazer?

Melhoramentos. — Deo o peior de todos os Seculos na fina de querer, e gritar, que o tenhão pelo mais avisado, e melhor de todos, e parece-se muito nesta parte com esses residentes fixos na caza dos orates, que embirrão em dizer e pensar, que são Reis e Principes, quando effectivamente são huns miseraveis, que só tem direito á compaixão, e ao zorraguo quando se excedem. O Seculo mais doente feito o Seculo das melhoras, o Seculo das reformas!! Que pasmo! Faz com tudo o nosso Seculo huma differença mui essencial dos que padecem desmancho na cabeça, pois estes se os tem, separados, e em recato não fazem mal a ninguem, mas succede outra cousa nas *melhoras do Seculo*, que por exemplo armando-se com o ferro da guilhotina, e ensopando-o no sangue de 600$ cabeças, diz que vem felicitar, e melhorar o genero humano!! Este he essencialmente imperfeito, e por mais que se atormentem os Sabios, entortou-se em vida do primeiro homem, e torto ha de acabar, e quando se tratasse de lhe fazer aquelles melhoramentos compativeis com o seu estado natural de imper-

feição, nem por isso havião de ser os Pedreiros quem lhos fizesse com os seus *martelos*, *saxinhos*, *e canudos de lata*!! „ O melhor, dizião os nossos velhos, he sempre inimigo do bem, quem está soffrivelmente não corra atrás de melhoras, que vai errado;„ por isso os nossos velhos passárão huma vida santa, e regalada. Os tolinhos dos *novos*, querendo saber mais, pervertêrão, e arruinárão tudo. . . . Presenceámos quaes forão as benções da *Sabedoria do Seculo*. Cidadãos armados huns contra os outros, Commercio perdido, o Brazil separado, inquietações, e disgostos, que excedem todo o numero, e todo o cálculo!!! Esteja melhor quem o quizer e desejar; o Mastigoforo não aspira senão a estar bem, e não o póde estar, em quanto houver Pedreiros neste Reino.

Merecimento. — He a estrada unica para lugares, e empregos públicos na frase dos Maçôes, dista porém o mesmo, que vai do Ceo á terra, a sua prática da sua theoria, e bem se mostra, que só entendem por merecimento o ingresso na Maçonaria, ou a protecção de algum dos illustres Dignatarios da Seita. Vi propôr a Sua Magestade, segundo a tarifa, e a letra de huma Lei que não fòra derogada, o meu tão estimavel como erudito Collega, Professor da 2.ª Cadeira de Grego (José Vicente Gomes de Moura) para Deputado da Junta da Directoria Geral dos Estudos. . . . Serviço aturado, e muitas vezes ao mesmo tempo em diversos ramos de humanidades, escritos impressos, que já nesse tempo o qualificavão de ser hum dos nossos melhores humanistas; que mais era necessario para que o despacho recahisse em pessoa de conhecido merecimento! Não Senhor. José Vicente Gomes de Moura não he afilhado dos Regeneradores, não fez Odes ao Senhor Sepulveda, e por isso não se lhe confere o emprego, calca-se aos pés toda a justiça, e dá-se mais este disgosto ao Bispo defunto de Coimbra, cujo maior defeito foi não conhecer mais cedo aquellas viboras, que tinhão de rasgar-lhe as entranhas!!! Ora venha mais outro facto (pois hum Leitor sisudo estranhou-me de que este Diccionario não fosse mais abundante de successos domesticos.) Consta das formaes palavras da creação do Conselho de Estado, feita pelo Congresso, que se exigia para as suas altas funções hum distincto merecimento. Não digo que os eleitos fossem todos indignos, mas afirmo, que forão preteridos homens dignos, apenas lembrados por escarneo, e que sahio eleito hum homem que nunca fallára no Congresso, nem dera o mais leve indicio de entrar no fundo das materias que se discutião. . . . Pois como se fez isto? Brincando. — O tal

Post-opinante erguia-se quando se erguia Manoel Fernandes, em cujos movimentos achava Puffendorfios, Barbeiracs, Grocios, Filangieres, etc., etc. sem ter a necessidade de queimar as pestanas, e ainda lhe querião outro merecimento? Havendo este ficavão nullos todos os mais. Que muito era que acontecesse por este modo, se foi essencial para ser Bispo a *exotica* virtude do apego ao Systema?

Milagre. — E que maior o querem os Pedreiros do que o verem desmantelada a sua obra, que lhes custou bons 60 annos de estudos, vigilias e cuidados? Quando estão senhores do bolo, e o repartem á sua vontade, com o simples = Toma tu que hes Pedreiro = fóra comtigo que o não hes. = Quando mais firmes e inabalaveis se presumem, he que vão com os narizes a terra!!! E não conhecem estes parvos, que Deos assim o quer, e que mal os deixou fazer meia torre de Babel, despedio sobre elles o fogo do Ceo, que os confundio, e dispersou em hum momento! Parece-me que já o disse neste Mastigoforo, ou em outra parte, mas felizmente he este hum dos casos em que não enfada, nem he odiosa a repetição. Quem se põe a meditar seriamente nos diversos meios, que a Seita ha posto por obra, a fim de supplantar, e destruir o Catholicismo, benze-se de horror, e pasma ao ver o inferno, para assim me explicar, transferido lá debaixo cá para cima; porém no meio de tudo isto não poderá negar-se a huma íntima complacencia de observar como Deos assiste á sua Igreja, tendo-a da sua mão, e guiando-a pelo meio de infinitos perigos, e tormentas, sem ella perder hum só grão do seu primitivo esplendor, e de sua ingenita formosura! A consideração do Maçonismo por vezes, aqui ou além exalçado e triunfante, perturba-me, e enche-me de tristeza, porém ao deitar meus olhos para a Cidade Santa, edificada sobre a montanha, e firme qual rocha no meio de todas as investidas, e assaltos, fico outro homem, e glorio-me de viver em hum Seculo, que me reproduz as excellencias do proprio berço do Christianismo. Além deste, nós, que somos Christãos, admittimos outros muitos, quaes forão os de Nosso Senhor JESUS CHRISTO, e de seus Apostolos, e não podemos negar que Deos os fará quando muito quizer, pois he Senhor absoluto de toda a natureza; e quanto a mim (que sou *crédulo* porque não creio nas asneiras de Rousseau, e nas parvoices e mentiras de Voltaire) ainda que JESUS CHRISTO não deixou á Igreja como poder ordinario o de fazer milagres, estou certo que os tem havido, e que os ha de presente, quaes nem a Fysica, nem

a Quimica, nem toda a Sabença moderna poderão explicar-me. A Pedreirada costuma rir-se dos milagres, sem exceptuar os de Nosso Senhor JESUS CHRISTO, cuja existencia reconhecêrão os proprios gentios, como Celso, Porfyrio, e Juliano, que nunca os tiverão por cousa natural!! Olhai meus Pedreiros, essas forças da natureza, esses *magnetismos*, esses *galvanismos*, tudo são *farelorios*, concedo que pelo uso de máquinas se dê vida a hum morto apparente, *verbi gratia*, a hum afogado, porém o que me falta para ver, he que sahindo o homem da agoa, venha alli em continente hum Avicena, e que só com esta palavra — *Põe-te à andar, e vai para tua caza*, dispense máquinas, remedios, e tudo. Em quanto não fizerem isto (que de certo nunca o hão de fazer) digo, e direi sempre, que conheço o que he necessario para decidir o que está acima de todas as forças da natureza. Assás mostrárão os nossos Pedreirinhos (são deminutivos *in omni sensu*, ou pequenas rãs, que arrebentão por se mostrarem bois) qual era a sua opinião em o tocante a milagres, quando se tratou dos que se fizerão por intercessão de Nossa Senhora da Rocha, e até nisto forão macaquinhos da França, onde o Valentão Condorcet no seu *PLANO de educação, ou estragação* dos costumes, propoz a doutrina pedreira sobre milagres, que he do theor seguinte. » Noções elementares de Fysica são necessarias, ainda que não fosse para outra cousa senão para resguardar de feiticeiros, e fabricadores, ou *narradores* de milagres. Eu até quizera que os mestres fizessem de tempos a tempos alguns destes milagres nas lições semanaes e públicas. . . . Este meio de destruir a superstição he hum dos mais simples, e dos mais efficazes. Não se extraviará pois em nome de hum poder caprichoso o homem, huma vez convencido de que toda a natureza está sujeita a leis geraes, e necessarias. » (pag. 12.)

Aqui temos sem mais cerimonia, de hum lado os Mestres de Fysica, authorizados para fazerem de quando em quando o seu *milagrinho*, e por outro lado o proprio CREADOR, e Senhor do Mundo prohibido de fazer milagres, pois tudo he necessario!!! Tambem o foi que o author destas descrições fosse carrasco de si mesmo, que de certo não appareceria outro, nem melhor, nem mais azado para o intento!! E ainda não se desenganão estas cabeças ôcas, de que já lá vai o tempo em que forão moda esses desconchavos!!

Moderado. — Boa palavra he esta quando sahir dos labios não pedreiros, visto que não ha nada mais perigoso que

os extremos, seja no que fôr; pois nem Deos, que he Deos, authoriza e quer hum suicidio feito por espirito de penitencia, (1) porém o *moderado* ao sahir dos labios *de pedra* contrahe fezes terriveis, que he necessario limpar a fim de que se restituão as palavras ao seu verdádeiro sentido. A moderação dos Pedreiros bem se mostrou nos arbitrarios, e violentissimos procedimentos com os denominados Conspiradores da Rua Formosa, bem se mostrou na iniqua deportação do Dom Prior Mór da Ordem de Christo, porque estava *depennando* o Medrões; e do probo, e honrado, e leal Redactor da Gazeta Universal, porque dizia a verdade; bem se mostrou no sem numero de desterrados a que se assinavão os lugares *amenos*, e *sadios*, das Berlengas, e de Sagres, sendo removidos para aquella inhospita e medonha situação, hum Prior de Santa Maria de Cintra por ter visitado a Rainha Nossa Senhora, em o seu desterro, e hum Capellão do Excellentissimo Conde da Feira (*in odium auctoris*) por ter dito a huma pessoa, que não era fiel huma Copia da primeira Proclamação do Conde de Amarante, que gyrava em Lisboa; e sendo removidos para esta de Sagres varios Conegos da Sé de Bragança, arrastados de pólo a pélo a fim de passarem por mais incommodos!! A moderação torno a repetir bem se mostrou quando arrancavão o Arcebispo Primáz do Leito onde jazia enfermo, tendo ha pouco recebido o Santissimo por viatico, quando assim mesmo o empurravão para fóra de sua Diocese intimando em Braga PENA DE MORTE a quem sahisse á janella para o ver, quando o levavão para o desterro!!!

Tudo isto *e o mais dos Autos* foi moderação, porque se fazia debaixo do nome, e privilegio da Constituição, que bem traduzida, quer dizer *vontade das Lojas*. Mudão as cousas e restabelece-se o throno de ElRei Nosso Senhor, e ei-los ahi todos a gritar *moderação* moderação, que no seu Diccionario quer dizer impunidade, quer dizer, que os tenhamos folgados para hirem cuidando em outra, e se algum zeloso do bem público e do particular, ergue a voz a propor a necessidade do castigo... ouve-se immediatamente o juizo de pessoas, que affec-

(1) Muita cautella he necessario ter com estes Pedreiros! Suicidio lá no seu Diccionario a barca os jesuns, as abstinencias disciplinas, e todas as mais penitencias, ou recomendadas, ou authorisadas pela Igreja!

O

tão de o possuir.. *Que se lhe ha de fazer? He hum exaltado!!* Por estas, e outras he que os Ministros descuidados das suas obrigações, que em lhes apparecendo algum *cetaceo ou baleote*, desvião com todo o geito a rede da justiça, para que os não apanhe, levão mil applausos, de que fica gemendo a pobre sociedade.... *estes sim, estes he que são moderados não querem deitar a gente a perder, são bons! São huns Anjos!!!* Sentido pois com esta moderação dos Pedreiros, que he mais hum ardil, com que tratão de adormecer a justiça para hirem dispondo lenta, e methodicamente as suas *vesperas Sicilianas* ou a matança geral dos corcundas, intento este, que não admitte a menor dúvida, principalmente depois que em varias partes deste reino tem apparecido listas de Corcundas sentenceados á morte!!! Que seria delles se aprendessemos nas suas aulas (do que Deos nos livre) a sua decantada *moderação*!

Moral pública. — Sim Senhor, queremos, desejamos e interessamos todos em que exista, prospere, e se conserve a *Moral pública*, que sem ella não se póde viver neste mundo, porém *Moral pública* em sentido pedreiro, não a queremos nem pintada em huma parede, visto que he simplesmente huma casquinha de probidade, huma simples convenção despida inteiramente não só das primitivas noções do justo e do honesto, mas o que he peior, de todas as idéas religiosas!! Moral pública era huma cousa que os Mações dizião querer neste reino, ao mesmo passo, que destruião, por todos os modos e artes, o fundamento da verdadeira moral. Pergunta-se a estes sabichões do nosso tempo, que demonio de moral pública he essa, que póde existir e compadecer-se com a maior devassidão de costumes, que tal he a que elles aconselhavão, prégavão e requerião aos seus adeptos? Responde-me hum por todos « A moral pública não he se não a moral individual applicada ás nações, ou se attendão os deveres do Cidadão para com o estado, ou os deveres do Estado para com o Cidadão ou os direitos deste ultimo, que a authoridade pública deve *garantir.* (1) —

Bem se vê que esta definição assim como todas as mais deste cunho, dá materia a novas explicações, ou novas definições. Nota-se porém e mui reflectidamente, o que se cuida

---

[1] Discours du Citoyen Lenoire Laroche, Professeur de legislation.

sempre em desviar a Santa Moral do Evangelho, para que não seja o fundamento nem da Moral individual, nem da *Moral pública*, assim como tratando-se de moral em Commum, fazem as maiores diligencias por arredar, e para bem longe, tudo quanto cheirar ao Christianismo? Querem ainda os meus leitores saber, o que he a Moral individual Mãi desta Moral pública de que nós tratamos? Ahi vai satisfaze-los o Cidadão Fourcroy no seu *Projecto sobre a educação pública* « o bom e inteiro emprego do tempo, e mais que tudo os bons exemplos; costumes puros, e *doces* nos Superiores; eis-aqui o verdadeiro curso de moral que he necessario fazer seguir á mocidade. »

Quando se faz este conceito da Moral pública, e privada nomeão-se na creação do Instituto Nacional para socios na repartição da Moral, hum Gregoire, [1] o Pai dos Theofilantropicos [Reveillere Lepaux] e o desamarrado Atheo Naigeon, que mal podião deixar de ser bons Mestres do que se lhe encomendava!!! Ora ainda me resta hum *escrupulosito* de que me argüão de ter confundido a moral privada com a *Moral pública*. Vejamos se por acaso as sei distinguir. A lição mestra, que as extinctas Cortes derão aos póvos para que não estivessem pelas obrigações, que contrahírão os seus maiores, e que se fundavão rigorosamente no direito de propriedade.... eis-aqui hum facto que depõem da moral privada dos taes Senhores, e que deo á luz immediatamente a moral dos Filibusteiros, e dos Cartouches, ou para me não tirar de nossa caza, a moral *do chusso*, e a solemne, e pública do Pinhal da Azambuja! A venda que fizerão os nossos *regeneradores* deste nosso Portugal, aos Maçães Castelhanos, eis-aqui hum facto palmar, e decisivo da bem fazeja influencia da *Moral pública* nesses Corações *de pedra*! Agora parece-me, que dei no vinte.

Morgados. — Que gravissimo sujeito de *vivas*, *animadas e filantropicas* declamações dos Pedreiros! Anda tudo em huma poeira!!!! Deshumanos barbaros Pais, que tratando como estranhos, e como escravos os mal aventurados filhos se-

---

[1] Sendo Ecclesiastico e Bispo [intruso] pedio em Assembléa plena a inteira Liberdade de opiniões religiosas! [Monitor de 23 e 24 de Dezembro de 1794] Tambem cá temos destes Gregorianos!

gundos sacrificão ao idolo da primogenitura, a hum delirio, a huma estupida fantasia os verdadeiros interesses da sua mal fadada prole!! Filhos do mesmo pai revestidos pela natureza, de iguaes direitos, serem huns tudo, e outros nada!! He abuso intoleravel, que não se compadece nem com o direito natural, nem com as Luzes do seculo!! « Ora isto não he nem o dizimo da arenga que fazem os impugnadores dos Morgados, porém aos taes zelosos do bem das familias se póde applicar o dito = *Não vai por ahi o gato ás filhoses* = Ensinou-os o Irmão Montesquieu *que onde não houver nobreza, não ha monarchia*, veio depois o veneravel Rousseau encarecer aquelles principios de igualdade natural, e por isso não tenhão lá para si alguns basbaques de filhos segundos que a Maçonaria tomava a peito os seus interesses, e os de suas familias. Todo o seu intento era dividir os bens, fazer partilhas, que empobrecessem as cazas; e cazas pobres estão necessariamente abatidas, logo como podem ser esteios da monarquia!. Ora aqui está a verdadeira explicação do odio, que os Pedreiros tem aos morgados; tudo o mais he andar ás cégas, e mais minuto menos minuto, quebrar a cabeça. Não estou agora para levar a questão mais ao vivo, nem para allegar a estima, e consideração em que se teve sempre o direito da primogenitura em differentes póvos antigos, e nomeadamente em o povo de Deos; chamão-me para outra parte sujeitos de mais alta monta; só por fim deste artigo eu me devo comprazer de que bem longe de ter asco, ou inveja ás distinções honorificas da nobreza hereditaria, eu as apprecio sobre maneira, e me glorio de hombrear nesta questão, ao menos em o desinteresse, com hum dos mais illustres deffensores desta causa, que exordiou assim perante a Assembléa nacional da França »

Eu sou filho de hum Sapateiro, e venho defender a causa dos nobres!

N.

Nação. — Está definida e exactamente pelo Corso Bonaparte, que alguma cousa havia de dizer, que tivesse geito *Quando a Canalha ficou de cima, chama-se nação*, e he o que se vio neste reino, como se prova do seguinte:

Nação (vontade da) He a escóra do Maçonismo para capear as suas rebelliões. Hum só individuo chama-se vontade do Clero, outro chama-se vontade da Nobreza, outro vontade da Magistratura, outro vontade do Exercito, e com estas *vontadinhas* bem sommadas, que apenas constituem huma pe-

quenissima fracção da vontade geral, ahi os temos a darem as cartas, e a definirem com toda a impavidez, que Rebellião he a obediencia ao Governo Legitimo, que nos deixará ElRei Nosso Senhor!! Quando foi ouvida a Magistratura para escolher o *grão* Thomaz, a Igreja Lusitana para ser representada pelo Deão Brederode? Onde estava pois nesses dias de mais vulto para a creação do Systema aquella vontade que se dizia o fundamento de quanto se decidisse e Legislasse? Existia na cabeça de Fernandes Thomaz, e Companhia, e he quanto basta segundo a jurisprudencia allumiada das rutilantes Luzes do Seculo, para se dar como existente *a parte Rei* a vontade Nacional!! Na scena penultima do ultimo acto da Tragicomedia intitulada = As Cortes extraordinarias de 1823 = quando o *immortal*, o *augusto*, o *Soberano* Congresso já entrava em agonias da morte, rompeo hum dos mais *illustres* preopinantes em huma distinção Peripatetica de vontades nacionaes, que deve ficar em Lembrança para escarmento dos presentes, e ensino dos futuros. « O Genero humano, Senhor Presidente, governa-se ha muitos seculos por duas qualidades de direitos; hum illegitimo, que he a força; outro legitimo que he *a vontade geral ou expressa ou tacita* » Por esta vontade geral estavamos nós aqui &c. (Diario de 2 de Junho de 1823) Distinguio pois, e maravilhosamente, o que era tacito ou calado das trévas, em que se urdíra a Conspiração, que rebentou a 24 de Agosto, do que era expresso e notorio, e se por ventura não se pozesse a salvo nessa taboinha furada, e podre da *vontade tacita* não sei como seria possivel conciliar com a vontade Nacional, o que se passava a essa mesma hora no districto de Villa Franca, onde ninguem havia de dizer, senão que a vontade nacional era que logo, logo se desfizesse a caranguejola das Cortes, para que nunca mais apparecessem vestigios de similhante diabrura.

Natureza. — Houve tempo, e não vai mui longe de nós, em que esta palavra foi innocente como significativa da força das causas segundas, que lhes era communicada pelo seu Author, e fallava-se sem receio nas obras da natureza como excellentes, e admiraveis; hoje a natureza he mais hum capote em que se embrulha o Atheismo; a natureza faz tudo, porque chega a fazer os homens bons ou máos, visto que hoje em dia os temperamentos, e os climas resolvem os mais difficeis problemas sobre o fisico, e moral do homem!! Natureza he hoje o movel supremo dos astros, dos elementos, dos mares, e dos animaes. O nome de Deos vem como por cerimonia, e appa-

rato na frente de alguns livros Filosoficos para nunca mais apparecer, e huns que lhe furtão o corpo, ou a lingua quanto podem são os Mações, que não ha pilhar-lhes outro nome, que não seja o de *Natureza* que muito lhes agrada, e quando se vem apertados recorrem ao Supremo Arquiteto, ou ao Ente Supremo, que são estes huns novos disfarces para enganarem os simples e os ignorantes, como ainda veremos debaixo da primeira destas palavras, e já o deixámos apontado na segunda.

O.

Opinião pública. — Muito bem apparecida seja esta Soberana do mundo, que assim lhe chamão os Pedreiros, os quaes todavia não podem ignorar, que se esta Magestade he muitas vezes respeitavel, nem por isso deixará de ser outras tantas desprezivel. Não me venhão por ahi á mão com esta Soberana *incorruptivel inexoravel*, e *inflexivel*, que lhe deito á cara o doutor Montesquieu, não se pejando de asseverar que o público de Roma gostava das proprias tontices e furores dos Neros, e dos Commodos, e que não lhes faltando o pão, e os Circenses, tudo hia conforme a opinião pública! Coitadinha desta pobre, que muito falso testemunho ha levado depois que o mundo he mundo!! Seria mais facil contar as areias do mar, que a infinidade de aleives impingidos a esta Soberana!! Eu prescindirei agora dos testemunhos velhos, heide insistir em os mais novos, e mais fresquinhos, que a dizermos a verdade, são os mais bonitos e merecedores da acceitação geral, e o mais he que estes hão de *marchar* ao *nivel da opinião pública*. Ainda não ha muitos dias, que passei pelos olhos a producção de O'Meara sobre o homem grande, o *homem montanha* que deo a ossada na Ilha de Santa Hellena para confusão dos soberbos e dos Pedreiros seus alliados, vulgo Bonaparte; não me interessou muito o relatorio das *gengives inchadas*, nem das perrices de hum homem, que ainda esperava as honras de Imperador, quando em todo o caso era o Governador Hudson Lowe hum instrumento da Providencia, que ainda neste mundo vingava por mãos de hum Inglez os horrores praticados com outro Inglez (o Capitão Wrighth) porém o que me pareceo mais curioso e engraçado foi o socego e paz de consciencia, que elle affectava mostrar, e o seu estribilho ordinario era sempre este = Segui a opinião pública!! = e sem mais *tirte nem guarte* aqui temos a opinião pública bafejando o desastroso fim de Pichegru, acalantando a invasão

de Portugal, e favoneando o maior de todos os crimes desse malvado, qual foi o espingardeamento de hum Principe da caza de Borbon, e de hum descendente do Heróe Condé!!. Outros que taes forão os nossos Pedreiros, que derão *na fina* de chamarem opinião pública de todo o aresto, que dimanava das suas Lojas. — Debaixo deste principio foi aresto da opinião pública esse horroroso attentado contra a Soberania legitima, que se perpetrou em 1820, foi opinião pública o desastroso influxo das baionetas, que se ellas não lhe acudissem era impraticavel, que medrasse o tal representativo; foi opinião pública a extinção do Tribunal do Santo Officio, por quem ainda hoje clama, e brada a maioria dos Portuguezes, justamente espavoridos de tanto insulto como se está fazendo á Santa Religião de nossos Pais; foi opinião pública a extinção da Patriarcal, porque os filhos, e irmãos dos *benemeritos* da patria não podião lá metter bico, foi opinião pública a que fez Deputados ás Cortes esses mesmos de que nenhum homem de juizo fiaria os seus negocios, ainda os de menos importancia; foi a opinião pública a que os firmou de tal *guisa* em seus usurpados thronos, que bastou hum *zefiro* para os deitar no chão!! Ah pérfidos! O vosso destino actual offerece-me a mais exacta definição do que eu pertendo aclarar. Guerra ás idéas maçonicas; eis-aqui a verdadeira opinião pública felizmente arraigada de tal maneira, que pelo geito, que as cousas levão, penso que não tardará muito que o nome de Pedreiro Livre substitua as vezes de dous nomes pavorosos, hum para a infancia, outro para a idade adulta. Estão as cousas dispostas para que brevemente quando as mãis queirão metter medo a seus filhos ponhão de parte o já rançoso *papão*, e lhes digão olha que vem ahi hum Pedreiro Livre, e o que he mais notavel, parece-me que em vez desse praguedo abominavel, em que muita gente desafoga a sua ira havemos de ter em campo o — Valha-te a Seita dos Pedreiros Livres, ainda que eu nesta parte não seguirei a *opinião pública* visto parecer-me, que deste modo fica a praga moderna mil vezes mais terrivel do que a antiga *valhão-te cem mil demonios*. E cuidará talvez algum dos meus leitores que me estou divertindo? Não estou não... e os Pedreiros hão de sentir o que vale, e o que póde o irresistivel *Decreto da opinião pública*, lavrado contra elles por todo o Povo Lusitano em Junho de 1823, servindo-lhe de apoio e de *garante* o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel.

Ordem. — Consistio algum dia em huma cousa mui differente do que se aponta nos livros, e discursos da seita, e

nesse artigo não havia a menor discrepancia de votos. = Está na ordem tudo quanto fazem os Pedreiros por mais errado, e criminoso que seja, e por isso quando algum desses poucos mas honrados, e corajosos deputados (*sit venia verbo*; pois nenhum delles o era) apontava alguma cousa util ou á patria, ou ao proprio decóro da Assembléa, e affrontava o poderio da seita, soava logo das *judiciosas*, *discretas*, e *Soberanas Galarias* o rouco e desentoado grito, *á ordem*, *á ordem*, *á ordem*, fervião as pateadas, e affiavão-se os punhaes, de maneira, que não havia remedio para quem não fosse da seita, senão fazer o papel de mudo. Abençoados sejão os que não quizerão pôr lá o seu pé e se desviárão dessa imagem do inferno, onde não ha ordem de qualidade nenhuma.

Ordem Episcopal. — Instituida por Nosso Senhor JESUS CHRISTO he e deve ser o assumpto de maior veneração para os fieis que justamente reverenceião os Bispos como seus Mestres, e seus Pastores. Entre tanto lá para essas zumbaias de igualdade com o Summo Pontifice, não estou eu, e quando vejo que os conselhos dados por meu Pai S. Bernardo ao Summo Pontifice Eugenio 3.º, que fora seu discipulo « *Não te julgues Senhor dos Bispos*, *mas hum de entre elles* » se transformão em prova certa de igualdade, e como tal se impinge nas Dedicatorias aos Bispos deste reino, ponho-me a rir dos mestrinhos e dos estudantinhos! subindo mais alto quando eu vejo que D. Fr. João Soares, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, D. Fr. Balthasar Limpo, D. Fr. Antonio Pinheiro, e outros Bispos mui respeitaveis por letras, e virtudes (melhores que todas as letras, porque Satanáz possue estas e não póde ter aquellas) se denominavão Bispos por graça de Deos, e da Santa Sé Apostolica, do que alguns de presente se começão a envergonhar, mudando para o *por graça de Deos e confirmação da Sé Apostolica* não sei que me lembra.... Oxalá que os Senhores Bispos deste reino professem á dignidade principal da Igreja de Deos os mesmos sentimentos de veneração e respeito, com que eu lhes considero impresso o augusto Caracter de successores dos Apostolos de Nosso Senhor JESUS CHRISTO! Este Senhor lhes pedirá contas do que tiverem commettido, e ommittido.... e assás feridas recebeu ha pouco a Igreja Lusitana para que o Mastigoforo tome á sua conta o proceder dos Bispos no tempo Constitucional. Queira o Ceo allivia-los a todos dessas contemporizações, com as quaes já por vezes rompeu o Eminentissimo Cardeal Patriarca, que assás lhes mostrou, e mostra o verdadeiro caminho, que todos

elles devem seguir. Bemdito seja Deos, que ainda nos favoreceo com hum exemplo de constancia apostolica neste mundo velho, quando se tratava do juramento das bases; e com outro lá no mundo novo. He este menos conhecido, e por isso convem expô-lo mais largamente para consolação dos bons Portuguezes. Quando a Provincia do Maranhão jurou obediencia ao *Imperador do Brazil*, não houve discrepancia notavel, senão a do Bispo daquella Diocese, o Excellentissimo D. Fr. Joaquim de Nazareth, agora eleito de Coimbra. Protestou elle, que não sabia dar hum juramento contrario ao que já prestára de obediencia ao legitimo Soberano de todas aquellas Provincias ultramarinas, o mui Alto e Poderoso Senhor D. João 6.°, e que não mancharia os seus labios com hum perjurio. Expôz-se á morte, e quando principiavão os clamores contra o Bispo, e a sua demora em taes sitios agitados do espirito anarquico, e revolucionario, só acarretaria comsigo o sacrificio inutil de sua vida, então, e só então deliberou fugir para este Reino, onde o esperavão as devidas recompensas a hum tão sublimado heroismo. Venhão agora que já hião tardando as noções, e idéas Maçonicas sobre esta ordem essencial ao Christianismo. Elles são injustos, são falsarios, são tudo quanto he máo, e o certo he que contão com a fraqueza deste baluarte, a ponto de chegar a dizer o Patrão-Mór (Voltaire), que extinctos os Frades, e os Cabidos, e assalariado, ou envilicido o Clero, e ficando sós os Bispos, não haveria que temer para os Filosofos!!! Ainda que não fosse por outra cousa senão por esta desaforada impostura, devem elles caprichar agora mais que nunca de seguirem o seu principal destino, e de se fazerem literalmente Columnas da Fé . . . e caso tornem a haver outras *Sessões Agostinhas*, que são as peiores neste reino, fiquem certos de que a Monarquia tem hum direito inalienavel de ser mantida á custa dos seus maiores esforços, e sacrificios. Haja vista aos seus Collegas de França, que contárão entre as virtudes Christãs a obediencia pura e illibada ao Rei Christianismo, e nunca se lhes pôde tirar da bôca o juramento de odio á Realeza. O certo he, que não parece bem, que o Mastigoforo esteja dando conselhos a pessoas de tão alta jerarquia, e por isso vejamos o que fez hum Bispo de Tregnier, quando apontou a tremenda Revolução Franceza.

Fragmentos da Pastoral do Bispo de Tregnier.

» Quando o primeiro, e mais esclarecido throno do Universo, está commovido até aos seus alicerses, quando os movimentos convulsivos da Capital se fazem sentir nas provincias mais remotas do Imperio Francez, será permittido a hum Bispo o guardar silencio? . . . Houve hum tempo em que o amor dos Francezes aos seus Reis não conhecia lemites; bem longe de procurarem discutir, ou contestar, ou ainda menos lemitar os direitos, e prerogativas da Coroa, nossos pais folgavão de multiplicar os testemunhos de seu zelo, de sua obediencia, e de sua devoção ao Monarca. Ah! meus carissimos irmãos, quão differente he agora do que já foi, essa Monarquia Franceza! Os Principes de sangue Real, fugitivos em as nações estrangeiras, a disciplina militar enervada, o Cidadão armado contra o Cidadão, hum systema de independencia, e de insurreição apresentado com arte, recebido com enthusiasmo, sustido pela violencia; todos os mananciaes do crédito nacional interceptados, ou sêccos, o Commercio definhando-se, as Leis sem força, e sem vigor, seus depositarios dispersados, ou reduzidos a silencio, o nervo da authoridade em poder da multidão; todas as classes de Cidadãos confundidas, a vingança sequiosa de sangue, aguçando os seus punhaes, designando as suas victimas, praticando os seus furores homicidas; taes forão os triunfos monstruosos desses homens perversos, que abusando dos talentos, que lhes dera a natureza para melhor uso, soprárão na França o espirito da independencia, e da anarquia. Praza aos Ceos, que essas producções infernaes, e que os planos de *regeneração* que ahi se contem, sejão sumidos em o nada, donde nunca deverião ter sahido.

Conservemos as nossas Leis antigas; são ellas a salva-guarda de nossas propriedades, de nossas pessoas, e de nossa gloria. O vicio do Governo Francez não está nas Leis que são boas, está nos costumes públicos, que são depravados. Conservemos as nossas Leis, e reformemos os nossos costumes. Nada ha mais perigoso que insultar as Leis antigas, referi-las á *simplicidade gotica* dos nossos antepassados, como *principios rançosos e barbaros*, e despreza-las como frutos de ignorancia, e de oppressão. (1)

---

(1) Ah Portugal Portugal, isto he comtigo! *Mutato nomine de te fabula narratur.*

Que felices tempos erão aquelles que precedêrão a actual anarquia, tempos em que os nossos dias corrião desassombrados de sustos, em que as nossas humildes queixas encontravão hum facil accésso ao coração de nossos Reis, em que os ricos gozavão sem temor, da sua opulencia, e das suas heranças; em que o plebêo contente de sua sorte vivia satisfeito com o seu estado! Estes dias serenos já lá vão, e desapparecêrão como hum sonho. A Igreja cahe no aviltamento, e na escravidão; seus Ministros são ameaçados de condição de homens assalariados. . . .

Pelo mais deploravel abuso da Liberdade, precioso mimo da natureza, querem que cada hum possa pensar, e escrever segundo lhe agradar; que todos os cultos sejão indistintamente permittidos; que o discipulo obstinado de Moysés, que o fanatico seguidor de Mafoma, que o adorador insensato dos idolos mais despreziveis, que o artificioso Sociniano, que o cégo e voluptuoso Atheo, que as Seitas as mais contrarias, e as mais absurdas, repousem de mistura com o Christão Catholico, debaixo das azas, e protecção do Governo Francez! . . .

Não he pois já tempo que o povo Francez acorde, e que do íntimo dos nossos corações se levante hum grito geral para reclamar as nossas antigas Leis, e o restabelecimento da ordem pública?

Dizei aos Póvos (continúa o Prelado, derigindo-se aos Parocos) que se enganão a si proprios, quando se lisongeão de huma deminuição de tributos, em tempos desastrosos, quando o Estado exige os maiores sacrificios. Dizei-lhe que os enganão quando lhes pintão os Chefes do Clero como sujeitos devorados de ambição, vendidos á intriga, e dados aos excéssos de hum luxo escandaloso. Dizei-lhes que a authoridade, ainda que seja legitima não póde exigir respeito, senão em quanto ella respeita as Leis recebidas; que fazer matar os cidadãos ainda que sejão criminosos, sem ouvir a sua defeza, roubar ás Corporações, e aos particulares a existencia, e os bens de que elles sempre gozárão, debaixo da protecção do governo, confundir os contratos que reunírão á Coroa as mais ricas, e as mais consideraveis provincias do Reino, he hum Systema de oppressão e tyrannia, que espedaça todos os vinculos do pacto Social. Dizei-lhes, que os enganão com esses infames libéllos, que a filosofia empestou com seus venenos, e paradoxos, quando lhes representão os membros das duas primeiras ordens da Monarquia, como aristocratas odiosos, cons-

pirados contra o povo, e não procurando senão esmaga-lo debaixo do jugo da tyrannia, e do despotismo, etc. » [1]

Quem fallou tão denodada, e apostolicamente não podia agradar aos ímpios, que o taxárão de fanatico, e sedicioso. Compareceo diante dos Tribunaes, oppoz-se á declaração de que os bens de Igreja erão nacionaes, e só em ultima extremidade he que se retirou de França para levar á Gram Bretanha o formoso espectaculo de suas virtudes. . . . Ah Bispo de Tregnier, Bispo de Tregnier!!! [2] Ficarei neste gemido . . . . sem accrescentar milhares de reflexões, que me acodem a enxames.

---

[1] Tudo isto consta do Avant Moniteur,París 1805, a pag. CXLIII, e bem lastimado fiquei eu de não poder achar por inteiro este bello monumento de firmeza, e lealdade ao Throno de S. Luis!

[2] Não he fóra de proposito referir aos meus Leitores o que felizmente achei escrito pela dourada penna do Abbade Carron, que tenho citado mil vezes em outra parte [nos Arquivos da Religião Christã] e que segundo se vê do contexto seguinte, assistio ao transito deste virtuoso, e exemplarissimo Bispo.

» Sejais mil vezes bemdito meu Senhor [Penseés Chretiennes, ou Entretiens de l'ame fidelle avec le Seigneur pour touts les jours de l'anneé Tom. 4. da edição de París 1802 pag. 131 e seg.] hoje, sim hoje mesmo eu vi consummar a obra das vossas misericordias. Oh que ternissimos espectaculos! Sahirão elles nunca de minha lembrança? Alli, he hum veneravel Pontifice, a honra do Sacerdocio, e o primeiro de seus illustres collegas, que confessou a fé perante os Tribunaes. Honrado de hum longo desterro, banido de sua patria, modêlo ha dez annos do Clero perseguido e fiel, sinalou cada hum dos seus dias por novos actos de virtude, ainda hontem, já com a ultima respiração nos beiços, e com os olhos amortecidos, voz moribunda, assentado tranquillamente á meza, elle estava, e eu o vi nesse triste momento, occupado todo na salvação da França, e nos meios de haver obreiros fieis para essa *vinha* que elle amava com extremo. A noute passada, em o leito de suas dores, quieto, e socegado contava, com huma terna impaciencia, as horas, que o chegavão ao seu ultimo suspiro. Que horas são, pergunta elle com toda a paz, ao

O.

Ordem de Malta. — Teve a honra de ser das primeiras abocanhadas pelo Maçonismo, já se sabe porque as suas commendas são pingues, e devião repartir-se pelos *benemeritos da patria*, mas donde virá este odio especial dos Maçoões á Ordem de Malta. Vem principalmente de duas causas. 1.ª He huma instituição Religiosa, e de summo interesse para o Christianismo, e ao seu proprio nome de São João de Jerusalem estão unidas as mais ternas, devotas, e edificantes memorias. Já hum seu Grão Mestre foi proclamado solemnemente o Libertador da Christandade, e aos prodigios de valor, que esta mui distincta, e esclarecida Ordem fez em Rhodes, e Malta, aqui rechassando 80$ Turcos, e não cedendo a 70$ tiros de canhão, e alli zombando de hum exercito de 100$ homens, por ventura deve a Europa o não ser conquistada pelos discipulos de Mafoma. 2.ª A Ordem de Malta he huma instituição Monarquica, e note-se que as instituições da Patriarcal, e da Ordem de Malta, são as unicas pertencentes á Classe de Nobreza. Creio que não haverá outro Reino da Europa, em que o merecimento ache as portas mais francas, e desembaraçadas. Tanto he General o filho do Conde, como o filho do Sapateiro, tanto he Bispo o fidalgo, como o plebêo, tanto

---

testemunho, e admirador da sua agonia. He huma hora, lhe respondem. . . . A esta palavra, o anjo visivel pára, seus olhos se fechão, sua cabeça repousa docemente . . . . o anjo não vive já neste mundo, os Ceos o possuem. »

Accrescenta o mesmo author em nota.

» Por estas feições quem deixará de conhecer-te, quem não ha de nomear em continente o virtuoso le Mentier Santo Bispo de Tregnier? Que luto universal foi para nós a tua perda! Que sentida não foi pelas nossas lagrimas, e saudades!! Que consternadora a cerimonia da tua sepultura!! He na terra de teu glorioso desterro, e em lugar retirado e solitario, onde os teus modéstos despojos descanção sem estrondo, sem pompa ao lado das cinzas de meus irmãos; porém tu não morreste todo. . . . Desde o interior do teu Sepulcro, ainda nos prégas todas as virtudes: e a tua memoria nunca se ha de apagar.

he Desembargador do Paço, aquelle que aproveita os serviços de seu pai, e de seus avós, como aquelle, que nascendo em huma condição humilde, principia a carreira da Magistratura por hum Lugar de Juiz de Fóra: que muito he pois, que os homens distintos no serviço do Rei, e da Patria, pelo andar de muitas gerações, contem com alguma cousa de mais para seus filhos, a que não possão chegar os outros despidos de tão relevantes circunstancias? Não he isto mais hum estimulo para que os pais trabalhem, e se esmerem por deixar a seus filhos, não só huma grande fortuna, mas tambem hum grande nome, que os estreme do vulgo dos seus concidadãos?

Porém, Senhor Mastigoforo, a Ordem de Malta não faz nada, he inutil, e come a substancia do Estado, e da Igreja, que melhor se empregaria em outras applicações! Alto lá senhor *apedreirado*, a Ordem de Malta já fez muito, e não seria de admirar, que ella descancasse hum pouco, á sombra de seus immarcessiveis louros. Não me diga que a Ordem não faz nada .... alguma cousa tem feito, e alguma cousa fez, por exemplo hum João Lobo [hoje Visconde da Alhandra, e Governador da Provincia de Tras os Montes] assim na de Abrantes, como no seu leal procedimento em Elvas, onde chamou ao seu partido os Officiaes da guarnição, e os habitantes da Cidade, e creia vossa mercê, que se nesse tempo houvesse pelo nosso exercito huma duzia de Lobos, de Victorias, e de Condes de Amarante, morreria na casca o Systema *depedrativo*. Olhe Senhor, não fazem nada, porque os não deixão, e porque os Mações lhes urdírão a entrega de Malta ao Corso Bonaparte. Se lhes derem Malta, ou qualquer outra estação acomodada aos intentos da Ordem, verá o que elles fazem...... Se vossa mercê me levasse pela mystica, ahi talvez não faltasse que arranhar; pois elles tem voto solemne de castidade, e possuem rendas Ecclesiasticas, que são o patrimonio dos pobres ... mas quem conta só com este mundo como fazem os Pedreiros, mal poderá arguir os Cavalheiros de Malta, com o que pertence á outra vida, e além disto poderão elles valer-se do *quem não tiver peccados, que lhes atire a primeira pedra.*

P.

PAPA. — O Mastigoforo sabendo por mercê de Deos o que se deve tratar serio, e o que póde temperar-se com a *pimenta* das facecias, e com o *vinagre* da Satyra, chegou ao

ponto que mais desejava neste prospecto, em que forcejará por açoutar devéras esse rancho de *pedantes*, que não sabendo nem se quer onde tem a sua mão direita, ousão abocanhar materias, que levão annos de estudo, e que nunca se aprenderão, como importa em dous rabiscos de Eybel, de Gmeiner, ou do insipido Danemair.

He o Papa o Lugar Tenente de Nosso Senhor JESUS CHRISTO, e o seu Vigario na terra. Que mais he necessario para o definirmos de sorte, que elle mereça os rendimentos, e acatamentos do mundo Christão? Mas em fim parece não ser fóra do meu proposito, que devendo eu alargar-me neste objecto de mais alta monta para o bem da Igreja Lusitana, eu destribua, e classifique as idéas de tal maneira, que ao mesmo passo que o povo as entenda, nenhum lugar deixem aos semidoutos para me arguirem, ou de confuso, ou de exagerado. Que he o Papa na Igreja Catholica? Que he o Papa no entender dos Mações? Quaes são as causas principaes da québra da authoridade Pontificia em muitos Reinos, que se dizem Catholicos? Eis a devisão geral do assumpto. Comecemos.

Que he o Papa na Igreja Catholica!
Quid est Papa?

Se o pergunto a São Cypriano, isto he, ao proprio que se costuma allegar como impugnador da authoridade Pontificia, por ter combatido o Papa Santo Estevão [e pôr sinal que a verdade estava na Igreja Romana, e que elle commetteo nesta resistencia, o que longe de ser cousa boa, devia purificar-se, que assim o diz Santo Agostinho, pela fouce do martyrio] elle me responde, que o Papa *he o Bispo elevado no cume da dignidade Apostolica, que elle está sentado na Cadeira, e governa a Igreja Principal, que a sua Cadeira he a origem da dignidade Sacerdotal, o laço da unidade, e o lugar onde reside a Potencia Principal.*

Se faço a mesma pergunta ao Sabio Origenes, elle me responde, que o Successor de São Pedro *he a bôca, e o chefe do Apostolado.* Se faço a mesma pergunta a São João Chrysostomo, sentado na propria Cadeira rival das preeminencias da Cadeira de Roma, elle me responde, que São Pedro foi a *bôca de JESUS CHRISTO*; e longe de contestar este privilegio aos successores do Principe dos Apostolos, foi nos braços de hum Bispo de Roma, ónde elle achou decisão favoravel, e seguro asylo para escapar aos seus perseguidores. Santo Am-

brosio chama-lhe outro *Abraham no seu Patriarcado*. S. Jeronymo, que sabia Grego melhor, que os interpretes modernos, reconhece em S. Pedro *a mesmissima pedra*, *em que JESUS CHRISTO fundou a sua Igreja*, e usa de taes expressões para com o Papa São Damaso, que nessa parte custará a ser excedido pelos mais rigidos Ultramontanos. . . . Dispenso-me de fazer mais perguntas, que de certo as podia fazer aos centos em cada hum dos Seculos, e acharia sempre a mesma resposta, como desejoso que estou de ouvir a de meu grande Pai São Bernardo, a quem o infame, e pernicioso Livro, as *Superstições descobertas*, insultou descaradamente neste artigo. . . *Eia pois dizia o* » Anjo de Claraval ao seu discipulo Eugenio 3.° eia pois examinemos com mais deligencia quem tu hes, e que figura fazes actualmente na Igreja de Deos. Quem hes tu? O grande Sacerdote, o Summo Pontifice. Tu hes *Principe dos Bispos*, tu herdeiro dos Apostolos, Abel na primazia, Noé em o governo, Abraham no Patriarcado, Melchisedech na ordem, Aarão na dignidade, Moysés na authoridade, Samuel na judicatura, Pedro no poder, Christo na unção. Tu hes o proprio a quem forão entregues as chaves, a quem forão commettidas as ovelhas. Tambem ha outros porteiros do Ceo, e pastores de rebanhos, porém tu herdastes ambos estes nomes tanto mais gloriosamente, quanto os possues com mais differença daquelles outros. Tem elles os seus rebanhos determinados, e cada hum tem o seu, porém todos forão commettidos a ti, como hum rebanho a hum só pastor. Nem tu hes Pastor sómente das ovelhas, hes tu só o pastor de todos os pastores. Perguntas-me donde eu provo isto? Da palavra do Senhor. Se me tens amor Pedro, apascenta as minhas ovelhas. Quaes ovelhas? Serão talvez os póvos desta ou daquella cidade, ou região, ou de hum reino determinado. As minhas ovelbas, diz o Senhor? Para quem não será líquido, que não lhe designára ovelhas em particular, mas que lhas entregára todas. . . O poder dos outros encerra-se em certos lemites, o teu extende-se aos mesmos, que receberão o poder sobre os outros. Por ventura não podes tu, havendo causa fechar o Ceo a hum Bispo, depô-lo do bispado, e até entrega-lo a Satanáz? . . » [1]

---

[1] V. São Cypr. Ep. 3, 4, 12, e 55. Origines Homilia 55 in Math. São Chrysostomo Homilia 2 in divers. Serm. Santo Ambr. in 1. ad Tim. 3. São Jer. Ep. ad Damasum.

Aqui está como pensava dos Bispos de Roma esse proprio, que só por querer arredar da Curia Romana as mais leves sombras de venalidade, e despotismo, se allega em tom de confiança para se deprimir a jurisdicção essencial do Romano Pontifice. Dir-se-ha por ventura que elle foi encarecido? Encarecido quando louva os Papas, mas veridico por extremo, e exactissimo quando censura certos excéssos, e abusos da Curia!! Eis-aqui hum dos argumentos da boa Logica dos nossos dias! Que mal se ajustão simílhantes discursos, com o que nós sabemos da nobre independencia com que este Santo arrostou, e combateo os vicios de seus contemporaneos, onde quer que elles se tivessem acastellado, sem differençar hum Rei de França, hum Duque de Aquitania, de hum pobre, de hum escravo, ou do mais ínfimo de todos os homens, começando de mostrar no seu Seculo, a imagem dessa justiça imparcial, com que todos serão tratados no dia de Juizo!!

São Bernardo não carece nesta parte de que seus filhos tomem a peito vinga-lo, e defende-lo, quando o mais perverso de todos os Seculos acaba de lhe fazer elogios, e por bôca de quem? De hum Garat, do proprio que intimou a sentença da morte a Luis 16, e que, no elogio do Abbade Sugero, nos recommenda a inflexivel severidade, com que São Bernardo julgou, e reprehendeo os Soberanos, e os Ministros de Estado, *que tremião diante delle*, assim como nos traz á lembrança, que os *póvos maltratados, e opprimidos se vinhão deitar aos pés de hum Monge com a mesma confiança, que os excita nas suas maiores afflicções, a prostrarem-se diante dos Altares.*

Em fim tal he a segurança que eu tenho de vencer esta causa, que nem duvido perguntar a esse Oraculo da Igreja Gallicana, a esse defensor de suas Liberdades, a hum Bossuet. *Quid est Papa?*

„ He, responde elle, huma Potencia Suprema. A Igreja está fundada na sua authoridade. Na Cadeira de São Pedro reside a *plenitude* do poder Apostolico. Quando o Papa he atacado, está em perigo todo o Episcopado. Desde a origem do Christianismo os Papas fizerão sempre profissão de serem os primeiros que observem as Leis, que fazem observar aos outros. Os Bispos todos juntos não tem senão huma só Cadeira,

---

São Bern. de Consideratione ad Eugenium Liv. 2. Cap. 8. Edit. Maur. Paris 1702 fol. 63 et seg.

pela relação essencial que todos elles tem com a *Cadeira Unica*, onde São Pedro, e seus Successores estão sentados. O poder dado a muitos involve nisso mesmo restricções, o poder dado a hum só, e sobre todos, e sem excepção, involve plenitude. A Cadeira Eterna por certo que não conhece heresia. A Fé Romana he sempre a Fé [Catholica, ou] da Igreja. A Igreja Romana he sempre virgem, e todas as heresías receberão della, ou o primeiro golpe, ou o golpe mortal. » [1]

Não me esquivarei de perguntar aos Concilios. *Quid est Papa?* Deixando agora como em reserva, e para occasião em que eu trate a materia *ex professo*, o que me respondem os Concilios de Carthago, e de Alexandria, e outros muitos, lemito-me a ouvir o que me responde o Concilio Geral de Calcedonia, onde logo por entrada eu vejo hum Presbytero Legado do Papa, em lugar distincto, e acima do Bispo *da nova Roma*. » He o Pai dos Pais, o Soberano Pontifice dos Bispos, o Soberano Sacerdote, o Soberano Pontifice, e o Principe dos Bispos. » [2] Que mais he necessario para vivermos certos de qual ha sido constantemente a doutrina da Igreja em todos os Seculos? Era tão firme, e arraigado este conceito em que era tida a Suprema dignidade Apostolica, que os Imperadores lhes chamavão *Summo Sacerdote*, e a sua Igreja, a *Igreja que preside a todas*. Observou-se com effeito desde a mais remota antiguidade o que não disfarçou o grande São Cypriano, apezar de todas as suas contestações com a Igreja Romana, isto he, que a *perfidia nem tinha, nem podia ter entrada com ella*. Nenhum erro, nenhuma heresia appareceo no Orbe Catholico, que não corresse o destino de achar na Igreja Romana hum firmissimo, e inexpugnavel baluarte, diante

---

[1] Todas estas proposições existem por formaes palavras no Sermão, *sobre a Unidade da Igreja*. Parece-me inutil citar paginas, e linhas. Quem hesitar, que o leia, e colherá mais fruto desta lição, que de obras inteiras sobre o Primado do Romano Pontifice, escritas em nossos dias por espirito liberal, e tentende ao fim de cercear, e enfraquecer huma authoridade, que para me servir da expressão de Bossuet, he a que descarregou o primeiro golpe sobre a Maçonaria, denunciando-a aos Reis como perigosa, quando era ainda tempo de a cortar pela raiz.

[2] Sess. 3.ª, 16, e na Carta ao Imperador Theodosio.

de quem se baldavão sempre as furias do Seculo, e do Inferno. Entrou a heresia facilmente nas Igrejas de creação, e Instituição Apostolica, e houve tempos dos mais chegados ao seu berço, em que se perguntassemos o que era feito dellas, achariamos o Arianismo, o Nestorianismo, e o Eutichianismo, Senhor absoluto dellas, e ás vezes por largos annos! E se perguntarmos hoje por ellas, nem se poderão marcar facilmente as suas antigas dimensões, convertidas hoje em hum esteril montão de estragos, e ruinas. Ao suscitarem-se na Igreja de Deos as mais antigas, e famosas controversias, que se movêrão depois da idade Apostolica, não vejo os Quatordecimanos, e os Rebatizantes, julgados em Antioquia, e Alexandria, ou levando a Efeso, e a Jerusalem as suas queixas, e os seus argumentos. Vai tudo parar á Cidade de Roma, que encerra dentro de seus muros, cousa mui superior ás honras de Capital do Imperio, que tambem as gozou Nicomedia, e Bysancio, sem constar, que os seus Bispos fossem consultados por toda a Igreja, ou que os seus Legados nos Concilios Geraes tivessem as preeminencias dos Legados de Roma. As inundações do erro, que podião alagar facilmente outras Cadeiras, e outras Igrejas, nunca podérão nem se quer abalar a Igreja, levantada sobre huma *pedra indestructivel*, que zomba sempre dos Neros, dos Julianos, dos Totilas, dos Alaricos, e dos Bonapartes.

Que he o Papa no sentir dos Mações?

A Seita Maçonica derivada immediatamente de *regeneração* Lutherana, seguio-lhe em tudo as pizadas: o façanhoso reformador, que tambem reconhecêra a Suprema Authoridade Apostolica, e Pontificia, e que só começou a despreza-la, quando vio, que lhe não podia ser favoravel, tratou de aluir, e derribar hum padrasto, que era certamente o unico, que poderia ter mão na rapidez, e felicidade dos seus progressos. Roma foi tratada de Babylonia, e o Papa de Anti-Christo. Da impura bôca desse Monge perverso, insubordinado, e lascivo, sahia ás golfadas o veneno da mais torpe maledicencia, a ponto de que para se demonstrar, que a missão de Luthero foi toda humana, sobejaria produzirem-se os seus ditos picantes, e licenciosos, que nunca os *Enviados do Senhor* usárão de lingoagem, que os manche, e desacredite. Fizerão-se pois as mais hediondas pinturas da authoridade Pontificia, porque se temeo a saudavel influencia, que ella poderia ter, quando amainassem as paixões, e quebrasse a furia dos partidos, e

eis a causa porque ainda em nossos dias!! Se queima nas Praças de Londres a effigie do Papa, que tudo he necessario para accender a imaginação do povo, e dar contínuo pasto a esse antigo desprezo de huma Sé, que por tantos Seculos foi tida, e reconhecida como suprema em toda a Inglaterra. Os Mações mais atilados (felizmente não temos cá destes) considerão-se na mesma linha de aperto, em que se vírão seus pais, os chamados reformadores do Seculo 16, percebêrão, que se a authoridade Pontificia conservasse em todos os Paizes Catholicos o seu antigo respeito, seria não só mui custoso de verificar, mas até impossivel o adiantamento de huma Seita, cujos fins politicos, e religiosos estão de presente na classe dos axiomas. » Se os laços da íntima união, que prendem o Vigario de JESUS CHRISTO aos Soberanos da Christandade, não se cortarem, ou pelo menos se afrouxarem, que será de nós, disserão elles? O pezo da tiara he mais que sufficiente para nos esmagar, se por ventura conspirarem com ella para este fim os Soberanos da Europa; comecemos pois a sublime empreza de malquistarmos o Bispo de Roma com as *Testas Coroadas*, pois reduzidos a huma especie de nullidade os raios da authoridade civil, pouco se nos dará que os outros chovão aos centos sobre as nossas cabeças. »

He pois o Summo Pontifice na lingoagem dos Pedreiros, hum inimigo nato dos Reis, e dos Principes, he hum Soberano formidavel, que depõe os Reis, e absolve os seus Vassallos do juramento de fidelidade, he hum aspirante á Monarquia Universal, que não socegará em quanto o globo terraqueo não estiver sujeito á sua dominação absoluta, e incontrastavel. Apparecem logo em scena os pavorosos nomes de Gregorio 7.°, e Bonifacio 8.°, e pelo que tóca a este Reino, aponta-se com estudado horror a deposição de ElRei D. Sancho 2.°, deste *Rei piissimo*, *e humanissimo*, que fazia passar aos seus *subditos* huns dias *felices e dourados*, mas que succumbio á prepotencia dos Ecclesiasticos, apoiada pelo Successor de São Pedro!!

Tambem cá os nossos *pedantes* se valêrão destas noções historicas. Já em seus impressos distinguião a Igreja Catholica de Igreja Papista, e agora por fim veio o *Sapientissimo Liberal* D. João Llorente, Author da *Historia da Inquisição da Hespanha*, acudir-lhes com hum *Retrato dos Summos Pontifices*, onde, para encurtar mais razões, nega por entrada, que São Pedro estivesse nunca em Roma, e seriamente advoga a causa da existencia do facto da Papissa Joanna, quando em

ambos os pontos, nem os maiores inimigos de Roma, já seguem tão insulsas, e descaradas imposturas.

Conheço o melindroso destas questões, já sustentei, e sustentarei até ao fim dos meus dias, que neste mundo, como lugar do meu desterro, quereria antes soffrer hum máo Rei, quando o tivesse, do que influir, ainda que fosse remotamente, na sua deposição. Tenho diante dos meus olhos esses meus antecessores na Fé, esses Martyres primitivos, que sabendo morrer, nunca souberão fazer conspirações, e he quanto me basta, para fixar de huma vez as minhas idéas! Ao ver comtudo que estes malditos Pedreiros se fazem com terra, para criminarem hum Soberano ausente por necessidade, e que recorrem aos direitos chamados essenciaes do povo, a fim de corrigirem abusos, melhorarem instituições, e promoverem a boa administração da justiça, e que debaixo destes quiméricos principios, e illusorias promessas se arrogão a Soberania, e mui descaradamente se atrevem a muda-la do lugar, onde por direito residia, para humas cabeças de motim, cabeças vertiginosas, onde só cabião outras insignias, e mais apropriados emblemas da abjecção de suas almas, sentimentos, e vontades; e que são estes proprios os que desdenhão da authoridade do Romano Pontifice, como diametralmente opposta aos Soberanos, fico atonito! He incoherencia tão desmedida, e por certo me não devem estranhar os meus leitores, que não me vendo agora senhor de mim, exorbite hum pouco das regras de huma frase mais comedida, qual eu me propozera no começo desta digressão. Com que huma authoridade pacífica, huma authoridade com mais visos de paternal, que de outra cousa, he usurpadora, e intromettida, quando vão chama-la para juiz arbitro dos disgostos de huma nação inteira; e cá os nossos *regeneradores*, que só tinhão motivos para abençoarem o governo do mui Alto e Poderoso Rei o Senhor D. João 6.°, que de tão longe os animava, e condecorava, estes que atropellão todo o sentimento de lealdade ao throno, para ensaiarem neste reino a prática de suas enfadonhas, e abominaveis theorias, estes he que lanção em rosto aos Bispos de Roma a sua ingerencia em negocios seculares!! Triste cousa por certo he atreverem-se os pigmeos a censurarem hum gigante, que nunca se intrometteo nessas grandes questões sobre matrimonios illicitos, e adulterios dos Reis, sobre investiduras, e outras similhantes, para adquirir mais hum palmo de terra! Os Principes como ungidos do Senhor, mettem-me respeito, a mim, que não sou Pedreiro, até depois de mortos, e só a necessida-

de de advogar a causa do Romano Pontifice, he que me obriga a perturbar-lhe o repouso das cinzas. Os Principes de meia idade forão por certo, não o que nos diz, e préga o Maçonismo, para insultar os Bispos de Roma, porém o que nos consta positivamente da historia daquelles infaustos dias. Consultem-se imparcialmente os documentos historicos desse tempo, e achar-se-ha, o quanto deverão os póvos aos Romanos Pontifices seus naturaes defensores. Quando hum São Gregorio 7.° (só este nome faz estremecer a Pedreirada) instava o seu Competidor Henrique 4.° que jurasse, como elle proprio jurava com a Hostia consagrada nas mãos, que jurasse pela sua salvação, que nunca tinha obrado, senão com huma perfeita pureza de intenção, pela gloria de Deos, e felicidade dos póvos, qual foi o motivo por que o Principe se eximio de jurar? Não foi isto o mesmo que publicar á face do mundo a injustiça das suas pertenções? Póde-se rir a seu gosto a Filosofia moderna, e desdenhar das contínuas, e renhidas controversias sobre o ponto das investiduras, que eu tambem me posso rir á minha vontade, de homens, que nunca entrárão no verdadeiro estado da questão, e que por isso abominão os repetidos esforços da Igreja, para se livrar já então de ser huma escrava do Imperio. Não faço agora outra cousa mais, que citar exemplos, e ainda virá tempo, em que São Gregorio 7.° appareça vingado do Seculo 18, e revestido de gloria que lhe deve competir em todos os Seculos, e ainda que o deste Pontifice não foi dos melhores para julgar com rectidão, e inteireza de hum homem, cuja vida austéra o incommodava, e reprehendia, não faltará comtudo mais de hum escritor coevo, e de boa nota, que defina como importa, as boas qualidades deste pertendido rival, ou inimigo dos Principes. Então foi máo que huma só palavra do Vaticano acabasse os odios, suffocasse no berço as dissenções, e fizesse cessar em hum instante os horrores já imminentes da guerra civil, hoje he bom, he santo, e justo, que essas palavras symetricamente dispostas em aranzeis chamadas Constituições, armem terrivelmente metade da Europa contra a outra metade, e que se perpetuem os males da guerra, e que a troco de se experimentar huma theoria de João Jacques, ou do Veneravel Bentham, pereça muito embora hum milhão de homens, que tudo he pouco para as victimas que demandão, e merecem as aras do Maçonismo!! Quem estuda os factos, ou desfigurados, ou adulterados por Mathias Dannenmayr, não vê nos tempos chamados escuros senão tentativas do Sacerdocio contra o Imperio, e a domina-

ção Papal invadindo todos os foros da Soberania, porém ao ler-se por Authores verdadeiramente filosofos, e imparciaes, que escrevêrão depois de hum maduro exame de todos os documentos daquella idade, vê que sobre essas materias controversas de influencia do Clero, e da Tyrannia Pontificia, se explicão deste modo. » O Clero estava tão longe de possuir huma authoridade, que gratuitamente se lhe costuma suppôr, que antes pelo contrario era em toda a parte opprimido e esbulhado dos bens, que ainda lhe restavão, por esses novos Soberanos, que se levantavão por toda a França. Os monumentos desses dias, estão cheios das queixas que fazia o Clero a este respeito. Os Ecclesiasticos não podião salvar-se da oppressão geral, senão reunindo-se, e fazendo corpo separado, e huma especie de Monarquia, de que o Papa devia ser necessariamente o Chefe. . . . . Bem como a antiga Roma foi a Capital, e a Senhora de todo o Mundo conhecido, assim tambem a moderna se vio Senhora da Europa, mas houve huma grande differença no modo porque ellas chegárão a este alto ponto de grandeza. A conquista, e os males, que ella traz comsigo, fundárão o poderio da Roma antiga; o da moderna foi o effeito da Superioridade irresistivel das Luzes sobre a barbaridade. A influencia que os Papas adquirírão *era necessaria*, e foi utilissima á Europa, então dividida em nações meio selvagens, e que o regime feudal tendia a separar em povoações destacadas. Roma foi como o centro de todos os interesses, e a patria commum de toda a Europa, e era o unico fôco de civilização que ainda restava. Quasi sempre a authoridade, e a mediação dos Papas conseguião terminar ou suspender as guerras contínuas, que se fazião pelos inumeraveis Soberanos, de que o Sólo Europêo estava coberto. Os Concilios mui frequentes nesta idade erão como as Dietas geraes da Europa, cada Nação ahi tinha os seus representantes, ahi se regravão os interesses politicos, e civis, assim como as controversias Religiosas, e as Leis que se promulgavão nesses Concilios, ficavão sendo communs a todos os Póvos da Europa. Estas Leis tinhão por objecto essencial, o fazerem desapparecer os usos barbaros, que hum habito inveterado fazia ter na conta de indestructiveis. . . . Para dar cabo delles, foi necessario ataca-los muitas vezes. As Nações Européas deste modo não vinhão a firmar senão hum unico povo, cujas partes se ligavão pela uniformidade do Culto, e que tinhão entre si hum grande meio de communicação em a lingoa latina, cujo uso os Papas mantiverão, e propagárão com muito disvéllo. As artes, e as

letras, desterradas por toda a parte, achavão ainda na Corte Pontificia hum asylo seguro, e huma poderosa protecção. . . . Esta grande Potencia permittia as queixas e representações, e não se offendia, nem das satyras mais amargas. Sabe-se com que docilidade forão recebidas as fortissimas representações, que São Bernardo endereçou ao Papa Eugenio 3.º seu discipulo, sobre os abusos, que pela immensidade de negocios, que se tratavão na sua Corte, e pela affluencia de requerentes, que ella attrahia, deverão necessariamente apparecer. As declamações tão violentas de Petrarca contra a Corte de Roma nenhum prejuizo fizerão ao constante favor, com que ahi foi acolhido, e não impecerão o triunfo com que elle foi honrado no Capitolio: *Nunca se fallou nem escreveo mais livremente do que nesse tempo, que os Escritores ignorantes, ou prevenidos nos querem fazer olhar como Seculos de escravidão.* » [1]

A isto he que se chama conhecer os homens, e os tempos, o mais he andar ás cégas, ou despachar por assessor em materias de tal porte, e viver sempre atolado na mais crassa ignorancia, e na mais estupida credulidade, ao mesmo passo que se exprobrão estes defeitos aos apologistas da boa causa. Ao menos o ímpio Chenier mostrou-se mais sincero, quando ao tratar dos meios de substituir alguma cousa ás Festividades Religiosas, fallou desta maneira. « *O sceptro e a tiara estão unidos com huma cadêa que péza sobre os póvos, e com effeito os Reis, e os Padres tem sido constantemente alliados naturaes.* »

Vamos descendo a outras especies que hão de illustrar o povo Lusitano sobre o verdadeiro caracter da guerra maçonica feita aos Papas, a fim de melhor desenthronizarem os Reis. Era necessario desligar quanto fosse possivel as Igrejas particulares da Igreja Mãi, da Igreja Romana, e para este fim se inventárão, ou encarecêrão as usurpações dos direitos Episcopaes, *e começou de se exaltar sobre as nuvens o Caracter Episcopal digno de marchar em frente com o Romano Pontifice, que a bom concerto, he hum Bispo como são os mais.* Até aqui he bem conhecido o fim de suas tramas, assim como he deplo-

---

(1) Bernardi — De L'enfluence de Charle magne ser la civilisation de L'Europe — Artigo que vem no Tomo 5.º dos Arquivos Literarios da Europa — a pag. 295 — 303 e seguintes.

ravel a *ser* fé de muitos semidoutos, alguns dos quaes tem subido ás maiores dignidades, e que mui contentes, e folgados vivem e morrem nos proprios sentimentos, que poderia ter o Arcebispo de Moscow sem offender a crença dos Gregos Scismaticos! porém que será isto de criminarem com tanto azedume os Papas, que furtárão aos Bispos as ordens Religiosas, que por direito lhe pertencião?? Ah! não cuidem os póvos, que todo esse apparato de huma sujeição a Principe Estrangeiro, ou de hum Estado no Estado, he cousa que metta medo, nem julguem os Bispos *á Febronia*, que eu sou capaz de engolir, ou acreditar a pureza destes refolgados intentos. Não serve não aos Pedreiros huma authoridade, que disponha quando lhe aprouver dessa nuvem de Monges espalhados pelo Orbe Christão. Sujeitos ao Papa, fazem-se Xavieres, e Anchietas, convertem reinos, imperios, e novos mundos. Sujeitos aos Bispos não podem tanto, e por isso he notavel que desde a introducção das *Idéas Liberaes* começárão de ser estereis as Missões Evangelicas outra hora as mais bem servidas, e florescentes. Não se perdoa nem se perdoará nunca aos Monges o crime de sahirem a campo em defensa do seu Prelado, e se Voltaire lhes chama as tropas auxiliares, ou os Janizaros do Papa, dahi á pouco vem hum Dannenmayr usando de termos equivalentes para os accusar de exaggeradores da authoridade Pontificia, e conseguintemente de authores de toda a decadencia de costumes e letras, que a Igreja tenha experimentado desde que forão estabelecidos! Ah! Dannenmayr Dannenmayr trago-te huma sêde, que sem hum pequeno desafogo nesta hora serias capaz de me tirar a vida! Tu feito oraculo dos Portuguezes! Tu meio Protestante, e que por vezes além passas o teu director Mosheim, em audacia, e temeridade! Tu feito o preceptor de huma Nação Catholica!!! Bem sei, bem sei para que foste admittido, e he de força reconhecer-se que não vieste debalde para se espalhar a semente das anarquias civil e Religiosa, de que tens hum celleiro o mais farto, e bem provido. Quero dar-te hoje huma limitada prova da minha affeição para responder, quanto em mim fôr, a que tens, e mostras de contínuo aos Monges, só com a differença que tu escreves romances, e fabulas, eu escreverei verdades, e argumentos decisivos. Muito embora se mordão de raiva esses *pedantes*, esses nescios teus admiradores... eu vou deitar a luva no meio da praça.... quem quizer que a levante, e o peior he que nenhuma gloria me resultará nem de propôr, nem de acceitar o desafio.

Lava-se em agoa de rosas este miseravel em tudo que lhe parece contrario, e adverso á Igreja Romana, e tão cégo e esquecido de si proprio, andava no meio dos impulsos ou da Luciferina inveja, que dia, e noute o vexava, ou da mania de ser *Theologo Cortezão*, que chega a pôr nos seus paragrafos hum titulo infame, deslocado (1) e petulante como este = *POTESTAS PONTIFICIA LABEFACTATA.*

Onde estarei eu? Em Portugal Reino Catholico, Reino obedientissimo á Sé Apostolica, ou estarei em Ausburgo ou em Wittemberg, assistindo ás protestações, e formulas hereticas, ou ás violentas diatribes de Luthero contra o Successor de São Pedro? Se o dia em que os póvos começão de ser menos religiosos, he tambem o dia, em que começão de ser menos leaes ao throno de seus Principes, não me será mui difficil achar nos primeiros indicios que houve neste reino, de falta de obediencia á Sé Apostolica, o verdadeiro germe da horrorosa, e nefanda rebellião propalada a 24 de Agosto de 1820, mas disposta, e como em fermento haverá pouco mais de meio Seculo. A Sé Apostolica he a mais segura alliada, que tem ou podem ter os Soberanos do Universo, o que he tão certo, que os proprios herejes, e como taes separados de seu dominio, ainda em nosso tempo conhecêrão qual he o verdadeiro espirito dos Romanos Pontifices, de que me bastará citar hum exemplo. Quando o Santo Padre Pio 7.° jasia no para elle mais carcere, que palacio de Fontainebleau, hum Membro do Parlamento Britanico vociferou desta maneira « Eu penso » e até estou certo que o Papa não he mais que hum *misero bonceo* nas mãos do usurpador do Throno dos Borbons, que não ousa nem bulir-se sem ordem de Napoleão, e que se este ultimo lhe pedisse huma Bulla para animar os Padres Irlandezes, a que levantassem os seus rebanhos contra o governo, elle não

---

[1] Sim deslocado, porque nas explanações que o seguem mistura as tentativas dos Christãos *assim como Arnaldo de Brescia*, que apenas vem censurado de ter demasias, com as tentativas dos Reis como Filippe Formoso e outros! Só este paragrafo que he o undecimo do Periodo 4.° Cap. 2.° dava materia bastante para se escreverem grossos volumes em folio!!! O certo he que todo elle se versa em justificar hereges condemnados pela Igreja, e Soberanos, a quem a Historia nem por isso faz grandes elogios!!

a negaria ao Déspota. » (1) Mas toda a verdade foi que o mesmo Déspota forcejou por levar o Santo Padre a que adoptasse as suas medidas contra os Inglezes, e adherisse ao Systema Constitucional, e o Santo Padre respondeu « que sendo Pai commum de todos os Christãos *não podia ter inimigos nesta classe*; (2) e preferio as mais duras e pezadas, posto que gloriosas cadêas a hum passo, que instadas do Usurpador, tão facilmente derão as grandes Potencias da Europa!!

He lastima e grande lastima que os *filhos* tratem de esbulhar seu Pai de todas as honras, que lhe competem, deixando-lhe sómente huma sombra de authoridade, hum primado nominal, e quimerico; e que hum Lutherano como foi Leibnitz ao tratar-se da união das Igrejas Catholica, e Protestante, fizesse o plano de huma Republica Christã, de que o Papa fosse a Cabeça espiritual!! porém nada já póde ser estranho, a quem vê de huma parte Fleury sustentando, que he licito apellar do Papa para o Concilio Geral (o que desfiado cá em materias politicas vem a dizer apellar do Rei para as Cortes; que o julguem como quizerem e o deponhão se lhes agradar) e de outra parte hum Mosheim afflicto de tal direitó de apellação, que segundo elles destróe a unidade visivel da Igreja. Consolem-se todavia os Catholicos Portuguezes de que a boa causa vai diariamente alcançando novos triunfos. As doutrinas Liberaes tem cahido geralmente no desprezo, que merecem, o idolo dos nossos *semidoutos*, a escola de Pavia he de presente hum objecto de horror e execração em toda a Italia, que se peja de lhe ter dado o berço. Em fim os verdadeiros Christãos seguem á letra, o que escrevia ha poucos mezes hum Bispo da Igreja Catholica de Inglaterra, que he tão distincta pela sabedoria, e regularidade de costumes de seus Pastores.

« Que singular e estupendo acontecimento não he nos annaes da historia a firmeza, e perpetuidade do throno Pontificio, que São Pedro estabeleceo na Cidade de Roma! No meio das revoluções do mundo, e das vicissitudes dos successos politicos, que pelo decurso das idades tem feito mudar as dynastias

---

[1] Parliamentary debates Vol. 4 London 1805 in 8.° col. 726.

[2] Nota do Cardeal Secretario de Estado datada do Quirinal a 19 de Abril de 1808 em resposta a outra de Mr. Le Fevre Encarregado dos negocios de França.

e constituições dos estados, reinos, e imperios da Europa, nós vemos o throno espiritual sempre immovel e sempre occupado de successivos summos Pontifices, que em todos os Seculos tem governado a Igreja de Christo com a mesma Suprema authoridade espiritual, bem como foi exercitada, por esses que ahi se sentárão nas primeiras idades do Christianismo. Tem persistido este throno, qual rocha firme, contra a qual os ventos e vagas contrarias debalde tem esgotado o seu furor. A authoridade de Pedro, que vive sempre no seu successor, he com effeito aquella pedra, em que Christo edificou a sua Igreja, sempre vencedora de todos os poderes do inferno, e sobre a qual erigio a *columna da verdade*, que offerece a todas as Nações, e em todas as idades, a Luz inextinguivel da Fé Divina. » [1]

Ao despedir-me por esta vez dos Theologos, e Canonistas Liberaes, quero mostrar-lhes até onde chega a minha convicção dos privilegios essencialmente annexos á Igreja Romana.

Não me canso agora em propôr-lhes *ex abundanti*, que não recuso defender perante elles a

INFALLIBILIDADE DO PAPA

visto que elles não entendem o que he primazia em cousas espirituaes, nem o facil nexo dessa primazia com esta *infallibilidade*, que já os bons Theologos Francezes, sem exceptuar o grande Bossuet, concedem á *Igreja*, *e não á Pessoa*!! Quero chama-los para cousas mais ao alcance dos seus estudos.

Nenhum Pontifice até agora tem errado em materias, ou pontos de Fé. . . . . .

Provai-me o contrario desta verdade, e veremos se eu me posso desembaraçar dos vossos argumentos.

Bem sabeis que por estas proposições não se faz grande fortuna em Portugal. . . . Encetei a minha carreira literaria em Coimbra pela defensa do Papa Liberio, e desde então protes-

---

[1] Traducção fiel de huma passagem da Carta Ecclesiastica do Doutor Paynter, Bispo de Halia, e Vigario Apostolico do districto de Londres, ao dar parte aos fieis da eleição do S. Padre Leão 12, datada em Londres a 27 de Outubro de 1823.

tei desmascarar os ignorantes, que se dizem sabios, e promover quanto em mim fosse a authoridade Pontificia. . . . Sim a authoridade Pontificia, que não dá Cadeiras, nem Bispados neste Reino ! ! ! (1)

---

(1) O Mastigoforo está ancioso de dar huma *chicolada* no pobre, e bem pobre Dannenmayr, não sei se faz bem nisto, porque o tal homemzinho tem grandes valias neste Reino, mas em fim não ha remedio senão fazer-lhe o gostinho. Ao menos vai em nota, para que os Leitores por ventura anojados da extensão do artigo, a ponhão de parte se quizerem. Fica para outra o exame dos Serviços, que os Protestantes fizerão á Historia Ecclesiastica, que o bom Mathias julga desprezada até ao Seculo 16; ainda se ha de mostrar a Lei do Celibato em a sua verdadeira luz, desasombrada das trévas Maçonicas, e convertida em principio de reforma de costumes, e por ventura o unico, e derradeiro asylo da Santidade nesses proprios Seculos, em que o Mathias, o *preceptor da Mocidade Portugueza*, não se esquiva, nem se peja de chamar-lhe o principio da soltura de costumes, e da corrupção geral! Apparecerá em fim o que se tem dissimulado, e applaudido neste Reino, que em 1646 se gloriava de sustentar, defender, e *jurar* a CONCEIÇÃO IMMACULADA DE MARIA SANTISSIMA, e que em 1810 já aprendia a Historia Ecclesiastica por livros, que taxão aquelle Juramento de *piedosa teima.* (pervicaciter piis) Vamos ao nosso caso. Lê-se a pag. 183 da Edição Paviense de 1789, que os Christãos desde os tempos de Constantino estudárão, ou cultivárão a Filosofia com maior empenho, do que havia dantes, no que influião muito os Imperadores, que lhes accendião o desejo de saber, *et si* (aqui vai o correctivo) *laetioribus progressibus plura obstarent*, *nimius praesertim vitae asceticae et monasticae amor.* Temos pois a *Fradaria* criminosa de não apparecerem naquelle periodo mais Bispos que nos contassem amores como os de Theagenes a Cariclea, e fautores dessa *melancolia*, que desviando o homem de fazer *Retratos de Venus*, ou de Thetis, ou das Graças *cobrio de luto* a especie humana, a qual por ter *nascido para essas frivolidades*, cahe da sua honra, e do seu decoro, todas as vezes, que se omittem, ou põem de parte aquellas festanças, e alegrias. Ora pois não diga o Mundo, que eu motejo de Dannenmayr, e que o não refuto . . . . ahi vai a

Patria. — Santa palavra foi esta, quando sahia da bôca dos Mucios Scevolas, dos Manlios, dos Horacios Cocles, e dos Asilios Regulos entre os Romanos, ou de hum Egas Moniz, de hum Nuno Alvares Pereira entre os nossos Portuguezes! Caso porém tenha de sahir pela bôca dos Pedreiros, ei-la ahi mudada inteiramente de sentido, e capaz de metter

---

pura verdade Historica. Quem fosse candido e sincero, e não levasse a idéa antecipada de perseguir, e doestar os Monges, onde quer que os topasse, não affectaria esquecer-se do Decreto de Juliano Apostata, que prohibio aos Mestres Christãos o uso dos authores Profanos, medida esta que seu proprio amigo e confidente Amiano Marcellino censurou de inclemente, e digna de se cubrir com hum perpétuo silencio. (Inclemens edictum peremni silentio obruendum, L. 21.) Quem fosse inteiro nos seus juizos contentava-se de attribuir aquella decadencia ás causas geraes, que a produzírão naquelle tempo, e havia de censurar antes o Seculo, do que os Monges, no que todavia era injusto, pois he irresistivel a sorte das cousas humanas, que parece nunca sobem alto, senão para nos mostrarem dahi a pouco, visivelmente, a sua quéda, ou antes o seu nada!! Se o nosso Mathias põe obrigação aos Frades, de sobresahirem nas letras humanas, *e de firmarem annualmente hum Virgilio, e hum Horacio*, então queira repartir esta obrigação com outras classes, e corporações do Estado, que todas lhe subministrarão iguaes motivos de queixa. Não estranhe que a espantosa differença que vai dos Libanios aos Demosthenes, fosse notavel entre os proprios Gentios, nem commetta a aleivosia de fazer crime dos Monges, o que só era defeito do Seculo, e repare que o Monge São João Chrysostomo covo desses tempos, he o que ainda mais se chega da Eloquencia de Demosthenes, do que os proprios Escritores Gregos do Seculo de Augusto. Ora tudo isto era de sobejo para se mostrar a ignorancia, ou má fé com que o tal *egregio Paviense*, *ou afilhado dos Pavienses* procede em todas as cousas relativas aos Papas, e aos Monges, porém ha grande copia de argumentos, que desvaneção, e pulverizem aquelle juizo *em tom dictatorio*, que he indispensavel, quando faltão provas, e se dá com esses tolos e basbaques satisfeitos do *Ipse dixit*. Desde esses tempos em questão, as letras, e bons estudos começárão de ter bom gazalhado no retiro dos Claustros. O Imperador

medo ao proprio Inferno! Patria quer dizer para elles = a Seita Maçonica = Amor da Patria = Perigos da Patria = e mais outras expressões do mesmo jaêz, refundem-se actualmente em Amor da Seita, e Perigos da Seita. Ha muito que os Pedreiros estabelecendo o seu *Cosmopolitismo*, deixárão de ter o que nós chamamos Patria. Considerão-se todos como *Cidadãos*

Theodosio Magno escolheo o Monge Arsenio para Mestre dos Cesares seus filhos; (Honorio, e Arcadio) e o nosso Dannenmayr tão namorado de Escritores Protestantes, podia, e devia ler no seu *CAVE*, que este Monge foi erudito nas letras Gregas, e Latinas. Não consta que o retiro dos Mosteiros empecesse hum Fr. Marcos (Monge do Monte Cassino em 610) para escrever as acções do seu grande Patriarca em verso mui elegante, que no sentir do mesmo Cave, além passa muito o que se devia esperar do seu Seculo! He lastima que Dannenmayr satisfeito de nomear os homens grandes de hum periodo, não quizesse fazer a justiça ao menos de declarar, que São Maximo Abbade Chrysopolitano cultivou felizmente a Grammatica, e a Mathematica, que São João Damasceno foi distincto na Filosofia, e Mathematica, que o Veneravel Béda além de Filosofo tambem era Poeta, que Alcuino, este monge versado nas lingoas Latina, Grega, e Hebraica, e author de varios poemas, se deve ter como fundador das Academias de Tours, Soisson, Fulda, e outras. Podia notar se lho permittisse a cegueira do seu odio aos Monges, que os trabalhos ou Historicos, ou Chronologicos, ou Astronomicos dos Monges Fredegario, e Jorge, dos quaes este florecia em 792, e aquelle em 740, não devem ser postos de parte, nem tidos por inuteis; e fazendo agora huma pequena diggressão para a nossa peninsula das Hespanhas, acharia se quizesse o Monge Santo Isidoro de Sevilha, que nos seus 20 livros de Etymologias nos deixou huma Encyclopedia Historica, que assim lhe chama hum *Escritor moderno* (*Meusel = Guia para a Historia de Literatura*) e para que não seja excluida destas glorias do Monachato a nossa Lusitania, que era senão Monge hum São Martinho Dumiense, que segundo afirma o citado Escritor, foi hum Filosofo sabio, e imitador de Seneca? Tão longe estava de succeder nesses tempos, o que desafiou a *bilis* do nosso Mathias contra os Frades, que o illustre, e verdadeiramente grande Cassiodoro deixando o estrepito da vida se-

do Mundo, e o mundo que elles intentão subjugar, e espezinhar, he tido por elles como a verdadeira Patria dos Mações, sem restringirem aquelle nome a certo Reino determinado, em que cada hum nasce, he educado, e goza os direitos de Cidadão. Costuma dizer-se, que quem não tem vergonha todo o mundo he seu, e apenas debaixo deste sentido, he que o mundo he já dos Pedreiros, e elles devem chamar-se Cosmopolitas. Muito embora qualquer nação indisposta contra estes insípidos, e malogrados Regeneradores se levante em *massa*, e se ponha a gritar = Aqui d'ElRei contra os falsarios, e salteadores, que nos enganão, e saqueão, = appareça no meio disto huma duzia de Pedreiros com alguma sombra de authoridade, e ouvi-los-hemos bramir contra os inimigos da Patria, e logo se estampará em seu Diario de tolices, e nas suas Proclamações de impostura, que he necessario correr ás armas, visto que a *Patria está em perigo*! Toda a gente fica immovel sem arredar pé, em quanto elles botando os bofes pela bôca fóra, não prégão, nem sentem senão os males da Seita, a qual daqui por diante já não ha de governar, ou encher á vontade os seus cofres, e as bolsas dos seus adeptos! A Convenção Franceza, todas as vezes que a Facção preponderante, ou Jacobinica estava a ponto de perder a sua influencia, declarava a *Patria em perigo*, e já deixei notado, que os nossos ***Heroes das necessidades*** fizerão outro tanto, depois que o ***Exercito***, e o ***Povo***, os Grandes, e os pequenos lhes voltárão as costas. Nessa parte não desdisserão dos seus originaes, porém como devião estar certos, que sem huma boa Legião de ***Marselhezes***, e ***Septembrizadores*** perdião a obra, e o feitio, já para o fim, por modo que hião dando no chiste. Invocárão-se os *Manes de Robespierre*, e expressárão-se as mais ***vivas saudades*** desse bom tempo da guilhotina, que em poucas horas aviava quinhentas, seiscentas cabeças!! Foi pena que estes rasgos de Ciceronico-Pedreira eloquencia, apenas ficassem no

---

cular, encerrou-se no Mosteiro Vivariense na Calabria, e ahi se deo todo aos artificios mecanicos, e á Filosofia, além de escrever muito sobre as sete disciplinas, que fazião o Curso Literario daquelles tempos a saber Grammatica, Logica, Rhetorica, Musica, Arithmetica, Geometria, e Astronomia. Por esta vez he quanto basta, que não faltará cedo occasião de malhar neste mísero Author, como em ferro frio.

borrador dos Taquigrafos, e não sahissem como appensos da immortal Sessão de 2 de Junho, em que a Patria agonizante ainda se lembrou de fazer os seus interesses por meio de hum *atilado nervoso, e em tudo magnifico protesto*, que sendo o verdadeiro crysol do amor da Patria, foi tambem a ultima trincheira onde se acolhião esses *Brutos*, que perdêrão tudo, *menos a honra*!!!

Patriota. — Muita cousa quer dizer esta palavra! Na Revolução Franceza todo o homem, que fosse capaz de *beber hum cópo de sangue*, ainda que este sangue fosse de seu Pai, ou de sua Mãi, era hum decidido *Patriota.* Bastava ser hum denunciante por officio, hum espião por gosto de fazer desgraçados, hum malfeitor por genio, e *vocação* para tudo quanto fosse máo, e dava-se tudo o necessario, a fim de se conseguir a *Laurea* de Patriota! Se a tudo isto accrescia hum *barrete* vermelho na cabeça, e hum *laço tricolor* ao peito, era ouro sobre azul, e hum homem destes podia furtar, e roubar á sua vontade por toda a extensão da França!! Pobre de quem se lastimasse, ou queixasse destes horrores, que não tardaria muito a ser denunciado de *Aristocrata*, de *Realista*, e de *Refractario*, e só pelo dito singular de hum Patriota seria arrastrado á Guilhotina! He certo que a nossa *Linda menina*, a Constituição, morta violentamente, quando apenas *engatinhava* (pois nunca teve a fortuna de andar pelo seu pé) não deo lugar pela curteza de sua vida, a que nós vissemos claramente o que he ser hum Patriota *energico*, e *decidido*! Mas que excellentes, e guapos moços se perdêrão, ou malográrão ao darem as mais bellas esperanças de serem huns verdadeiros Patriotas!! Que não chegaria a ser hum certo, que promettia *matar seu Pai*, se elle fosse Corcunda!! Que boas esperanças não dava o Soneto Coimbrão, feito

> Ao denodo, e Patriotismo do Brioso Soldado, que em defeza da Patria no ataque de Amarante *matou seu irmão* por seguir as bandeiras dos *rebeldes.*

Que fechava desta maneira

> Nem sangue fraternal val aos Tyrannos!
> Pasmai, pasmai oh fastos decantados
> » De Assyrios, Gregos, Persas, e Romanos!

Que encendido Patriotismo não *fulgura* dessa Proclama-

ção de alguns Transmontanos, onde se lê a clausula notavel, e espantosa. » Jurai odio eterno aos traidores que vos seduzírão, e nunca mais ouvir suas cavillosas promessas. Se não fazeis tal juramento, se o não cumprirdes, nada vos disculpará, e nós protestamos, que não queremos jámais pertencer a huma Provincia tão degenerada; sim, não queremos pertencer a huma Provincia, que pertende destruir a sua com a Liberdade da *Patria*, desunidos para sempre de vós, deixando de ser vossos filhos, vossos amigos, vossos Patricios, *recordados de que tão illustre Provincia foi a primeira que teve hum rebelde*, seremos filhos de Portugal, etc. » E que direi daquelle bom *Patriota*, que em huma certa Camara deste Reino propoz, que *se envenenassem as fontes*, caso se aproximasse o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel, então chegado a Santarem!!!

A final está visto, e demonstrado, que o *Patriota* he hum animal, peior que os cães damnados, pois em lhe dando a onda, não ha pai por filho, nem filho por pai, he morder, e atassalhar a torto, e a direito, e quanto maior estrago se fez tanto mais se brilhou!! He pois o achaque do *Patriotismo*, nos Mações huma verdadeira *Hydrofobia Politica*, de que he tão difficil ter huma cura perfeita, como da outra *Hydrofobia*. Estavamos nós guardados para apparecer mais esta doença em o nosso tempo! He arguida quasi geralmente a America de nos ter mandado em troca do assucar, do cacáo, e da cochenilha, esse mal devastador da especie humana, que chegando a marcar indelevelmente os proprios óssos dos defuntos, inficionava tambem o primeiro sangue dos vivos. Ora desses vastos continentes, he voz e fama, que vierão para a França já mui iscados da molestia do *Patriotismo* esses officiaes da expedição, que hum Rei mandou para fundar huma republica! e o certo he que pegárão a molestia a hum crescido numero de Francezes, que depois sobresahírão como verdadeiros Patriotas, em fazerem *roupa sua* como Francezes que erão, tudo quanto havia nas casas nobres e Mosteiros, e em assasinarem hum sem numero de victimas innocentes; o que tudo parece dar occasião ao Problema. » Quando nos foi mais fatal a America? Se mandando-nos de presente as doenças Celticas, se brindando-nos com esse *Patriotismo*, que foi huma das causas principaes da Revolução Franceza, e até da effervescencia das Sociedades Secretas da Allemanha!

Excellentissimo e Reverendissimo Senhor.

Li, e examinei com a possivel attenção o manuscrito, intitulado = *O Mastigoforo* = N.º 3.º contém vinte e dous artigos, notas, e alguns fragmentos da Pastoral do Bispo de Tregnier. A Erudição, as rectas intensões, o conhecido, e fervoroso zello de seu author pelo bem da Religião, noutras, e nesta producção, os assignalados, e conspicuos serviços que faz ao Throno, e ao Altar, trazem em si a mais bem merecida approvação. Continúa neste N.º a dar a genuina, e verdadeira inteligencia a tantas palavras, ou termos enfaticos de que se compõe a nova Sciencia, que atormenta o Seculo em que existimos, e desterra as funestas illusões, que de tantos males tem innundado o Mundo: Sciencia tenebrosa, que tanto tem abusado da ignorancia, inreflexão, ou malicia dos homens, illudindo incautos, e multiplicando perversos. O amor da verdade o arrebata, e huma solida piedade faz seu estylo impetuoso, e as suas mesmas incorrecções em algumas partes, são como exalações de hum coração inflammado no amor da virtude, e no odio do vicio. Os seus argumentos são vigorosos, e caminhão sempre com passo seguro á demonstração. Julgo pois o presente escrito muito capaz de destruir o indifferentismo Literario, que he dos males da época actual o mais funesto; e já que estamos livres do diluvio de inepcias, e impiedades, que nos innundáirão por tres annos, justo he que se substitua ao *Jargão* revolucionario, huma Leitura Religiosa, sensata, e verdadeiramente filosofica, porque verdadeiramente Christã, cuja publicação pela Imprensa he do maior interesse. Este he o meu parecer, mas Vossa Excellencia mandará o que quizer, e for servido. Lisboa 17 de Abril de 1824.

José Agostinho de Macedo.

LISBOA:
NA TYPOGRAFIA MAYGRENSE.
ANNO 1824.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Rua de Santo Antonio dos Capuchos, N.º 87.